



DAIANNA QUELLE DA SILVA SANTOS DA SILVA
 GILMAR SOUZA COSTA
 ORGANIZADORES



ECOS DA ESCRAVIDÃO

**EM DOCUMENTOS LITERÁRIOS E NÃO-LITERÁRIOS
 ESTUDOS FILOLÓGICOS, HISTÓRICOS E LINGÜÍSTICOS**



Editor: Clacir Virmes Junior
Assistentes: Benjamim Filho e Érick Santos





Editoração: Clacir Virmes Junior
Normalização: Giulia Pradela
Capa: Jesus Cristo
Programação visual: Fábio Roberto
Produção: Unaspres

Ecos da escravidão em documentos literários e não-literários: estudos filológicos, históricos e linguísticos

1ª edição — 2016
500 exemplares

Todos os direitos reservados para a CePLiB. Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em breves citações, com indicação da fonte.

Todo o texto, incluindo as citações, foi adaptado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em 1990, em vigor desde janeiro de 2009.

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ecos da escravidão em documentos literários e não-literários: estudos filológicos, históricos e linguísticos / Daianna Quelle da Silva Santos da Silva, Gilmar Souza Costa (orgs.) — 1 ed. — Cachoeira, BA: CePLiB, 2016.

ISBN: 978-85-88818-28-6

Bibliografia.

1. Ensino médio 2. Livros-texto (Ensino fundamental) 3. Livros-texto (Ensino médio) I. Silva, Daianna. II. Costa, Gilmar.

12-03219

CDD-373.19

Índices para catálogo sistemático:

1. Ensino integrado : Livros-texto : Ensino fundamental 372.19
2. Ensino integrado : Livros-texto : Ensino médio 373.19



SUMÁRIO

7 APRESENTAÇÃO

11 PREFÁCIO

PARTE 1 - A FILOLOGIA E ENSINO

15 INICIAÇÃO CIENTÍFICA NO ENSINO MÉDIO: OS NOVOS DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO NO SÉCULO XXI

23 A FILOLOGIA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

PARTE 2 - A FILOLOGIA NO CLICEL

37 CAMINHOS DE LINGUAGEM NO ENSINO BÁSICO

55 FILOLOGIA EM POEMAS: UMA ANÁLISE DE “SUPPLICA” DE CASTRO ALVES

65 O CHORO NA VISÃO DE CASTRO ALVES: EDIÇÃO FILOLÓGICA E ESTUDO DO POEMA “CANÇÃO VIOLEIRO”



75

EDIÇÃO FILOLÓGICA E VARIAÇÕES GRAFEMÁTICAS
EM “FÊ, ESPERANÇA E
CARIDADE” DE CASTRO ALVES

81

A ESCRAVIDÃO QUE MANCHOU A “AMERICA”:
UMA ANÁLISE FILOLÓGICA DO POEMA
DE CASTRO ALVES

95

“MEO E TEO”: VARIAÇÕES GRAFEMÁTICAS
E DO CONTEXTO SOCIAL EM “MANUELA”
DE CASTRO ALVES

105

EDIÇÃO FILOLÓGICA E VARIAÇÕES
GRAFEMÁTICAS EM “FABULA - O PASSARO
E A FLOR” DE CASTRO ALVES

PARTE 3 - FILOGIA HISTÓRIA E LUTAS ABOLICIONISTAS

119

LABOR FILOLÓGICO EM CARTAS
DE ALFORRIA

137

GAZETAS, MEETINGS E ALFORRIA:
ABOLICIONISMO NO RECÔNCAVO BAIANO
(CACHOEIRA, 1880-1888)

PARTE 4 - ANEXOS

151

BIOGRAFIAS

161

SOBRE OS AUTORES



APRESENTAÇÃO

O Clube de Iniciação Científica em Estudos de Linguagens (CLICEL) - sediado no Colégio Adventista da Bahia – prioriza, em sua trajetória acadêmica, os estudos inter e transdisciplinares para os estudantes do Ensino Médio. Diante de encontros em eventos científicos, inquietações e trocas de experiências com pesquisadores que lideram núcleos e grupos de pesquisa de duas universidades, a saber: o Núcleo de Estudos do Manuscrito (NEMa) e Grupo de Edição de Textos (GET) que estão sediados na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS); o grupo de pesquisa Práticas de Edição de Textos do Ceará (PRAETECE) pertencente à Universidade Estadual do Ceará; e de um membro do Núcleo de Pesquisa e Extensão (NAIpe) sediado na Faculdade Adventista da Bahia (FADBA), entendemos a necessidade de se realizar reflexões e interconexões entre filologia, ensino, língua portuguesa, abolicionismo e história. O resultado é a produção do livro: *Ecos da Escravidão em documentos literários e não literários: estudos filológicos, históricos e linguísticos*.

Organizamos a obra em três partes: *Filologia e ensino; A filologia no CLICEL; Filologia, História e lutas abolicionistas*.

A primeira parte, *Filologia e ensino*, é composta por dois capítulos que abordam questões de pesquisa na área de linguagens para o Ensino Básico. No capítulo 1, intitulado *Iniciação Científica no Ensino Médio: os novos desafios para a educação no século XXI*, Gilmar Souza Costa nos elucida acerca da necessidade de o Ensino Básico estar engajado na pesquisa como cerne basilar para o processo ensino-aprendizagem. Deste modo, o autor traz teóricos fundamentais para esta empreitada, além de dados de pesquisa coletados através de



educandos que sinalizam a falta de interesse na educação baseada no acúmulo de conteúdos programáticos. No capítulo 2, *A Filologia no ensino de Língua Portuguesa*, Expedito Eloísio Ximenes aborda a importância do fazer filológico nos dias atuais e a sua correlação com o ensino de língua e de literatura no Ensino Básico. Deste modo, destaca a presença da disciplina Filologia em alguns cursos de Letras dentro das universidades e procura desmistificar a ideia de que a Filologia deve estar “nos bancos acadêmicos”, ou seja, nos cursos de Graduação e Pós-graduação, porque defende que ela pode e precisa fazer parte do currículo escolar no ensino médio, pois através dos textos, os conhecimentos da língua e da literatura poderão ser mais debatidos e compreendidos, além de os estudantes ampliarem as possibilidades de aprendizagem.

A segunda parte, *A Filologia no CLICEL*, é composta por sete capítulos resultantes do estudo de alguns poemas de Castro Alves à luz da Filologia, fomentados no âmbito do Clube de Iniciação Científica em Estudos de Linguagens – CLICEL. O primeiro capítulo, “Caminhos de linguagem no Ensino Médio”, Daianna Quelle da Silva Santos da Silva e Gilmar Souza Costa abordam o surgimento do CLICEL, os pilares teórico-metodológicos, as linhas de pesquisa e os estudantes que compõem o Clube até o presente momento. Com vistas a estabelecer os elos devidos entre o labor filológico, os estudos interdisciplinares (literatura, língua e história) e a pesquisa, os autores explicam o primeiro projeto adotado pelo CLICEL, que trata da edição semidiplomática de alguns poemas abolicionistas de Castro Alves, bem como a linha de pesquisa que se encaixa primordialmente, a fim de propiciar aos integrantes do Clube a compreensão da abolição da escravatura no Brasil como assunto importante e compreensível através dos poemas escolhidos – como gênero de texto, conteúdo programático de Literatura e como testemunho da História (enquanto disciplina e fato). Nos outros capítulos (2, 3, 4, 5, 6 e 7) unanimemente os autores explanam a edição semidiplomática do poema que escolheram para estudar, fortalecendo a importância da edição filológica como forma de restituir fidedignamente o *corpus* e, posteriormente, a execução de duas análises: a das variações grafemáticas e literárias de cada poema. Deste modo, no capítulo 2, *A Filologia em poemas: uma análise de “Supplica” de Castro Alves*, Larissa Menegazzo Nunes traz, através de “Suplica”, uma análise literária totalmente imbricada com contexto histórico-literário que o poema fora produzido. No capítulo 3, *O choro na visão de Castro Alves: edição filológica e estudo do poema “Canção do Violeiro”*, Rebeca Monteiro de Moraes, ao fazer a análise literária, prioriza o “choro” como

temática predominante no poema. No capítulo 4, *Valores de anjos: edição filológica e estudo das variações grafemáticas no poema “Fé, esperança e caridade”*, Tássia Camile de Matos Barbosa destaca os “valores de anjos” – fé, esperança e caridade, como pontos importantes de análise literária do *corpus*. No capítulo 5, *A escravidão que manchou a “America”: uma análise filológica do poema de Castro Alves*, Anne Carol Abreu Céo aborda como viés literário a ideia da América “manchada” pela escravidão, por este motivo o trocadilho exposto no título. No capítulo 6, *Meo e Teo: estudo das variações grafemáticas e do contexto social no poema “Manuela” de Castro Alves*, Emerson Henrique Leite da Rocha propicia encontros entre a análise literária e as questões sociais circundantes e importantes para o destino das personagens do poema. No capítulo 7, *Tu és livre – escrava eu sou: edição filológica e estudo das variações grafemáticas do poema “Fabula - o passaro e a flor” de Castro Alves*, Liz Daiane dos Santos Teixeira expõe como questões literárias algumas metáforas e outras figuras de linguagem compreendidas no poema, bem como a percepção da ideia de “pássaro” e “flor” no *corpus*.

A terceira parte, *Filologia, História e lutas abolicionistas*, é composta por dois capítulos atentos ao abolicionismo sob os vieses da Filologia e da História. No primeiro capítulo, *Labor filológico em cartas de alforria*, Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz destaca a importância da Filologia pois proporciona edições confiáveis e a compreensão de documentos mono e politestemunhais. Apresenta duas cartas de alforria - editadas através dos critérios filológicos pontuados no capítulo e publicadas no livro *Manuscritos baianos dos séculos XVIII ao XX: livro de notas e escrituras* – e através do conteúdo daquelas faz interconexões com os poemas de Castro Alves e os ideais de liberdade. Além disso, a autora ilustra alguns estudos no âmbito linguístico efetuados através das cartas: o estudo do vocabulário e o das variações grafemáticas. No segundo capítulo, *Gazetas, Meetings e alforria: abolicionismo no Recôncavo Baiano (Cachoeira, 1880-1888)*, Jacó dos Santos Souza analisa questões abolicionistas no recôncavo baiano por um período de oito anos (1880 – 1888). Assim, faz o estudo de dados à luz da História através de alguns textos como o periódico *O Asteróide* e o jornal *O Guarany*. É importante ressaltar o cuidado do presente autor ao transformar o capítulo numa narrativa repleta de nomes importantes e lugares do recôncavo (Cachoeira, Cruz das Almas, São Félix e outros) no processo de abolição da escravatura.

Com este livro pretendemos oferecer ao leitor os “ecos” abolicionistas “ouvidos” através da Filologia aplicada aos poemas manuscritos de Castro Alves e às cartas de Alforria e, os “ecos” da História “transmitidos”, em especial, pelos



ECOS DA ESCRAVIDÃO

periódicos do recôncavo. Este é um caminho desejado por nós para o Ensino Básico e todos interessados em aprofundar seus estudos nas áreas citadas.

Daianna Quelle da Silva Santos da Silva
Gilmar Souza Costa
(Organizadores)





PREFÁCIO

Uma ideia é a representação mental de algo concreto ou abstrato. Este desejo, que nos impulsiona a realizar algo, por vezes pode nunca se concretizar, caso ele não venha acompanhado de esforço e dedicação. Sabemos que cada ideia possui um valor intrínseco, mas quando ela se torna realidade, pode impactar não apenas o idealizador, mas o contexto no qual está inserida e como uma onda se propagar tornando-se cada vez maior.

Diante do questionamento, *se tudo mudou, porque não a escola?* Concluímos que já é chegado o momento de ultrapassar aquilo que é lugar comum: professores ensinam, alunos aprendem. Surge então uma nova perspectiva, na qual a escola é o ambiente estratégico de formação de indivíduos, protagonistas da produção do conhecimento e da construção da sua própria história. Um pesquisador e não um mero reproduzidor do conhecimento.

O Clube de Iniciação Científica em Estudos de Linguagem (CLICEL) do Colégio Adventista da Bahia surge com o objetivo de formar este indivíduo autônomo, protagonista e consciente a partir da vivência da iniciação científica, já no ensino médio. Essa semente, plantada com muito esforço por professores e estudantes, germinou, cresceu e já apresenta seus frutos.

Este trabalho aborda a importância da pesquisa na Educação Básica e como os estudos em filologia se deram no CLICEL. Nele, você vai ver a perspectiva da criação do CLICEL, bem como estudos filológicos baseados nas obras de Castro Alves. Essas obras, em sua maioria, retratam a questão da escravidão, do negro sentenciado ao silêncio, da opressão e medo sentidos e vividos por estes.



ECOS DA ESCRAVIDÃO

Dar voz aos gritos desses indivíduos que foram e continuam sendo de distintas formas, marginalizados, é tão atual quanto necessário, principalmente num ambiente escolar. Por isso, o despertar para a discussão sobre a necessidade do respeito à pessoa, à sua individualidade e a garantia de seus direitos enquanto cidadão se faz tão viva nessa obra que é mais que uma simples ideia. É a materialização de um sonho que ganha cor e forma. Um passo rumo ao desconhecido. Um passo longo, mas focado e cheio de intencionalidade, cômico da direção a ser seguida e que agora está a seu dispor. Aproprie-se dela!

Cláudia Alves Moreira Ramos
Everton Augusto Goulart Pinto





Parte 1

A filologia e ensino





INICIAÇÃO CIENTÍFICA NO ENSINO MÉDIO: OS NOVOS DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO NO SÉCULO XXI

Gilmar Souza Costa¹

Uma pesquisa realizada pela fundação Victor Civita com mil estudantes das cidades de São Paulo e Recife revela uma suspeita antiga: A proposta pedagógica do Ensino Médio não corresponde à realidade da classe. Dos cinco problemas abordados pelos entrevistados, um merece destaque: a falta de conexão entre a realidade desses jovens e o que a escola propõe ensiná-los. Segundo a pesquisa:

as duas únicas disciplinas que os jovens disseram ter alguma utilidade em suas vidas são matemática (77,6%) e língua portuguesa (78,8%). Depois dessas duas, aparece o inglês, com 41,4%, e as demais vão diminuindo gradativamente a importância até chegar em literatura, com apenas 19,1% dos alunos dizendo ver serventia na maté-

.....
¹ Mestrado em Estudos de Linguagem pela Universidade do Estado da Bahia. Pós-graduando em Gestão da Educação Básica. Graduado em Letras com Francês pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Professor de Redação e Atualidades da Escola Adventista da Bahia, coordenador da Área de Linguagens da mesma instituição e coordenador do Clube de Iniciação Científica em Estudos de Linguagens – CLICEL, também no Colégio Adventista da Bahia.



ECOS DA ESCRAVIDÃO

ria. A falta de conexão entre a escola e o que os alunos desejam para as suas vidas acaba sendo uma justificativa para as taxas de evasão do ensino médio²

Esse é apenas um dos grandes problemas enfrentados nessa fase da etapa final da Educação Básica no Brasil e é resultado de uma lacuna existente ao longo da história no processo formativo da nação. São Paulo e Recife são apenas dois exemplos num conjunto de 26 Estados e do Distrito Federal. É certo que o problema não se mostrará diferente nos outros cantos do país. Isso é apenas uma ponta do iceberg³, considerando outros grandes problemas, como defendem os estudos de Volpi, Silva e Ribeiro (2014):

Independente do lugar, a relação dos adolescentes com a escola é muito parecida. Os obstáculos também são semelhantes. Alguns deles estão relacionados com o contexto socioeconômico, como o trabalho precoce, a gravidez e a violência familiar e no entorno da escola. Outros estão vinculados a questões ligadas à organização da escola, como os conteúdos distantes da realidade dos alunos; a falta de diálogo entre alunos, professores e a gestão da escola; a desmotivação e as condições de trabalho dos professores; a violência do cotidiano escolar; e a infraestrutura precária dos estabelecimentos (VOLPI *et al.*, 2014, p. 8).

Considerando esse quadro, ações de enfrentamento têm sido pensadas e propostas pelos setores envolvidos na educação do Brasil. Uma delas é a reestruturação da matriz curricular e a implantação da pedagogia dos projetos, cujo foco está em trabalhos inter e transdisciplinares, incluindo, aqui, projetos de pesquisa para os estudantes dessa etapa formativa. Tais propostas não são resultados de pensamentos atuais, mesmo porque pensadores da educação como Paulo Freire e Anísio Teixeira já defendiam a educação como processo libertador e instigante. Freire (1996) já dizia:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino

.....
² Disponível em: <<http://porvir.org/7-caminhos-para-dar-sentido-ao-ensino-medio/>>. Acesso em 02 agosto 2016.

³ Iceberg é um grande pedaço de gelo que se desprende das geleiras polares e vagueia pelos oceanos árticos. Etimologicamente, a palavra iceberg é formada pela união de duas outras palavras: o inglês ice, que significa “gelo”; e do holandês e alemão berg, que quer dizer “montanha”. Ou seja, iceberg significa “montanha de gelo”.



porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 1996, p. 32).

Curioso notar que o método presente em nossas escolas em pleno século XXI já era considerado ultrapassado no século XIX por educadores. White⁴ apontava os males de uma educação baseada em memorização na qual o professor era detentor do saber. Ela criticou o ensino baseado nesses princípios e alertou o risco de se desenvolver apenas uma faculdade, em detrimentos de outras. Ainda sobre o método de acúmulo de informações e a seleção de conteúdos que não serviriam para a vida prática, ela afirmou que a mente do estudante fica incapaz de “um esforço rigoroso e confiante e contenta-se com depender do juízo e percepção de outros” (WHITE, 2011, p. 141). É dela o alerta: “Quando o estudante sacrifica a faculdade de raciocinar e julgar por si mesmo, torna-se incapaz de discernir entre a verdade e o erro, e facilmente se torna presa do engano” (WHITE, 2011, p. 141).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (2000) sinalizam essa necessidade e afirmam que a formação do aluno deve ter como alvo principal a aquisição de conhecimentos básicos, a preparação científica e a capacidade de utilizar as diferentes tecnologias relativas às áreas de atuação. A lei que rege a Educação considera o Ensino Médio como a “etapa final da educação básica” (Art.36), o que concorre para a construção de sua identidade. Todavia, para que o Ensino Médio tenha, de fato, a característica da terminalidade, precisa atender ao dispositivo legal. Assim, o perfil do estudante que finaliza essa etapa formativa deve estar harmonizado com o que determina o Art. 35 da Lei :

O Ensino Médio, etapa final da Educação Básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidade : I - a consolidação e aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento

.....
⁴ Ellen G. White foi mulher que viveu a maior parte de sua vida durante o século 19 (1827-1915). Seus escritos continuam exercendo uma extraordinária influência sobre milhões de pessoas ao redor do mundo. Escreveu mais de 5 mil artigos e 49 livros. Após sua morte, mais de 70 obras foram compiladas e publicadas com textos ainda inéditos em sua maioria. Mais de 150 livros estão disponíveis em inglês, e cerca de 110 em português. Ellen G. White é a escritora mais traduzida em toda a história da literatura. Seus escritos abrangem uma ampla variedade de temas, incluindo religião, educação, saúde, relações sociais, administração, música e liderança. Seu best-seller sobre vida cristã, Caminho a Cristo, já foi publicado em mais de 150 idiomas responsável em: (Disponível em: <http://ellenwhite.cpb.com.br/biografia>. Acesso em: 03 de agosto de 2016).



ECOS DA ESCRAVIDÃO

de estudos; II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico; III - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina (BRASIL, 1999).

Uma das formas que pode tornar a determinação legal uma realidade é o trabalho com pesquisa com rigor acadêmico, dentro das áreas de estudos que a educação básica possui: linguagens, códigos e suas tecnologias; ciências humanas e suas tecnologias; matemática e suas tecnologias; e ciências da natureza e suas tecnologias. Entretanto, faz-se necessário que as instituições revejam e trabalhem o conceito de pesquisa dentro sua essência. A ideia de pesquisa como uma atividade de consulta a livros e sites, com resumo ou cópias, precisa ser abolida dos processos avaliativos. A pesquisa exige um conjunto de atividades orientadas pelo professor e seu objetivo é buscar, descobrir e criar um determinado conhecimento acerca de um objeto de estudo. Sobre isso, Gatti (2002, p. 9-10) afirma:

18

Pesquisa é o ato pelo qual procuramos obter conhecimento sobre alguma coisa. [...] Contudo, num sentido mais estrito, visando a criação de um corpo de conhecimentos sobre um certo assunto, o ato de pesquisar deve apresentar certas características específicas. Não buscamos, com ele, qualquer conhecimento, mas um conhecimento que ultrapasse nosso entendimento imediato na explicação ou na compreensão da realidade que observamos.

Trabalhar com pesquisa exige coragem para mudança na concepção de ensino e aprendizagem, o que, certamente, requererá mudanças no professor. Hernández (1988, p. 49) enfatiza que o trabalho por projeto de pesquisa “não deve ser visto como uma opção puramente metodológica, mas como uma maneira de repensar a função da escola”. Ter essa noção de forma clara é imprescindível, uma vez que se os envolvidos buscam apenas conhecer os procedimentos, os métodos para desenvolver projetos, saem frustrados, pois não existe um modelo ideal pronto e acabado que dê conta da complexidade que envolve a realidade de sala de aula, do contexto escolar. É necessário um olhar cuidadoso e um trabalho paciente e sistemático. Nesse processo, deve o professor cuidar para que seu trabalho seja conduzido de forma que apresente resultados definidos. White vai além: “O verdadeiro educador, conservando em vista as possibilidades de



cada aluno, reconhecerá o valor do material com que trabalha. Terá interesse pessoal em cada um dos seus discípulos e procurará desenvolver todas as suas faculdades” (WHITE, 2011, p. 142).

Incentivar a pesquisa já na Educação Básica não apenas desperta nos estudantes o senso de responsabilidade e ampliação do senso crítico, como também revela talentos escondidos e desenvolve a crença em seu potencial enquanto discente e pessoa. De acordo com Demo (2000, p. 11), “a criança é, por vocação, um pesquisador pertinaz, compulsivo. A escola, muitas vezes, atrapalha esta volúpia infantil, privilegiando em excesso disciplina, ordem, atenção”. Se a escola entender e trabalhar essa realidade, os resultados revelarão novos perfis de estudantes e cidadãos. Dada a confiança e a oportunidade, o estudante certamente saberá aproveitar e apresentar resultados para além do esperado. Sobre isso, vale, ainda, o pensamento de White (2011, p. 142):

Muitos jovens que aparentemente nada prometem, são ricamente dotados de talentos que não se aplicam a uso algum. Suas faculdades permanecem ocultas por causa da falta de discernimento por parte dos seus educadores. [...] Sem esforço, os mais brilhantes talentos pouco valem, enquanto pessoas de habilidades naturais muito comuns têm realizado maravilhas, mediante esforço bem-orientado.

19

Nesse viés, a mudança de postura metodológica é urgente, uma vez que a pós-modernidade consegue abarcar tudo com muita rapidez e a escola precisa acompanhar essa mudança, a partir de novos métodos de ensino, sendo a pesquisa um desses caminhos. É o olhar da escola e do professor sobre esse estudante que trará a mudança necessária nele. Quando a escola foca suas ações em conteúdo e provas, esse olhar deixa de existir e os talentos existentes na sala de aula ficam presos e, por vezes, morrem ali mesmo. O documento orientador do Programa Ensino Médio Inovador – PROEMI (2013), afirma que:

A vivência de práticas de produção de sentido, a experiência com diferentes formas e possibilidades de produção de conhecimento e o contato com as questões de ordem ética, próprias do campo científico, serão capazes de enriquecer e qualificar a experiência formativa dos estudantes.⁵

.....
⁵ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=-13249-doc-orientador-proemi2013-novo-pdf&category_slug=junho-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 02 ago. 2016.



Um projeto de pesquisa possibilita ao estudante um aprendizado prático, bem como a habilidade de reconhecer sua autoria naquilo que foi produzido através das questões investigativas. O trabalho de pesquisa permite também ao estudante, segundo Prado (2001) “selecionar informações significativas, tomar decisões, trabalhar em grupo, gerenciar confronto de ideias, enfim desenvolver competências interpessoais para aprender de forma colaborativa com seus pares”.⁶

Se os estudantes, motivo da existência da escola, sinalizam que o que lhe é ofertado não atende sua expectativa e necessidade, é hora de um redirecionamento, em todos os aspectos. É preciso que o estudante seja colocado no seu lugar de protagonista da história e que ele tenha seus anseios preenchidos no ambiente escolar. Uma escola que tem em seu Projeto Político Pedagógico o desafio de trabalhar também com pesquisa, está fortalecendo os ideais de uma educação que forma cidadãos e profissionais de sucesso. É dessa forma que a escola cumpre, também, seu papel de encorajar o estudante a progredir precisamente até onde seu potencial pode ser explorado. O trabalho pedagógico envolvendo a pesquisa não apenas amplia os conhecimentos acadêmicos, como também fortalece a postura de observação, de cuidado, de atenção e disciplina.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n. 9.394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais: Ensino Médio**. Brasília: MEC, SEMTEC, 2002b.

DEMO, P. **Educar pela pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 2000. (Coleção Educação Contemporânea).

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GATTI, B. A. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Plano Editora, 2002. Série Pesquisa em Educação, v. 1.

.....
⁶ Disponível em: <http://www.eadconsultoria.com.br/matapoio/biblioteca/textos_pdf/texto18.pdf>. Acesso em: 02 agosto 2016.



INICIAÇÃO CIENTÍFICA NO ENSINO MÉDIO: OS NOVOS DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO NO SÉCULO XXI

HERNÁNDEZ, F. **Transgressão e mudança na educação**: os projetos de trabalho. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

RIBEIRO, J.; SILVA, M. S.; VOLPI, M. **10 desafios do ensino médio no Brasil**: para garantir o direito de aprender de adolescentes de 15 a 17 anos. Brasília: UNICEF, 2014.

WHITE, E; G. **Educação**: compromisso com o futuro. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011







A FILOLOGIA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Expedito Eloísio Ximenes¹

Buscamos, neste capítulo, trazer uma reflexão acerca do tema que o intitula, visando discutirmos o assunto que envolve a Filologia e o ensino de língua portuguesa. A nosso ver, os conhecimentos filológicos não devem ser reservados apenas a pesquisadores da área das Letras e, principalmente, a grupos muito seletos e minguados de mestres e doutores dos programas de pós-graduação que vêm, nas últimas décadas, sobretudo, do século XXI, dedicando-se a tais estudos.

Intentamos, portanto, pensar numa aproximação da Filologia com os professores e estudantes do Ensino Médio, entendendo que o texto sempre foi o objeto de estudo da ciência filológica, e nunca saiu do rol dos currículos escolares, sendo, hoje, ainda mais valorizado nas escolas para o ensino

.....
¹ Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. Mestrado em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. Graduação em Letras pela Universidade Estadual do Ceará. Atualmente é professor adjunto nível I da Universidade Estadual do Ceará, campus de Quixadá, atuando principalmente nos seguintes temas: Língua Latina, Língua Portuguesa, Linguística Histórica, Filologia Românica, Edição e análise de textos manuscritos. É vice-líder do grupo de pesquisa TRADICE e do grupo de Crítica Textual. É líder do grupo de pesquisa PRAETECE.



ECOS DA ESCRAVIDÃO

de língua materna, graças ao advento da Linguística Textual que toma o texto como a unidade máxima da língua e evento comunicativo de domínio e competência de um idioma usado pelos seus falantes. Os Parâmetros Curriculares Nacionais legitimam isso quando estabelecem o texto como prioridade para o ensino e aprendizagem da língua.

O que deve ser ensinado não responde às imposições de organização clássica de conteúdos na gramática escolar, mas aos aspectos que precisam ser tematizados em função das necessidades apresentadas pelos alunos nas atividades de produção, leitura e escrita de textos (PCN, 1998, p. 29).

Partindo da perspectiva de que o texto deve nortear o aprendizado da língua materna e o domínio dessa língua nas modalidades de interpretação e compreensão leitora, competência de uso da escrita para fins diversos, sendo assim, entendemos que é por meio do texto, que a língua se manifesta mais diretamente em várias formas quando o usuário expressa ideias, pensamentos e práticas do seu cotidiano. O texto é, então, imprescindível para o ensino e a aprendizagem dos estudantes, tanto para leitura e interpretação do conteúdo e assimilação das formas gramaticais, morfossintáticas e lexicais, quanto para o entendimento e a produção de variados gêneros discursivos.

O convívio direto com as várias modalidades de texto que são produzidos na sociedade atual possibilita ao estudante lidar com a língua escrita, aprendendo com ela e produzindo outros textos que o capacita cada vez mais no seu processo de aprendizagem e de domínio dos conhecimentos.

É por meio do texto – seja oral ou escrito, que todo ser humano aprende e compreende a história das civilizações, tem contatos com os fatos do passado que foram registrados, estabelece ligações com o presente e compreende a si próprio e o seu tempo. O texto permeia todas as disciplinas escolares, mesmo aquelas ditas ciências exatas, pois uma equação matemática, um problema de Química ou de Física, uma descrição celular ou de qualquer corpo vivo para ser compreendido tem o texto como suporte.

A Filologia é esta ciência do texto. Por meio do labor filológico, pode-se ter acesso a textos muito antigos e desconhecidos que estão recheados de informações importantes de uma época e de uma sociedade específica. Para citar apenas dois exemplos muito próximos, elencamos aqui os documentos do Mosteiro de São Bento da Bahia, que por meio de uma edição conservadora, trazem a lume



fatos relevantes para se conhecer um pouco da fundação da cidade de Salvador e dos primeiros habitantes ali estabelecidos, os registros das cartas de sesmarias que legitimavam a posse das terras, as doações, os diplomas emitidos etc; nesses documentos se registram a riqueza vocabular, o léxico que denomina os topônimos e antropônimos, dentre outros fatos. Outro exemplo digno de ser citado são os documentos que compõem a *Memória Colonial do Ceará*, publicados em 2012 pela Kapa Editorial em seis volumes com dois tomos cada, em dupla edição a saber: a fac-similar e a modernizada, disponibilizando muitos textos de diversa natureza sobre os primórdios da sociedade cearense os quais possibilitam um universo de informações linguísticas e sócio-históricas.

Vemos a importância da Filologia em oferecer textos preparados e editados para a história da sociedade e para a história e o ensino de uma língua nas escolas e universidades. Portanto, não deveria haver um desconhecimento desta ciência mesmo no Ensino Médio, muito menos nas cátedras acadêmicas da área das humanidades, não restrita somente aos cursos de Letras.

O PASSADO E O PRESENTE DA FILOLOGIA NO BRASIL

É muito comum ouvirmos depoimentos de pessoas mais velhas que passaram pela escola recordarem com certo saudosismo seus estudos embasados na cultura clássica. O rol das disciplinas e dos conteúdos era pautado na cultura substanciosa das línguas clássicas latim e grego, das línguas modernas e neolatinas e nas suas literaturas, além do estudo da língua materna embasado na sua gramática histórica como um viés da filologia, para citar algumas das cadeiras básicas do chamado ensino primário.

Muito embora a Filologia fosse fundada ao conteúdo de literatura e de gramática histórica da língua portuguesa, o estudante tinha acesso ao conhecimento das mudanças diacrônicas da língua materna desde sua matriz, a língua latina, à sincronia atual, considerando-se os aspectos fonéticos, lexicais, morfossintáticos e semânticos os quais possibilitavam aos estudantes ter uma noção ampla da gramática e do vocabulário da língua.

A Filologia, em seu nascedouro no ocidente, centrou-se no texto poético da língua grega nas clausuras da biblioteca de Alexandria, mas foi lá também e como produto dos mesmos filólogos que se iniciaram e se inauguram os estudos gramaticais, cabendo a Dionísio da Trácia o epíteto de primeiro gramático grego. A tradição foi repassada aos latinos e, em Roma, Varrão é tido como



pioneiro da gramática latina. Essa tradição filológica continuou e chegou ao século XIX, centrada na gramática das línguas, não mais do latim, mas de suas “filhas legítimas”, as línguas românicas e de outras línguas da mesma gênese do latim a que chamam de indo-europeias.

A prática filológica centrada na gramática chega à cultura luso-brasileira e por muito tempo se pensava e se fazia Filologia tendo como base a gramática que ganhou o estigma de gramática tradicional por reservar e conservar a “boa norma” de uma língua e por apresentar essa língua por partes: fonética, morfologia, sintaxe, semântica, estilística. Hoje já se incluiu a lexicologia e o texto como seus componentes.

Esta gramática também chamada taxativamente de normativa por estabelecer normas a serem seguidas e rejeitar outras consideradas ruins, na verdade, não observou que os textos produzidos no passado por mãos “muito boas”, muitas vezes não obedeciam à norma nenhuma e eram recebidos nos salões nobres da monarquia portuguesa, nas chancelarias reais, nos *scriptoria* dos monges e abades, nas sedes das ouvidorias, nos gabinetes dos capitães-mores governadores das antigas capitânicas do Brasil e onde mais tocassem o privilégio de algum cidadão saber escrever, pois esses poucos que sabiam usar da língua escrita mantinham até certo ponto o poder e a autoridade.

As mãos desses cidadãos não eram tão hábeis na arte de escrever bem como pregava a gramática, aliás, ela só veio nascer no domínio da língua portuguesa na primeira metade do século XVI e não acompanhou como ainda não acompanha a dinamicidade da língua em suas nuances pragmáticas de dizer o que deve ser dito. Mesmo com a gramática de Fernão de Oliveira e de João de Barros e tantas outras, a língua portuguesa continuou insubmissa por muito tempo nas secretarias ou *sacretarias* (conforme grafam os escrivães) dos governos e até mesmo nas salas reais.

Quando se fala das colônias portuguesas, no caso específico do Brasil, o quadro deve ter mais complicações, pois apesar dos escrivães serem portugueses ou descendentes próximos, havia os nativos brasileiros de pouca escolaridade e as realidades locais com línguas misturadas, nomes de várias etnias e influências indígenas e africanas, o que levou a mais particularidades no ato de registrar as palavras.

Considerando que a produção de textos escritos em língua portuguesa desde o princípio do estado português, passando pelas colônias e pelas montanhas de livros e folhas avulsas que foram produzidas, versando sobre múltiplos temas, pensemos também nas variedades de formas de escrever as palavras e a



falta de normas e regras que as norteavam. Neste contexto, o papel do filólogo é de extrema importância para trazer à tona os fatos conservados nas linhas e fólios dos antigos livros e compreendermos que os hábitos dos escribas e as confusões, as coerências e as incoerências que praticavam e, ainda na atualidade, os estudantes brasileiros as praticam no ato de escrever.

AS PRÁTICAS LINGUÍSTICAS DOS ESCRIBAS DE ONTEM E AS NOSSAS DE HOJE

A língua portuguesa escrita é de motivação fonética, isto é, há uma tentativa de representação dos sons da língua por meios dos grafemas. Os sons são variados a depender de época, de pessoas, de grau de escolaridade, de localização do falante e de outros mais componentes que geram as variações. Os grafemas são limitados, no português são atualmente 26 consoantes e 12 vogais, considerando a fonética, pois na grafia, essas são apenas 05. Isso gera uma dificuldade imensa para o registro dos sons. É necessário conhecimento dos contextos de uso que se adquire por meio de leitura e muitas práticas linguísticas, além de consultas constantes aos dicionários. Não é difícil a todo aquele que se serve do registro escrito, em algumas palavras confundir o som com a letra, por exemplo, em viagem/viajem; enchente/enxente; flecha/flexa/frecha etc.

Nos documentos escritos nos setores da administração pública do período colonial brasileiro era aceita qualquer forma de grafar uma palavra, pois nesse período a gramática não fazia efeito na vida dos escribas e a língua ainda estava na chamada fase fonética que, segundo Nunes (1989), predominou dos primórdios da formação do idioma no século XII e veio até o século XVI. Nesta etapa da ortografia, sobressaem-se os sons representados por meios de letras que elas realmente representam, conforme Nunes (1989). No, entanto, podemos ver que até mesmo no século XIX havia predomínio desta característica que, ainda hoje, no século XXI tem seus efeitos sobre a escrita.

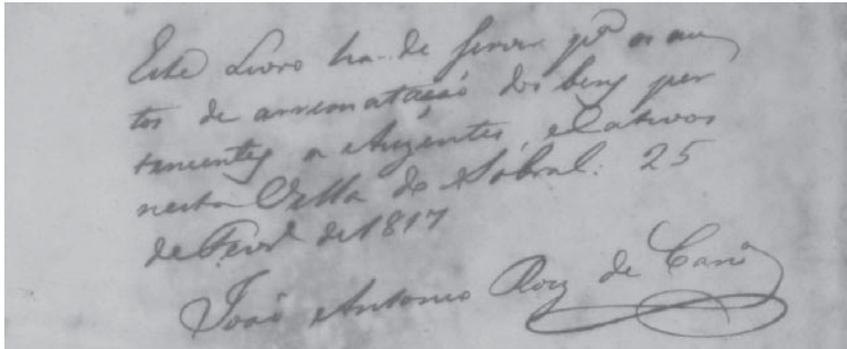
Ao compararmos um texto de um secretário do governo português dos séculos XVIII ou XIX com um texto produzido por um aluno do ensino fundamental ou médio do Brasil, no século XXI, percebemos algo em comum. A grafia é de mesma motivação fonética, aproximando-se da representação do som, não havendo uma forma gráfica coerente na mente de quem escreve.

O texto abaixo, retirado de Josino (2015), foi produzido pelo escrivão João Antonio Rodrigues de Carvalho, no ano de 1817, primeira metade do século



ECOS DA ESCRAVIDÃO

XIX. Esse cidadão ocupava um cargo público na administração da vila de Sobral, no estado do Ceará, é, portanto, uma pessoa de conhecimentos linguísticos.



Fonte: APEC (Fundo das Capitanias, Caixa 2, Livro 106.

Edição de Josino, 2015).

Este Livro ha-de Servir **para** os autos de arrematação dos bens pertencentes a Auzentes, e Cativos nesta Villa de Sobral. 25 de **Fevereiro** de 1817
João Antonio **Rodriguez** de **Carvalho**

No pequeno exerto, podemos vislumbrar algumas marcas da escrita oficial utilizada pelos órgãos públicos do governo monárquico que coincidem ainda com a escrita em uso por muitas pessoas de pouca escolaridade e estudantes na era atual. Na prática da escrita, que ainda não está submetida aos cânones do acordo ortográfico de 1904, o texto apresenta uso de maiúsculas sem seguir a norma como: *Livro*, *Cativos*, *Auzentes* e *Villa*; emprego de consoante geminadas em *villa*; uso do grafema *z* representando o fonema /z/ em *auzentes*; escrita abreviada *p^a* para, *Fevr^o* fevereiro, *Roiz* Rodrigues; há também as junturas de palavras, muito recorrentes nos textos antigos em *ecativos*, *deFevereiro*.

Em outro contexto de escrita, o final do século XX, as cartas endereçadas ao Pe. Cícero, em Juazeiro do Norte-Ce, pelos romeiros vindos de várias regiões do Brasil, a maioria são pessoas pobres e humildes e de mãos inábeis, pouco afeitas à escritura, nessas cartas podemos ver ainda algumas semelhanças das



que os escribas deixaram nos documentos oficiais, ou seja, representação de aspectos fonéticos, interpolação de fonemas, letras indevidas, uso de maiúsculas, falta de concordância, mau uso do espaço, dentre outros, conforme vemos no texto abaixo, datado de 02 de fevereiro e 1984.

(Carta de um romeiro, acervo diocese do Crato-Ce)

Recife: 2-2-84
Salve Padre
Siçaro,
Perço-lhe que mim
der Saúde e tranquilidade
mim livri de todos
Olhos grande inveja
maldade falcidade
dos mal pençamento
praga feitoço.
afaste todas pertubações
abra meus Caminhos
para todo de bom
guarde-me mim a mim
e aos os meus
familhiars
mim abençoei
mim der Saúde força
e Corage para eu
enfrenta a vida

Recife: 2-2-84
Salve Padre
Siçaro
Perço-lhe que mim
der Saúde e tranquilidade
mim livri de todos
Olhos grande inveja
maldade falcidade
dos mal pençamento
praga feitoço.
afaste todas pertubações
abra meus Caminhos
para todo de bom
guarde-me mim a mim
e aos os meus
familhiars
mim abençoei
mim der Saúde força
e Corage para eu
enfrenta a vida



ECOS DA ESCRAVIDÃO

Em uma pesquisa realizada numa escola pública do município de Quixadá, no Ceará, com alunos do 9º ano, Andrade (2015) analisou a produção textual dos estudantes e fez a descrição de algumas representações grafemáticas usadas por eles as quais demonstram também a consonância com os usos dos escribas em documentos oficiais. Mostramos a seguir alguns resultados obtidos.

Representação fonética/grafemática: *endoidam/indoidam; existe/ixisti; de/di desgrudam/disgrudam; ao/au; pessoalmente/eessualmente; faz/faiz; rede/reide.*

Confusões de usos de letras: *mexe/meche; sempre/senpre; também/tambén; tempo/tenpo; acesso/asezzo; cresce/crese; concentrar/consentrar; interage/interaje; calçados/ calzados; negócio/negosio; faço/faso; pensasse/pensace; incentivasse/incentivace; passa/pasa; hoje/oje.*

Não segmentação das palavras: *de repente/ derepente; de dia/didia; por isso/ poriso; a gente/agente; tem que/tenque; com certeza/ concerteza.*

Esses são alguns casos em que os estudantes apresentam o uso da escrita de forma coerente com o som que ouvem. Isso não se distancia daqueles usos dos documentos oficiais produzidos pelo governo e outros setores da administração pública colonial, nem das mãos inábeis dos romeiros de Juazeiro do Norte. Conhecer a realidade dos documentos possibilita ao professor traçar um panorama comparativo entre as realidades e compreender que são etapas do processo e que os alunos superarão, não sendo necessário rotulá-los de incompetentes.

Considerando que os estudantes de hoje fazem diversos usos da língua em vários suportes é necessário ao professor de língua materna ter uma noção da história da escrita e da língua para entender as razões dos usos linguísticos. Ao mesmo tempo, trazer esse conhecimento para sala de aula, aproximando dos estudantes dos textos do passado em suas formas mais genuínas para que eles entendam o processo de escrita e constituição histórica da língua e estabeleçam comparações entre a escrita dos antepassados e as práticas atuais, não somente no que diz respeito à grafia, mas o texto como um todo desde os gêneros discursivos que circulavam e os que são hoje produzidos com seus conteúdos veiculados que remontam ao conhecimento da história da sociedade.

Outro ponto essencial com que devemos nos preocupar são os textos literários selecionados pelas escolas para leitura ou utilizados como exemplos de bom uso da língua. Não é raro nos depararmos com enormes transformações que sofrem os textos quando saem da égide de seu produtor.

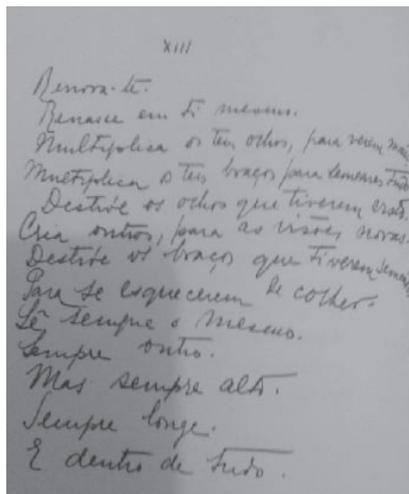


Atualmente, a Crítica Textual - considerada área da Filologia para alguns, para outros, o próprio fazer filológico-, os que fazem essa ciência vêm se debruçando na análise, comparação e correção de textos que são reproduzidos em múltiplas edições e que sofrem o processo de transformação. Muitos textos passam por modificações como supressão de partes, acréscimos e substituições o que causam problemas sérios de erros graves tanto de forma quanto de conteúdo, sobretudo de natureza sintática.

Os profissionais da educação devem ter cuidado ao selecionarem textos para leitura e análise em sala de aula. A formação dos professores, não somente da área da linguagem, deve contemplar os conteúdos e métodos filológicos tanto na prática de edição de textos, para se estudar os usos da língua e para isso é necessário também conhecer a história da língua, quanto na prática da crítica textual no sentido de se averiguar e se ter uma visão crítica no quesito de seleção de textos bem editados.

Para citar um exemplo de erro grave na sintaxe da língua portuguesa, vejamos o poema de Cecília Meireles, publicado no livro *Cânticos*, 8ª edição da editora Moderna, 1982, com dupla edição a fac-similar do manuscrito e o datiloscrito. O cântico XIII que segue abaixo apresenta-se da seguinte forma:

(Cecília Meireles, cântico XIII)



Renova-te.
Renasce em ti mesmo.
Multiplica os teus olhos, para verem mais.
Multiplica os teus braços para semeares **tudo**.
Destrói os olhos que tiverem visto.
Cria outros, para as visões novas.
Destrói os braços que tiverem semeado,
Para se esquecerem de colher.
Sê sempre o mesmo.
Sempre outro.
Mas sempre alto.
Sempre longe.
E dentro de tudo.



ECOS DA ESCRAVIDÃO

Inúmeras reproduções desse poema são encontradas nos sites da internet com um erro grave de sintaxe, contrariando a vontade da autora. Apresentamos abaixo uma dessas reproduções².

Cântico XIII

Renova-te.

Renasce em ti mesmo.

Multiplica os teus olhos, para verem mais.

Multiplica-se os teus braços para semeares **tudo**.

Destrói os olhos que tiverem visto.

Cria outros, para as visões novas.

Destrói os braços que tiverem semeado,

Para se esquecerem de colher.

Sê sempre o mesmo.

Sempre outro. Mas sempre alto.

Sempre longe.

E dentro de tudo.

No quarto verso do poema, acima em negrito, aparece a partícula apassivadora sintética acoplada ao verbo multiplicar, fugindo da estrutura adotada pela autora em relação aos demais versos em que os verbos estão no imperativo. A falta de concordância de número plural do objeto com o verbo no singular denuncia um erro grave da norma da língua que a autora dominava muito bem. Ademais, o uso da partícula *se* não desperta nenhum sentido especial, nem uma figura de linguagem, nem qualquer embelezamento ou encanto ao texto. Podemos observar apenas um erro da norma oficial da língua e um erro editorial por acréscimo.

Há também outra observação a ser feita, o poema consta de 13 versos dispostos em linhas diferentes, a reprodução que trazemos do ambiente virtual apresenta dois versos na mesma linha, reduzindo para 12 as linhas do texto. Vale ressaltar que o site que reproduziu o texto reproduz também uma fotografia do livro de onde foi retirado o poema, porém não fez a devida correção.

É importante ressaltar que há várias reproduções do poema em meio virtual com a ocorrência destacada, o que implica dizer que quanto mais reproduções tem um texto, mais possibilidades de se distanciar da última

.....
² Disponível em: <<http://www.tanto.com.br/ceciliameireles-13.htm>>. Aces. em 14 de jul. 2016.



vontade do autor ou maiores deturpações podem ser encontradas. Por isso a necessidade de edições críticas e do exercício da crítica textual como atividade laboral do filólogo. Também implica pensar que o professor de literatura de qualquer nível de ensino necessita de uma formação embasada nos métodos filológicos para evitar escolhas erradas de textos a serem explorados em sala de aula como bem recomenda Cambraia (2005) no capítulo *Crítica Textual e Ensino* de seu livro *Introdução à crítica textual*.

Portanto, consideramos muito valiosa a contribuição dos estudos filológicos que cada vez mais se aproximam das grandes áreas de estudo e de pesquisa atualmente no Brasil. A formação dos estudantes de Letras e afins com o viés filológico se faz necessária para o Ensino Básico por trazer a Filologia uma visão muito ampla da língua em todo o seu processo histórico e da literatura tanto no esboço de produção quanto de edição e reprodução dos textos no mercado editorial que pode trazer algumas modificações ou, por vezes, danos ao texto. O professor de língua e de literatura de qualquer nível escolar deve ter consciência e estar a tento a isso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito embora o termo Filologia seja ainda desconhecido pela maioria das pessoas que não frequentam ambiente escolar e, não raro confundido com Filosofia, dentro das universidades, também houve e há um desconhecimento por parte de professores e estudantes que consideram os estudos filológicos ultrapassados e sem importância. No entanto, a Filologia, que foi submersa nas camadas inovadoras da Linguística moderna, vem se reerguendo e atuando em muitos pontos do Brasil.

O fazer filológico se mantém embasado em seu método fundamental de edição de textos seja edições conservadoras de manuscritos de testemunho único, seja em edição crítica de textos que sofreram modificações, a prática filológica acompanha as tecnologias e inovações, quando bom número de filólogos condensam os textos em ambientes virtuais por meio de edições digitais que possibilitam o acesso a vários tipos e formatos de textos.

O labor filológico também se aproxima do ensino quando traz os textos editados, mostrando que as formas de usos da língua se aproximam do jeito de escrever de muitos estudantes e pessoas não letradas. Isso favorece entender que a aquisição e o domínio da escrita é um processo natural. Outro ponto



ECOS DA ESCRAVIDÃO

relevante é a atividade de crítica textual quando se avaliam os textos literários adotados nos livros didáticos que são passíveis de muitos erros. O filólogo editor avalia, corrige e edita textos anotados e comentados, garantindo-se, assim, a forma mais genuína expressa pelo autor.

Diante do apresentado e argumentado aqui, podemos ver que a Filologia está muito próxima de todos que estudam e trabalham com uma língua, não somente em pesquisas acadêmicas de graduação e de pós-graduação, mas podemos aproximar os estudos filológicos da escola e do ensino médio, principalmente, de seus professores que têm a obrigação de conhecer a língua e os textos.

REFERÊNCIAS

CAMBRAIA, C. N. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Matins Fontes, 2005.

FERREIRA, J. A. A. **A relação fonema-grafema na produção textual dos alunos do 9º ano de uma escola pública na cidade de Quixadá**. Trabalho de conclusão de curso. (Graduação em Letras), 2015.

JOSINO, A. M. S. **Edição filológica e estudo fraseológico dos Autos de Arrematação da vila de Sobral (1817-1823)**. Dissertação. (Mestrado em Letras). Universidade Estadual do Ceará, Itaperi, 2015.

NUNES, J. J. **Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa**. Lisboa: Clássica Editora, 1989.

MEIRELES, C. **Cânticos**. São Paulo: Moderna, 1982.

PCN- **Parâmetros curriculares nacionais (5ª A 8ª séries)**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEE, 1998.



Parte 2

A Filologia no CLICEL





CAMINHOS DE LINGUAGEM NO ENSINO BÁSICO

Daianna Quelle da Silva Santos da Silva¹

Gilmar Souza Costa²

O professor pesquisador é, na atualidade, um dos maiores princípios na Educação. A conjuntura educacional da pós-modernidade já encontra no estudante do Ensino Médio um pesquisador em potencial e isso tem despertado em muitas escolas projetos de iniciação científica, visando preparar esse grupo para os desafios acadêmicos. As atividades de pesquisas se revelam, nesse contexto, como um elemento motivador e facilitador do processo

.....
¹ Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Graduada em Letras Vernáculas. Professora de Literatura do Ensino Médio do Colégio Adventista da Bahia – IAENE e dos cursos de Ensino Superior de Gestão da Tecnologia da Informação, Secretariado e Ciências Contábeis da Faculdade Adventista da Bahia – FADBA. Integrante dos grupos de pesquisa: Núcleo de Estudos do Manuscrito (NEMa) e Grupo de Edição de Texto (GET).

² Graduado em Letras com Francês pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Especialista em Metodologia e Gestão da Educação Básica e mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens, ambos pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB. É coordenador da Área de Linguagens do Ensino Médio do Colégio Adventista da Bahia – IAENE, onde também leciona as disciplinas de Redação e Atualidades.



ensino-aprendizagem, uma vez que coloca o estudante em contato com outras formas de aquisição do conhecimento para além da sala de aula e de conteúdos seguidos de avaliações quantitativas. Assim, a Metodologia de Projetos se firma, sobretudo quando alcança solo fértil entre gestão escolar, professores, estudantes e comunidade estudantil como um todo.

A tendência de pesquisar é estimulada por movimentos de avaliação das atividades educacionais, como as avaliações do PROEB - Avaliação da Rede Pública de Educação Básica, Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), cujas diretrizes recomendam uma aprendizagem mais contextualizada e mais centrada na formação de habilidades de raciocínio e de pesquisa e isso mina a prática pedagógica centrada na aprendizagem dita tradicional, mnemônica e mecânica.

Há uma constante defesa de que a escola é também responsável por formar seres críticos e participativos, cômicos de seu papel nas mudanças sociais. O mundo pós-moderno, com tantas mudanças e novas demandas, exige dos estudantes habilidades e atitudes diferentes das observadas em seus pares em épocas anteriores. Em função dessa exigência, o estudante deste século necessita se inserir de maneira adequada num mundo social e tecnológico cada vez mais complexo. É pertinente que saiba pensar e refletir sobre tudo o que chega até ele através das novas tecnologias de informação e comunicação, que saiba pesquisar e selecionar as informações para, a partir delas e da própria experiência, construir o conhecimento.

Nesse sentido trazemos, neste capítulo, o princípio de termos criado o Clube de Pesquisa em Estudos de Linguagem, doravante CLICEL, os pilares teóricos e metodológicos, bem como alguns resultados do projeto **Estudos filológicos e discursivos nas obras de Castro Alves**.

OS PASSOS NA PESQUISA DENTRO DO CLICEL

Interessar-se ou ter o perfil para pesquisador ou para o trabalho de cientista é apenas um aspecto dentro de uma gama de possibilidades. Esta pode ser facilmente relacionada à reflexão proposta por Weber (1963). Ele discute os aspectos da vocação que o indivíduo pode ter para a ciência ou a ausência dela. Os aspectos abordados por ele sinalizam, em nossa análise, a importância de projetos e programas de formação de estudantes-pesquisadores.



As pesquisas realizadas por estudantes no âmbito escolar ainda estão sob a égide da cópia ou leituras raras de produções acadêmicas e carregam consigo a necessidade de uma nota quantitativa. O resultado dessa prática tem sido a formação de jovens com um perfil acadêmico comprometido, limitado e que tem posto a educação num viés de fracasso. Sob a orientação do professor-pesquisador e com objetivos e metas definidos, dentro dos parâmetros acadêmicos, o trabalho de pesquisa já no Ensino Médio pode formar uma geração de estudantes-pesquisadores prontos para outros voos. Esse processo é de fundamental importância para seu crescimento, quer seja enquanto discente, quer seja como cidadão. Isso não invalida a presença da ação pedagógica, parte vital de todo o processo de iniciação científica.

Todo esse trabalho deverá se firmar em quatro pilares fundamentais do desenvolvimento de projetos de aprendizagem:

- » O estudante deve ter liberdade de escolha do tema do projeto em negociação com o professor-orientador;
- » Os trabalhos devem ser feitos com a formação de grupos de estudantes-pesquisadores para desenvolver o projeto;
- » Estudantes-pesquisadores e professores precisam de uma a visão de um laboratório sem fronteiras, a partir da utilização de múltiplos recursos, como requisito básico para realização do projeto;
- » No processo ou no término das atividades de pesquisas deve haver socialização do projeto.

A importância da pesquisa no Ensino Médio é defendida por muitos estudiosos, inclusive Demo (2004), que ressalta a pesquisa como um princípio educativo. Ele afirma que ela é um dos caminhos mais profícuos para se chegar a “aprender a aprender”. Nesse mesmo viés, Hernandez e Ventura (1998) estudam os ganhos de tal atividade e valorizam a pesquisa no âmbito escolar, afirmando que a busca de informações favorece a autonomia dos estudantes. Eles defendem, ainda, que o papel do professor, neste ponto, é estabelecer relações e comparações que os ajudem a tornar significativa a aprendizagem.

Nessa perspectiva, nasce o CLICEL, idealizado pelos professores Gilmar Souza Costa e Daianna Quelle Silva Santos da Silva e sediado no



Colégio Adventista da Bahia. O Clube foi criado para propiciar aos estudantes de Ensino Médio uma formação de Iniciação Científica por meio de pesquisas envolvendo os estudos filológicos, lexicais, discursivos, artísticos, literários, culturais e de argumentação através dos *corpora* lavrados, preferencialmente, nas regiões do Sertão da Bahia e Recôncavo baiano. Assim, o CLICEL trabalha com duas linhas de pesquisa:

Linha 1: Argumentação, culturas e práticas discursivas – coordenada por Gilmar Souza Costa.

Linha 2: Práticas filológicas, lítero-artísticas e lexicais – coordenada por Daianna Quelle da Silva Santos da Silva.

Como principal missão do CLICEL, estabelecemos que é *mister* haver pesquisas adequadas aos parâmetros científicos com foco na qualidade e na integração entre as diversas áreas do conhecimento, com destaque para as duas linhas de estudos adotadas pelo Clube, proporcionando o apoio, incentivo e suporte para o desenvolvimento de projetos interdisciplinares e transdisciplinares. Assim, acreditamos que neste Clube há uma integração e heterogeneidade conferida à pesquisa e o desenvolvimento de projetos científicos na área de linguagens a partir das duas linhas condutoras. Conforme já dito, o projeto científico piloto desenvolvido é intitulado: **Estudos filológicos e discursivos nas obras de Castro Alves** e se insere, inicialmente, na linha **Práticas filológicas, lítero-artísticas e lexicais**.

SOBRE O LABOR FILOLÓGICO COMO FORÇA ABOLICIONISTA

Os registros escritos em momentos passados, os falares de outrora, as “vozes” transcritas em poemas pretéritos, entre outros, sem dúvidas, são dados importantes para se (re)construir a história de um povo e/ou um grupo de povos, tendo em vista que “[...] o tempo cultural não é o tempo cronológico. Coisas do passado podem, de repente, tornarem-se altamente significativas para o presente e estimulantes para o futuro.” (MAGALHÃES, 1985 *apud* TEIXEIRA *et al*, 2006, p. 144).



Muito antes do século XV, marcado pela chegada do europeu-colonizador e escravista à África, os negros já praticavam o ato de deixar em cativeiro e forçar a trabalhar, na agricultura familiar, um membro vencido pertencente aos vilarejos; e para ampliar este contingente de escravizados, bastava ser filho dos cativos para estar predestinado ao cativeiro e ser obrigado a servir, a trabalhar. Também escravizavam-se pessoas que cometiam atos/atitudes reprovadas pelos habitantes dos vilarejos, que se constituíam em roubar, assassinar, praticar feitiço e, às vezes, adulterar (ALBUQUERQUE *apud* OLIVEIRA, 2013, p. 3). No contexto brasileiro vemos que:

entre o século XVI e XIX, mais de 11 milhões de escravos (homens, mulheres e crianças) foram traficados para as Américas. Desses, 4 milhões foram trazidos para o Brasil. Unindo para sempre a história do Brasil à da África. No entanto, no início da colonização eram escravizados também os índios. Inclusive, havia uma distinção na identificação: o índio escravo era chamado de “negro da terra”, já o escravo africano era chamado de “negro da guiné”. A partir da segunda metade do século XVI, os escravos indígenas são substituídos pelos africanos. Pois, os negros da África passam a serem os preferidos pelos senhores escravocratas, por afirmarem serem “os negros” menos rebeldes que os índios e mais conformados com a escravidão. O Brasil foi um dos países que lucrou muito com esse comércio humano.

Analisar alguns manuscritos de poemas cuja autoria é atribuída a Castro Alves – alguns escritos a próprio punho e outros transcritos pelo copista santamarense Antônio Carvalhal - propicia o acesso a um repertório linguístico voltado para o período da escravidão. Esse acesso transpõe a imagem do negro silenciado pela condição animalizada de “não ser gente”, ser “povo cativo” e, portanto, relegado a condições sub-humanas no tráfico negreiro, entre outros estereótipos estabelecidos em plenos prenúncios da República (entendida como sistema de governo no qual o povo é soberano, governando o Estado por meio de representantes investidos nas suas funções em poderes distintos). Mesmo assim, sabemos, pelo acesso aos poemas, as literaturas existentes e, até hoje, que os resquícios do período da escravidão acompanham a formação do povo brasileiro. Deste modo, sobre os temas abordados por Castro Alves, Oliveira (2007, p. 14) diz que:



ECOS DA ESCRAVIDÃO

Em outras palavras, os textos do poeta baiano colocaram em debate tanto a natureza, os mecanismos de sustentação e as estratégias de perpetuação do poder político da classe senhorial – o que implica a postura do poeta em defesa da República – quanto a denúncia dos horrores da escravidão e a luta pela liberdade dos cativos, estes base dos sistema econômico do qual se serviam as elites brasileiras.

Neste sentido, invocar a Filologia – como ciência que estuda, através, principalmente de textos, questões literárias, linguísticas, artísticas, sociais, históricas e culturais permite a recuperação dos manuscritos dos poemas de Castro Alves através da edição semidiplomática. Isso possibilitará, além de termos acesso às variações grafemáticas, compreender a construção do seu discurso, a sua forma de pensar extraída da sua escrita adjetivada por outros autores.

Assim, Toller Gomes (1994) discorre sobre a importância de considerar os “ecos”, ou melhor, “gritos” da escravidão independentemente do gênero que foram veiculados, uma vez que, confere-se à literatura o fato de imitar, denunciar a vida e suas questões sociais, internas, culturais. Portanto:

Inserem-se na literatura de tese os textos que se afirmam como abolicionistas ou escravocratas, quer se apresentem em verso ou prosa, revestidos da forma romanesca ou teatral – a questão do gênero literário sendo aqui, mais do que nunca, irrelevante. O que conta é o apelo a uma interpretação única (TOLLER GOMES, 1994, p. 136).

Os presentes autores sabiam da existência de manuscritos da obra do poeta Castro Alves desde 2013 e no início do ano letivo de 2016 souberam que o Parque Histórico Castro Alves – museu biográfico situado na Fazenda Cabaceiras, em Cabaceiras do Paraguaçu – BA - disponibilizaria a digitalização dos manuscritos.

Depois de uma visita ao Parque e das tramitações legais, recebemos do Acervo do Parque um arquivo com a digitalização de manuscritos e digitoscritos com conteúdo variado, com autoria atribuída ao poeta Castro Alves e outras pessoas pertencentes à sua família.



Figura 1: Presença de Larissa Nunes³, Daianna Quelle da Silva⁴, Cláudia Alves⁵, Aíssa Pereira⁶ e Maria Vitória Alves⁷ (esquerda para direita) em uma das salas do Parque Histórico Castro Alves, Cabaceiras do Paraguaçu – BA



Fotografia: Karina Machado

Figura 2: Primeiro acesso à digitalização dos manuscritos cuja autoria é atribuída a Castro Alves e escolha dos poemas pelas estudantes Aíssa Pereira, Maria Vitória Alves e Larissa Nunes, sob orientação da professora Daianna Quelle.

43



Fotografia: Cláudia Alves

.....
³ Estudante do 2º Ano do Ensino Médio e integrante do CLICEL.

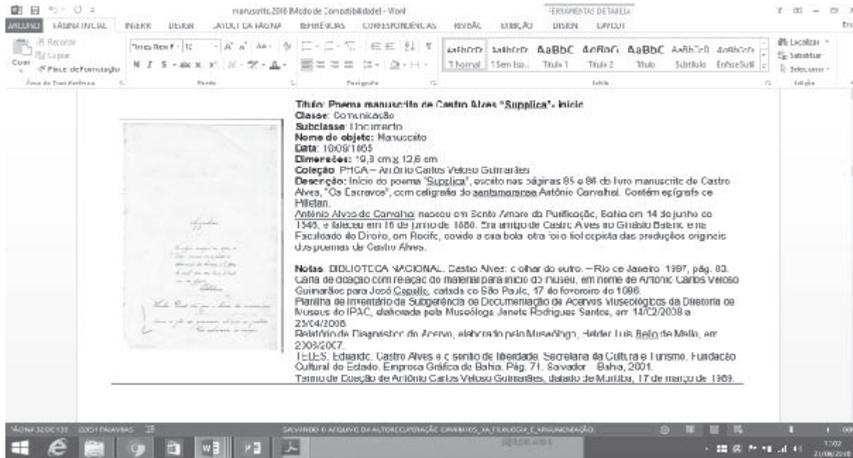
⁴ Professora de Literatura e coordenadora do CLICEL do Colégio Adventista da Bahia.

⁵ Coordenadora do Ensino Médio e Fundamental do Colégio Adventista da Bahia.

⁶ Estudante do 2º Ano do Ensino Médio.

⁷ Estudante do 2º Ano do Ensino Médio.

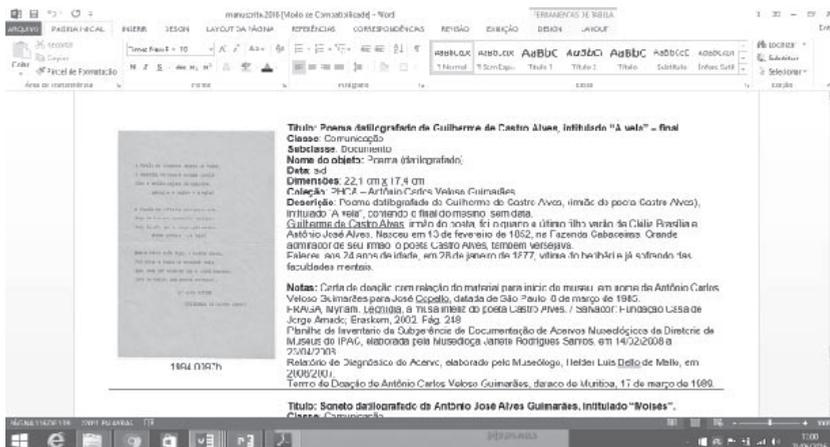
Figura 3: Arquivo com a digitalização do manuscrito “Supplica” do poeta Castro Aves



Fonte: Acervo do Parque Histórico de Castro Alves – Cabaças – BA

Fotografia: Daianna Quelle da Silva Santos da Silva

Figura 4: Arquivo com a digitalização do digitocrisdo “A vela” do irmão do poeta Castro Aves



Fonte: Acervo do Parque Histórico de Castro Alves – Cabaças – BA

Fotografia: Daianna Quelle da Silva Santos da Silva



Diante da variedade e dos valores inestimáveis sócio-histórico-culturais e documentais das obras do poeta Castro Alves e também por entendermos que a edição é tarefa primordial do filólogo e termos posse das digitalizações dos manuscritos, elegemos os poemas abolicionistas do poeta em questão a fim de aliar o labor filológico à constatação das questões abolicionistas translúcidas nos poemas, bem como os aspectos que podem ser trabalhados no campo da argumentação.

SOBRE AS EDIÇÕES FILOLÓGICAS DOS POEMAS

Apoiamo-nos em Cambraia (2005) para defender que o tipo de edição que se escolhe para se realizar em um dado documento depende do próprio documento e do público-alvo a que se destina esta edição. Deste modo, junto com os estudantes do Colégio Adventista da Bahia que pertencem ao CLICEL, através das orientações nas reuniões do Clube, organizamos as digitalizações dos poemas manuscritos como edição fac-similar e, em seguida, foram realizadas as edições semidiplomáticas.

Figura 5: Reunião do CLICEL com a presença dos estudantes Lorena Rocha, Maria Vitória Alves, Larissa Nunes, Ronaldo Zandra, Anne Carol Céó, Aíssa Pereira e os professores coordenadores Daianna Quelle da Silva e Gilmar Costa.

45



Fotografia: Gilmar Souza Costa

Figura 6: Grupo do WhatsApp criado para troca de textos referentes à pesquisa



Fotografia: Daianna Quelle da Silva Santos da Silva

Sabemos que a edição fac-similar (conhecida por fac-símile, fac-similada e também por mecânica) não permite que o crítico textual intervenha de maneira alguma no texto, uma vez que somente a imagem do testemunho é reproduzida por meio da fotografia, da xerografia e outros (CAMBRAIA, 2005).

E a edição diplomática permite que, minimamente, o crítico textual intervenha no texto. Nesta edição, faz-se a transcrição rigorosa do documento,



conservando os sinais abreviativos, sinais de pontuação, até separação dos vocábulos. Cambraia (2005, p. 94) considera que a “vantagem deste tipo de edição, pode-se citar a facilitação da leitura que propicia, pois dispensa o leitor da árdua tarefa de decifrar as formas gráficas da escrita original do modelo, particularmente difícil em testemunhos manuscritos.”

Tendo em vista que a etapa primordial do trabalho filológico com quaisquer documentos é a realização da edição, neste caso a semidiplomática, seguimos os critérios desenvolvidos e utilizados pelos estudiosos do NEMa⁸ e pesquisadores do GET⁹ correlacionados com os de Queiroz (2007, p. 34), uma vez que vinculamos o CLICEL ao NEMa e GET. Assim, a edição segue os seguintes critérios:

Na descrição do documento, verificamos:

- » Número de colunas;
- » Número de linhas da mancha escrita;
- » Existência de ornamentos;
- » Maiúsculas mais interessantes;
- » Existências de sinais especiais;
- » Número de abreviaturas;
- » Tipo de escrita;
- » Tipo de papel.

Na transcrição, cumprimos o dever de:

- » Respeitar fielmente o texto: grafia, linhas, fólhos etc.;
- » Fazer remissão ao número do fólho no ângulo superior direito;
- » Numerar o texto linha por linha, constando a numeração de cinco em cinco;

.....
⁸ Núcleo de Estudos do Manuscrito – coordenado pela professora Doutora Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz e sediado na Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS.

⁹ Grupo de Edição de Textos – composto por pesquisadores da área de Filologia, Linguística, Antropologia, História, Desenho e outras; coordenado pela professora Doutora Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz e sediado na Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS.



ECOS DA ESCRAVIDÃO

- » Separar as palavras unidas e unir as separadas;
- » Desdobrar as abreviaturas usando itálico;
- » Utilizar colchetes para as interpolações: [];
- » Indicar as rasuras, acréscimos e supressões através dos seguintes operadores:

((†)) rasura ilegível;
[†] escrito não identificado;
(...) leitura impossível por dano do suporte;
/ / leitura conjecturada;
< > supressão;
() rasura ou mancha;
[] acréscimo;
[< >] acréscimo suprimido;
< > / \ substituído/ substituto
* * interferências de terceiros.

Para efetuarmos a edição semidiplomática, adotamos alguns critérios do ramo da informática, como por exemplo, a utilização da tabela.doc para cada fólio editado, a fonte TIMES NEW ROMAN, no estilo NORMAL e com o TAMANHO 11. A fim de cotejar e extinguir as dúvidas relacionadas ao *corpus*, apresentamos nos trabalhos produzidos no CLICEL, a edição fac-similada justalinear à edição semidiplomática¹⁰. Nas reuniões, para elucidar os tipos de edição escolhidos, selecionamos o poema “O Remorso” como piloto para tais edições no CLICEL e, em seguida entendermos algumas mudanças ao compararmos a edição semidiplomática com uma versão do livro *Os Escravos* organizado por Ilba Mendes¹¹.

SOBRE AS EDIÇÕES FAC-SIMILADA E SEMIDIPLOMÁTICA DO POEMA “REMORSO”

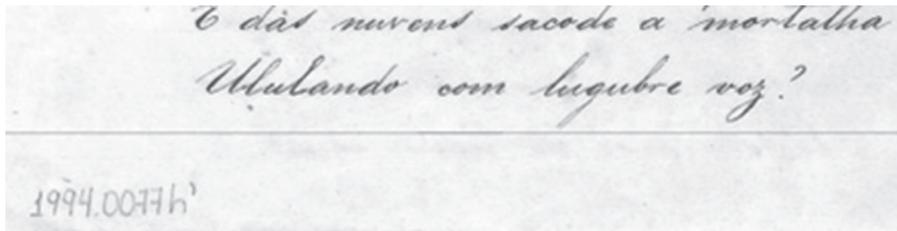
Destacamos que nos fólhos 1r e 2r há inscrições à lápis feitas por terceiros, entendemos que é uma catalogação para os manuscritos e na edição semidiplomática pusemos tais inscrições entre os operadores * *.

.....
¹⁰ As edições de alguns poemas de Castro Alves serão explanadas nos capítulos seguintes como resultados dos trabalhos executados pelos estudantes que compõem o CLICEL.

¹¹ Disponível em: <<http://www.projetolivrolivre.com/Castro%20Alves%20-%20Os%20Escravos%20-%20Iba%20Mendes.pdf>>. Acesso em: 6 maio 2016.

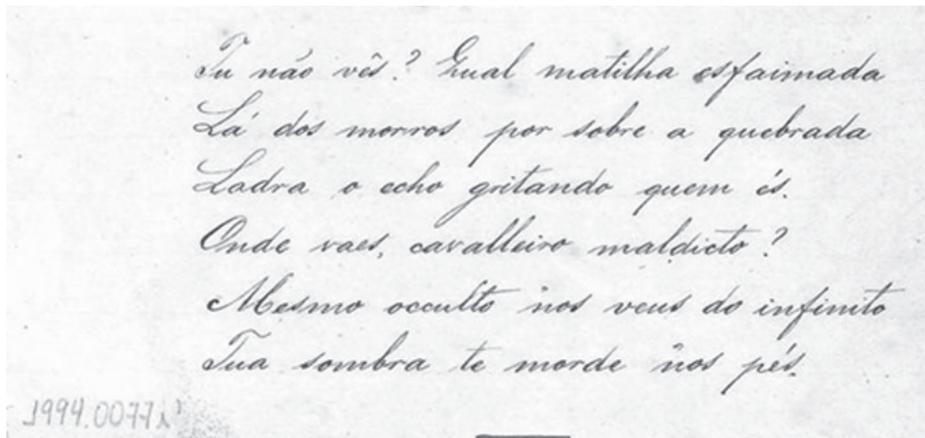


Figura 7: Anotação à lápis indicando catalogação no fólio 1r do poema “O Remorso”



Fonte: Acervo do Parque Histórico de Castro Alves – Cabaçeiros – BA
Fotografia: Daianna Quelle da Silva Santos da Silva

Figura 8: Anotação à lápis indicando catalogação no fólio 2r do poema “O Remorso”

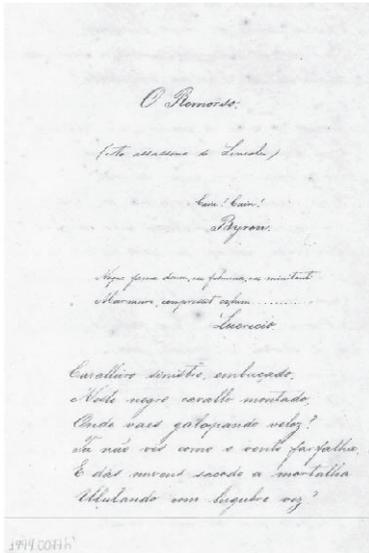


Fonte: Acervo do Parque Histórico de Castro Alves – Cabaçeiros – BA
Fotografia: Daianna Quelle da Silva Santos da Silva

Abaixo é possível conferir as edições fac-similada e semidiplomática que foram organizadas de maneira justalinear



ECOS DA ESCRAVIDÃO



f. 1r

63

O REMORSO.

(Ao assassino de Lincoln)

5

Cain! Cain!

Byron

10

Neque fama deum, nec fulmina, nec mini tanti
Murmure, compressit coelum...

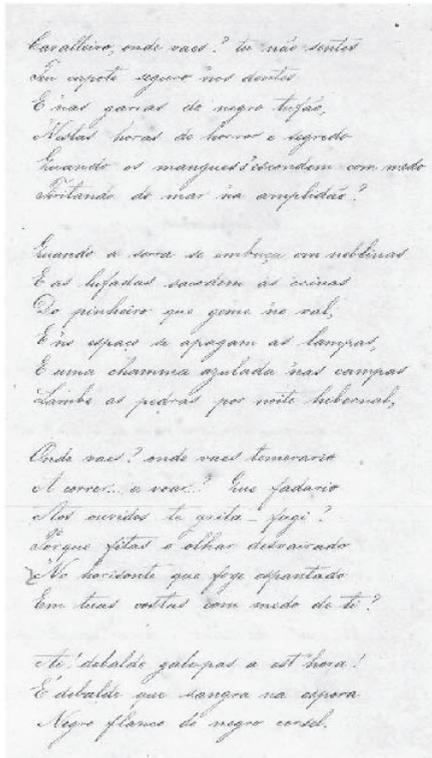
Lucrecio

15

Cavalleiro sinistro, embuçado,
Neste negro cavalle montado
Onde vais galopando veloz?
Tu não vês como o vento farfalha,
E das nuvens sacode a mortalha
Ululando com lugubre voz?

1994.0077h

50



f. 1v

64

Cavalleiro, onde vaes? Tu não sentes
Teu capote seguro n'os dentes
E 'nas garras do negro tufão,
N'estas horas de horror e segredo
Quando os mangues s'escondem com medo
Tiritando no mar n' a amplidão?

5

Quando a serra se embuça em neblinas
E as lufadas sacodem as crinas
Do pinheiro que geme no val,
E n'o espaço se apagam as lampas,
E uma chamma azulada n'as campas
Lambe as pedras por noite hibernal,

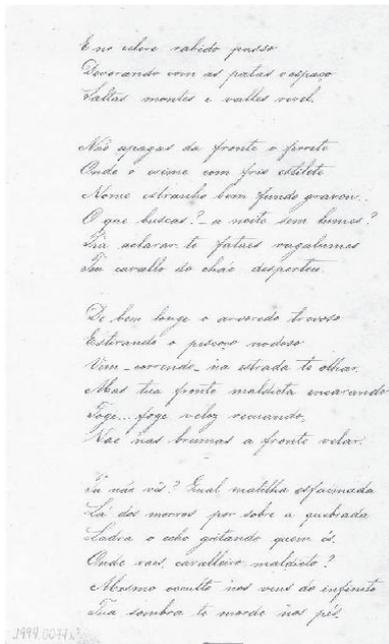
10

15

Onde vaes? Onde vaes temerario
A correr... a voar?... Que fadario
Aos ouvidos te grita — fugi?
Porque fitas o olhar desvaído
N'o horizonte que foge espantado
Em tuas costas com medo de ti?

20

Ai! debalde galopas a est'hora!
É debalde que sangra na espora
Negro flanco do negro corsel.



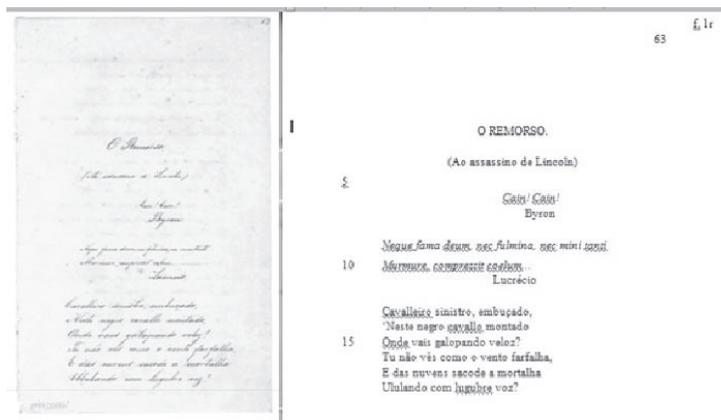
f. 2r
65

- 5 Não apagas da frente o ferrete
Onde o crime com frio estilete
Nome estranho bem fundo gravou.
O que buscas? — A noite sem lumes?
Pr'a aclarar-te fataes vaga-lumes
- 10 Teu cavallo do chão despertou.
- 15 De bem longe o arvoredado trevozo,
Estirando o pescoço nodoso,
Vem — correndo — n'a estrada te olhar.
Mas tua fronte maldicta encorando,
Foge... fuge veloz recuando,
Vae n'as brumas a fronte velar.
- 20 Tu não vês? Qual matilha esfaimada,
Lá dos morros por sobre a quebrada,
Ladra o echo gritando: quem és?
Onde vaes, cavalleiro maldito?
Mesmo occulto nos véus do infinito
Tea sombra te morde n'os pés.

1994.0077 i

51

Figura 7: Comparação entre os fólhos 1r (edição fac-similada, edição semidiplomática do poema e versão do livro *Os escravos*, respectivamente, com destaque em amarelo para as variações grafemáticas nas palavras destacadas em amarelo)



Fotografia: Daianna Quelle da Silva



ECOS DA ESCRAVIDÃO

REMORSO

(Ao assassino de Lincoln)

Cain! Cain

BYRON

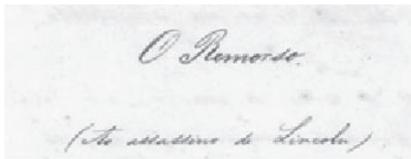
*Neque fama deum, nec fulmina, nec mini tanti
Murmure, compressit coelum...*

LUCRÉCIO

Cavaleiro sinistro, embuçado,
Neste negro cavalo montado,
Onde vais galopando veloz?
Tu não vês como o vento farfalha,
E das nuvens sacode a mortalha
Ululando com lúgubre voz?

Uma das comprovações foi a falta do artigo “O” na edição apresentada no livro *Os Escravos* sendo que no poema transcrito, com caligrafia de Antônio Carvalhal, mas de autoria atribuída a Castro Alves consta a presença do artigo.

Figura 8: Título do Poema Manuscrito



Fotografia: Daianna Quelle da Silva

Figura 9: Título do Poema Remorso

REMORSO
(Ao assassino de Lincoln)

Fotografia: Daianna Quelle da Silva

PASSOS LONGE DE SEREM FINAIS

Investigar, compreender, refletir, escrever, reivindicar são verbos que sempre coadunam com o ato de se pesquisar e estudar. Na escola da atualidade, é cada vez mais forte ter como pilares basilares a reflexão e a criticidade, o que representa o “espírito” do estudo científico, da educação emancipadora, dos cidadãos mais conscientes e atuantes na sociedade. Por esta razão, trouxemos a Filologia como caminho possível para esta empreitada. Entendemos o “editar” filologicamente os poemas de Castro Alves, mesmo que já publicados



posteriormente no livro *Os Escravos*, como válido e inédito, pois trazemos fidedignamente o conteúdo dos poemas, uma vez que manuseamos os manuscritos originais destes poemas. Além disso, explanamos os aspectos extrínsecos de cada um, visualizamos o traçado do *scriptor*, mergulhamos na ortografia da época e, podemos, através da comparação de duas edições (a semidiplomática e a organizada por Ilba Mendes).

Enfim, diante de tudo o que foi dito, nos caminhos do saber filológico há resgates, temas e estudos para se ir muito além do editar.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, W. R.; FRAGA FILHO, W. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais/Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

CAMBRAIA, C. N. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DEMO, P. **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2004.

DEWEY, J. **Como pensamos**: como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo: uma reexposição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

HERNANDEZ, F.; VENTURA, M. **A organização do currículo por projetos de trabalho**: o conhecimento é um caleidoscópio. Porto Alegre: Artmed, 1998.

OLIVEIRA, E. S. **Castro Alves e a poesia humanitária e social de combate a escravidão**. 2013. Disponível em: <http://midia.unit.br/enfope/2013/GT6/CASTRO_ALVES_E_A_POESIA_HUMANITARIA_E_SOCIAL_DE_COMBATE_ESCRAVIDAO.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2016

OLIVEIRA, L. H. S. **A representação do negro nas poesias de Castro Alves e de [Luiz Silva] Cuti: de objeto a sujeito**. Dissertação. (Mestrado em Teoria da Literatura). Programa de Pós-Graduação em Letras/Estudos Literários da Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <<http://bit.ly/2dfiUk9>>. Acesso em: 22 jun. 2016.

QUEIROZ, R. C. R. (Org.). **Documentos do acervo de Monsenhor Galvão**: edição semidiplomática. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2007.



ECOS DA ESCRAVIDÃO

TEIXEIRA, M. C. R; QUEIROZ, R. C. R. ; SANTOS, R. B. (Org.). **Diferentes perspectivas dos estudos filológicos**. Salvador: Quarteto, 2006.

TOLLER GOMES, H. **O negro e o romantismo brasileiro**. São Paulo: Atual, 1988.

WEBER, M. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1963.





FILOLOGIA EM POEMAS: UMA ANÁLISE DE “SUPPLICA” DE CASTRO ALVES¹

Larissa Menegazzo Nunes²

O Clube de Iniciação Científica em Estudos da Linguagem – CLICEL – inserido no Colégio Adventista da Bahia, é coordenado pelos professores Daianna Quelle da Silva Santos da Silva e Gilmar Souza Costa. Dentro desse Clube há um projeto intitulado *Estudos filológicos e discursivos na obra do poeta Castro Alves*, tendo como foco principal a obra poética de Castro Alves, a partir da qual temos a oportunidade de analisar manuscritos disponibilizados pelo Parque Histórico Castro Alves, em Cabaceiras – Bahia. Durante o desenvolvimento do projeto, editamos semidiplomaticamente o documento “Supplica”, poema manuscrito inserido na obra póstuma de Castro Alves *Os Escravos*. Desta forma, objetivamos com este trabalho mostrar a edição do poema e também apresentar a análise das variações grafemáticas encontradas no documento através do cotejo entre a edição semidiplomática feita e a versão da edição disponível no livro *Os Escravos* organizado por Ilba Mendes.³ A partir do levantamento do vocabulário, percebemos que a análise dos dados nos

.....
¹ Capítulo desenvolvido sob a orientação dos professores coordenadores do CLICEL, Daianna Quelle da Silva Santos da Silva e Gilmar Souza Costa.

² Estudante do 2º Ano do Ensino Médio do Colégio Adventista da Bahia, integrante do CLICEL

³ Disponível em: <<http://bit.ly/2chyHPB>>



possibilitou estabelecer diferentes ocorrências grafemáticas. Para melhor visualizá-las, tomando como base o trabalho de Silva e Queiroz (2011), com alguns agrupamentos: Grupo 1: das vogais orais; Grupo 2: das consoantes geminadas; Grupo 3: dos grupos consonantais gregos e latinos.

CONCEITO DE FILOLOGIA

Para entendermos melhor o estudo, precisamos saber o que é Filologia. Esta ciência que existe há bastante tempo e que abrange uma variedade de definições. Com base nas ideias de Auerbach [s. d.], Spina (1977), Azevedo Filho (1987) e Cambraia (2005), a filologia pode tomar duas direções que se convergem. No sentido mais vasto (*lato sensu*), a filologia é o estudo da língua em toda sua extensão no tempo e no espaço, usando o texto escrito, literário e não-literário como objeto de estudo. No sentido mais rigoroso (*stricto sensu*), a filologia devota-se no texto escrito, principalmente literário, para retorná-lo a sua autenticidade e habilitá-lo para publicação (SANTIAGO-ALMEDIA, 2011).

» Os tipos de edição

Dentro da filologia existem cinco tipos de edições de texto: 1) fac-similar; 2) diplomática; 3) semidiplomática; 4) modernizada; e 5) crítica (CAMBRAIA, 2005). Não existe uma única tipologia, porque cada escola pode ter suas próprias regras para a edição.

» Edições adotadas

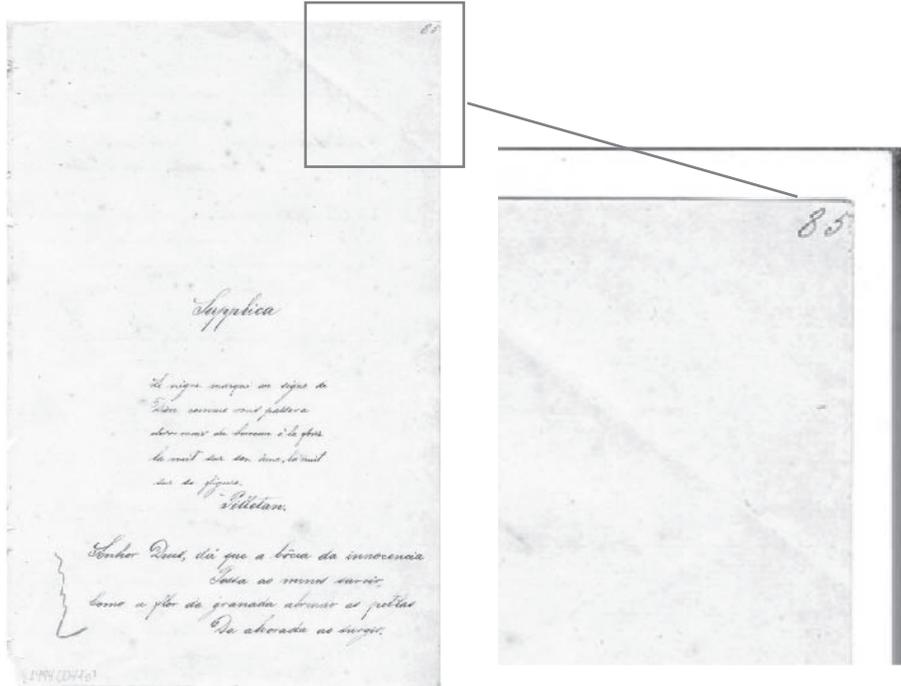
Para este projeto, o CLICEL escolheu fazer suas edições pelos estilos fac-similado (fotografia do poema) e semidiplomático - aquele em que o manuscrito é transcrito o mais fiel possível. Mas há exceções: podemos desenvolver abreviaturas, juntar ou separar palavras, e outros procedimentos, cujo grau de intervenção do editor é mediano (CAMBRAIA, 2005).

» Descrição externa do manuscrito

O poema “Supplica”, conforme diz a ficha disponibilizada pelo acervo do Parque Histórico Castro Alves, estava escrito nas páginas 85 a 87 do livro de Castro Alves, *Os Escravos*, e tem a caligrafia de Antônio Carvalhal. Foi escrito no dia 10 de setembro de 1865 em Recife. Suas dimensões são 198 mm x 126 mm.

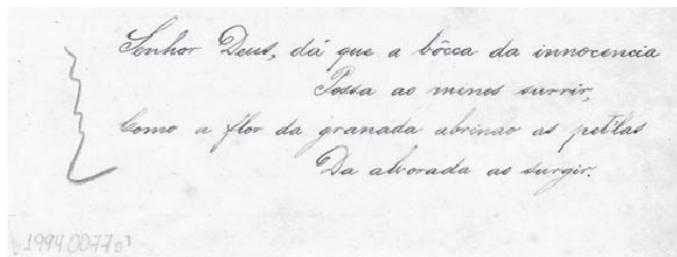


Figura 1: Destaque para o número de página informado (85) no fólio 1r



No fólio 1r, há um rabisco em lápis azul na direção das linhas 25 a 29 e uma anotação à lápis que provavelmente fora efetuada posteriormente.

Figura 2: Destaque para o rabisco no fólio 1r





ECOS DA ESCRAVIDÃO

» Edições de “Supplica”

Abaixo estão disponibilizadas as edições fac-similada e semidiplomática do poema “Supplica”



5

85 f.1r

10

15

SUPPLICA

20

*Le nègre marqué au signe de
Dieu comme vous passera
desormais du berceau à la fosse
la nuit sur son âme, la nuit
ur sa figure.*

Pelletan.

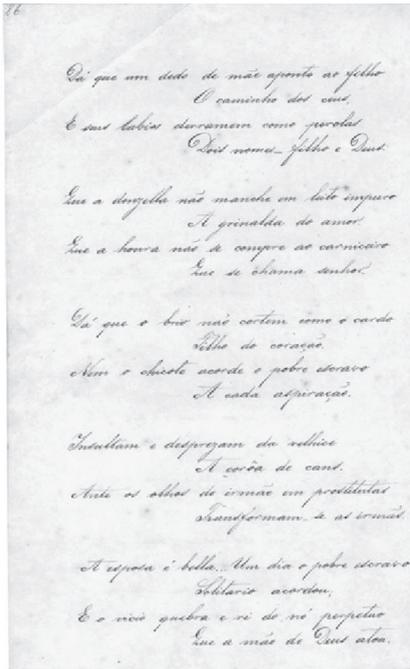
25

Senhor Deus, dá que a bôcca da innocencia
Possa ao menos sorrir,
Como a flor da granada abrindo as pet'las
Da alvorada ao surgir.

30

19940077s

58



86

f. 1v

5

Dá que um dedo de mãe aponto ao filho
O caminho dos ceus,
E seus labios derramen como perolas
Dois nomes_ filho e Deus.

10

Que a donzella não manche em leite impuro
A grinalda do amor.
Que a honra não se compre ao carneiro
Que se chama senhor.

15

Dá que o brio não corteem como o cardo
Filho do coração.
Nem o chicote acorde o pobre escravo
A cada aspiração.

20

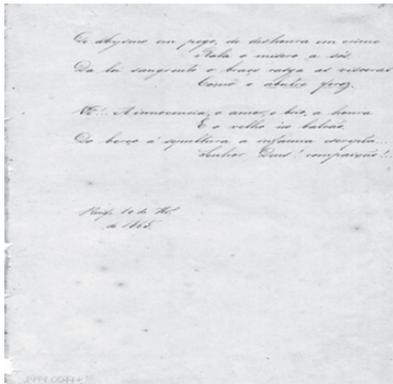
Insultam e desprezam da velhice
A corôa de cans.
Ante os olhos de irmão em prostitutas
Transformam-se as irmãs.

25

A esposa é bella... Um dia o pobre escravo
Solitário acordou;

30

E o vicio quebra e ri do nó perpetuo
Que a mão de Deus atou



- De abysmo em pego, de deshonra em crime
Rola o misero a sós.
- 5 Da lei sangrento o braço rasga as vísceras
Como o abutre feroz.
- Vê!.. A innocencia, o amor, o brio, a honra
E o velho n' o balcão.
- 10 Do berço à sepultura a infâmia scripta...
Senhor Deus! compaixão!..
- 15 Recife 10 de Setembro ⁴.
de 1865.

1994 0077f

VARIAÇÕES GRAFEMÁTICAS

Em autores como Telles (2002), Queiroz (2007) e Silva e Queiroz (2011) vemos que nos documentos mais velhos escritos em português há diferentes formas de registro gráfico de palavras. Assim, resolvemos mostrar as variações grafemáticas encontradas em “Supplica”.

Grupo 1: das vogais orais

Palavras	Ocorrências	Análises	Contexto
Ceus	f. 1v – linha 4	Falta de acentuação das vogais <e>, <a> e <i> devido às regras ortográficas da época.	“Dá que um dedo de mãe aponto ao filho / O caminho dos ceus, [...]”
Labios	f. 1v – linha 5		“E seus labios derramem como perolas / Dois nomes_filho e Deus. [...]”
Vicio	f. 1v – linha 29		“E o vicio quebra e ri do nó perpetuo / Que a mão de Deus atou. [...]”
Abysmo	f. 2r – linha 3	Substituição do grafema <i> pelo grafema <y>, porque ambos representam o mesmo fonema /i/ por influência pseudoetimológica	“De abysmo em pego, de deshonra em crime / Rola o misero a sós. [...]”

⁴ 7br. (Encontrado no documento)



ECOS DA ESCRAVIDÃO

Deshonra	f. 2r – linha 3	Substituição do grafema <o> pelo grafema <ho> por seguir a mesma grafia da palavra honra.	“De abysmo em pego, de deshonra em crime / Rola o misero a sós. [...]”
Bôcca	f. 1r – linha 25	Uso da vogal com acento circunflexo <ô> no lugar de <o> por conta das regras de acentuação das palavras da época, atualmente usamos <o>	“Senhor Deus, dá que a bôcca da innocencia / Possa ao menos sorrir, [...]”
Corôa	f. 1v – linha 22		“Insultam e desprezam da velhice / A corôa de cans. [...]”

Grupo 2: Consoantes geminadas

Palavras	Ocorrências	Análises	Contexto
Supplica	f. 1r – linha 14	Presença de consoantes geminadas, por conta da influência pseudoetimologizante, fenômeno conhecido como variação etimologizante.	“SUPPLICA [...]” (título)
Bôcca	f. 1r – linha 25		“Senhor Deus, dá que a bôcca da innocencia / Possa ao menos sorrir, [...]”
Innocencia	f. 1r – linha 25		“Vê!.. A innocencia , o amor, o brio, a honra / E o velho ão balcão. [...]”
Donzella	f. 2r – linha 8		“Que a donzella não manche em leito impuro / A grinalda do amor. [...]”
Bella	f. 1v – linha 9		“A esposa é bella ... Um dia o pobre escravo / Solitário acordou; [...]”
	f. 1v – linha 27		

**Grupo 3:** Grupos consonantais gregos e latinos

Palavras	Ocorrências	Análises	Contexto
Scripta	f. 2v – linha 10	Omissão do grafema <e> e uso do grafema <pt> no lugar de <t> por conta da influência do período etimológico, fenômeno conhecido como <i>variação etimologizante</i> .	“Do berço a’ sepultura a infâmia scrip- ta ... / Senhor Deus! compaixão!.. [...]”

ANÁLISE DO POEMA

O poema é iniciado por uma citação de Pelletan⁵. Possui oito estrofes e uma data e, ao fazermos uso de uma tradução simples do francês para o português dessa citação, foi possível apreciar sua profundidade em relação à mão de obra escrava.

Em cada estrofe, o eu-lírico parece suplicar a Deus a resolução para os descasos, como uma verdadeira vergonha, que aconteceram nos dias dele e que continuam acontecendo hoje, incluindo a “inocência”, o “amor”, o “brio”, a “honra” e a “velhice”, que são destacados na última estrofe. A primeira estrofe, encontrada nas linhas 25 a 28 do fôlio 1r, fala sobre uma criança que, por alguma razão, não é feliz. Sinaliza a possibilidade de ser uma criança que nasceu em uma família de escravos e é forçada a trabalhar como uma escrava. Nessa estrofe, o sorriso de uma criança é comparado a uma granada se abrindo ao nascer do sol. Como referência, eis uma foto de uma granada, que é a flor da fruta romã.

**Figura 2:** Flor da fruta romã

Fonte: <https://es.wikipedia.org/wiki/Punica_granatum>

.....
⁵ Escritor, jornalista e político.



ECOS DA ESCRAVIDÃO

Nas linhas 3 a 6 do fólio 1v é encontrada a segunda estrofe, o eu-lírico indica que as mães possam disciplinar seus filhos e ensinar-lhes as coisas de Deus. Na linha 6 existem duas possíveis análises a) primeira é que os dois nomes “filho e Deus” que o poema se refere são Jesus e Deus, indicando que a mãe deve ensinar a seu filho sobre as coisas religiosas, que inclui a trindade; b) a segunda é que em vez do nome do filho ser Jesus, pode ser o nome do filho dessa mãe, ou seja, a mãe não simplesmente ensina as coisas religiosas, mas também ensina ao seu filho como ser um homem, disciplinando-o para a vida.

Já na terceira estrofe, encontrada nas linhas 9 a 12 do fólio 1v, os temas do matrimônio e fidelidade aparecem. Quando se fala da donzela, é possível dizer que o eu-lírico alerta as moças escravizadas para que não “manchem” sua honra na cama do senhor, o dono dos escravos, simplesmente para sentir-se aceitas por ele. Porém, sabemos que nessa época, muitas escravas eram usadas como objeto sexual. Claro que geralmente não era possível negar totalmente o desejo do senhor, mas havia algumas que deixavam esses eventos ocorrerem, porque elas queriam ter a probabilidade de gerar o filho do senhor, o que possivelmente traria o senhor a ter um carinho maior por ela, assim ela e o filho teriam uma vida melhor (FREYRE, 2003).

As linhas 15 a 18 do fólio 1v contém a quarta estrofe. O tema dessa estrofe pode ser resumido como humildade. Não é certo sentir-se superior a alguém, isso pode causar danos não somente a quem se sente “inferior” mas também a quem se sente “superior”. Nesse caso, não era aceitável ter escravos simplesmente pelo fato de alguém se sentir superior ao negro e, o sentimento de soberania do escravizador trazia um sofrimento enorme a quem era rebaixado, escravizado pelo orgulho e maldade do senhor de engenho.

Na quinta e sexta estrofes, linhas 21 a 30 do fólio 1v, os temas se unem. Os religiosos ensinavam que Deus tinha colocado as pessoas na classe social específica por uma razão, e mudar o plano de Deus era blasfêmia. Então eles e muitos dos senhores daquela época usavam esse pensamento para manter os escravos como escravos. Muitos senhores também utilizavam a Bíblia para justificar seus erros, como o desrespeito ao idoso e a manutenção da escravidão. E como esses senhores não pagavam praticamente nada para manter seus escravos, eles trabalhavam de graça e malmente comiam, enquanto os senhores tinham dinheiro para adornar suas esposas e comprar roupas e muitos acessórios para vestirem-se bem.

A sétima estrofe, que está nas linhas 3 a 6 do fólio 2r fala sobre a miséria da escravidão. Os senhores são descritos como míseros e urubus que sangram seus



escravos sem compaixão nenhuma. O eu-lírico caracteriza esses senhores com palavras agudas, mostrando ao povo que tipo de homens eles eram.

E, finalmente, a oitava estrofe, encontrada nas linhas 8 a 11 do fólio 2r, resume o poema: a inocência da criança, o amor da donzela, o brio e a honra do filho do coração e o velho no balcão, o qual tem uma coroa de cãs. Voltando para a ideia da citação de Pelletan, o eu-lírico fala do percurso da vida de uma maneira bem estreita. E ele termina a sua oração (porque o poema “Supplica” realmente é uma oração) como um pedido de compaixão.

Como é mostrado pela data escrita no poema, este manuscrito tem muito tempo que fora escrito. Sendo assim, a forma de escrever a data é diferente do que é conhecido hoje. Alguns meses que terminam com *-bro* eram escritos com o devido número e acompanhados por um *-br*, como exemplo do poema: setembro foi escrito como 7br. Na transcrição feita pela presente autora, essa data foi escrita como “setembro” porque a edição é semidiplomática, o que permite o desenvolvimento de abreviaturas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após ter feito a edição e a análise do poema “Supplica”, foi possível observar uma similaridade entre a sociedade daquele tempo e a de hoje. Os problemas mencionados no poema são presentes no dia a dia de inúmeras pessoas no Brasil. Violência contra o idoso, abuso de poder, escravização sexual ou trabalhista, muitas outras injustiças sociais que deveriam já estar resolvidas estão, até hoje, afligindo a sociedade brasileira. Apesar de o poema ter sido escrito há quase 200 anos, os temas denunciados ainda são bem atuais. Castro Alves pode não ter sofrido essas injustiças, mas ele provavelmente as presenciou.

Em relação às variações grafemáticas, podemos notar uma mudança na escrita que reflete a dinâmica da língua. Com a ajuda da Filologia, o leitor pode ser transportado aos velhos tempos e isso é crucial para um desenvolvimento positivo da história.

REFERÊNCIAS

CAMBRAIA, C. N. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FREYRE, G. **Casa-grande & senzala**. 48. ed. Recife: Global Editora. 2003.



ECOS DA ESCRAVIDÃO

QUEIROZ, R. C. R. (Org.). **Documentos do acervo de Monsenhor Galvão**: edição semidiplomática. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2007.

SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. Para que filologia/crítica textual? **Revista Acta**, Assis, v. 1, p. 1-12, 2001. Disponível em: <[http://www.assis.unesp.br/Home/SitesInternos/RevistaActa/PARA_QUEFILOLOGIACRITICATEXTUAL\(revistoISSN\).PDF](http://www.assis.unesp.br/Home/SitesInternos/RevistaActa/PARA_QUEFILOLOGIACRITICATEXTUAL(revistoISSN).PDF)> Acesso em: 12 abr. 2016

SILVA, D. Q. S. S.; QUEIROZ, R. C. R. Annos ou anos: estudo das variações grafemáticas em documentos manuscritos do acervo de Monsenhor Galvão. **Cadernos do CNLF**, v. XV, n. 5, t. 1, p. 298-308, 2011. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/26.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2016

TELLES, C. M. Relação grafemático-fonética em textos não literários do século XVI. **Revista da ANPOLL**, São Paulo, n. 12, p. 37-64, jan./jun. 2002.





O CHORO NA VISÃO DE CASTRO ALVES: EDIÇÃO FILOLÓGICA E ESTUDO DO POEMA “CANÇÃO VIOLEIRO”¹

Rebeca Monteiro de Moraes²

O presente capítulo é resultado do projeto *Estudos filológicos e discursivos nas obras de Castro Alves*, proposto pelo Clube de Iniciação Científica e Estudos em Linguagem (CLICEL), que se reúne no Colégio Adventista da Bahia sob a supervisão e orientação dos professores Gilmar Costa Souza e Daianna Quelle da Silva Santos da Silva. O *corpus* do trabalho é parte integrante das digitalizações dos manuscritos dos poemas de Castro Alves, publicadas anteriormente no livro *Os Escravos*, cedidas pelo Parque Histórico Castro Alves, situado em Cabaceiras do Paraguaçu, na Bahia. Diante dos manuscritos decidimos fazer a edição filológica e, em seguida, um cotejo com a edição da versão disponibilizada no livro *Os Escravos* organizado por Ilba Mendes.³

.....
¹ Capítulo desenvolvido sob a orientação dos professores coordenadores do CLICEL, Daianna Quelle da Silva Santos da Silva e Gilmar Souza Costa.

² Estudante do 1º Ano do Ensino Médio do Colégio Adventista da Bahia, integrante do CLICEL

³ Disponível em: <<http://www.projetolivrolivre.com/Castro%20Alves%20-%20Os%20Escravos%20-%20>



A literatura no mundo já passou por várias fases e da mesma forma ocorreu no Brasil. O movimento Romântico foi dividido em três partes, caracterizando três períodos. O primeiro período se deu quando o Brasil buscava por sua identidade nacional pois havia recentemente conquistado sua independência seus poetas ainda tinham influências europeias, por isso essa fase ficou conhecida como nacionalista. A segunda fase é a fase ultrarromântica ou também conhecida como mal-do-século por ter características como o pessimismo, sofrimento e isolamento. E a terceira fase é conhecida como a fase social ou “condor” que é uma ave que voando representava o desejo de mudança na sociedade e Castro Alves é um de seus principais representantes no Brasil (CANDIDO, 2004.)

Como um dos principais poetas do Romantismo, Castro Alves tinha uma participação ativa na causa abolicionista e isso pode ser notado em suas obras. Assim, o poema *Canção do Violeiro* e outras produções do poeta servem para demonstrar o tratamento que a sociedade dava aos negros e denunciá-lo.

Destacamos que Castro Alves não apenas contribuiu para o movimento abolicionista apenas, mas também, abordou através das poesias lírico-amorosas, a mulher mais atingível e próxima do eu-lírico. Grande parte disso se dá através da sua conturbada vida amorosa com Eugênia Câmara, que deu inspiração para muitos poemas lírico-amorosos e, mesmo após o término do relacionamento seu antigo amor continuava sendo sua inspiração. Os poemas de Castro Alves tinham palavras poderosas de uma forma simples o que o levava a ser declamado em praças, grandes salões, teatros e dessa forma chamar atenção para as causas abolicionistas principalmente.

SOBRE A FILOLOGIA E AS EDIÇÕES

Etimologicamente a palavra filologia pode ter várias interpretações como, por exemplo: amor à ciência, culto ao conhecimento e também o culto à ciência da linguagem. A palavra filologia foi citada pela primeira vez foi em obras de Platão, como *Kratylos* e *A República* (Platão, 380 a.C.) (ROSA, 2001). Para ele, a filologia estava intimamente ligada à filosofia, pois os primeiros filólogos foram também filósofos, mas é a partir do século XIX que ela deixa de ser apenas clássica para se tornar um vasto campo de estudos (ROSA, 2001). A Filologia, através da linha Crítica Textual, nos possibilita restaurar textos através de edições:

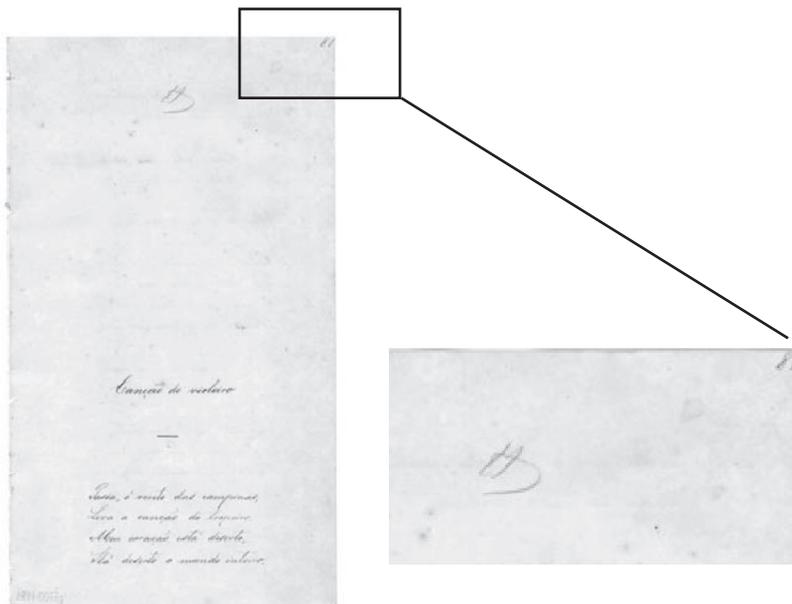


fac-similada, semidiplomática, diplomática, entre outras. No *corpus*, decidimos executar a edição semidiplomática e, lado a lado, trouxemos a edição fac-similada, porque acreditamos que traremos o texto ao público de maneira mais fiel.

SOBRE A DESCRIÇÃO DO CORPUS

Ao termos acesso ao material, constatamos que o poema foi escrito pelas mãos do amigo do poeta, Antonio Alves Carvalhal, segundo as informações dispostas em nota das digitalizações. Antonio Carvalhal e Castro Alves foram companheiros durante o Ginásio Baiano e também durante a Faculdade de Direito, em Recife. O poema é datado de 1865, foi escrito em Recife e está presente nas páginas manuscritas do livro *Escravos* de Castro Alves, conforme a descrição da ficha (disponibilizada pelo Parque Histórico Castro Alves) que se refere aos manuscritos, como podemos ver na *figura 1*.

Figura 1: Fólio 1r, destaque para a numeração descrita na ficha como página 81





ECOS DA ESCRAVIDÃO

AS EDIÇÕES FILOLÓGICAS DE CANÇÃO DO VIOLEIRO

Organizamos e disponibilizamos, a seguir, as edições fac-similada e semi-diplomática do poema Canção do Violeiro.

[†]

81

f.1r



5

10

15

CANÇÃO DO VIOLEIRO

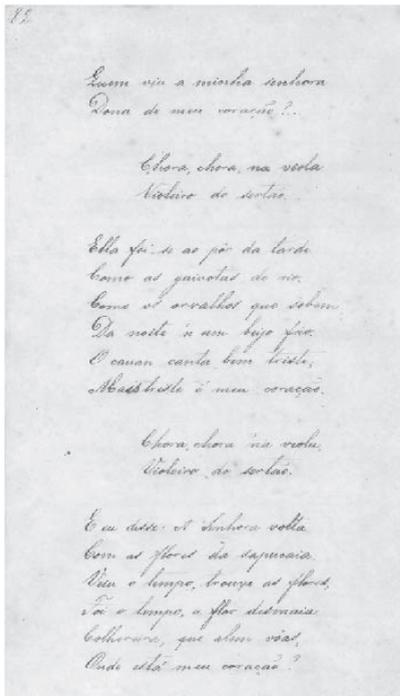
20

Passa, ó vento das campinas,
Leva a canção do tropeiro
Meu coração está deserto
Sta' deserto o mundo inteiro

25

*1994007q**

68



82

flv

5

Quem viu a minha senhora
Dona de meu coração?...

Chora, chora, na viola
Violeiro do sertão

10

Ella foi-se ao pôr da tarde
Como as gaivotas do rio
Como os orvalhos que sobem
Da noite n'um beijo frio
O cauan canta bem triste
Mais triste é meu coração.

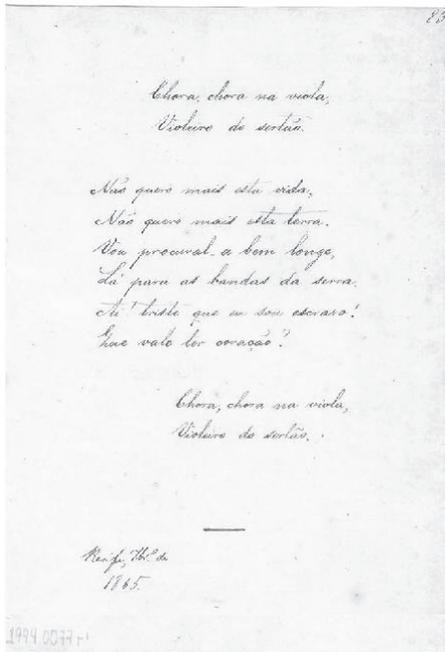
15

Chora, chora n'a viola,
Violeiro do sertão.

20

E eu disse: A senhora volta
Com as flores de sapucaia
Veiu o tempo, trouxe as flores,
Foi o tempo, a flor desmaia.
Colhereira, que além vós,
Onde está o meu coração?

25



83 f.2r

Chora, chora na viola,
Violeiro do sertão.

5 Não quero mais esta vida,
Não quero mais esta terra.
Vou procural-a bem longe,
Lá para as bandas da serra.
Ai! triste que eu sou escravo!
10 Que vale ter coração?

Chora, chora na viola,
Violeiro do sertão.

15 _____
Recife, Setembro⁴ . de
1865.

1994. 0077 f

69

O CHORO AQUI: UMA INTERPRETAÇÃO LITERÁRIA SOBRE “CANÇÃO DO VIOLEIRO”

Na primeira estrofe do poema, o eu-lírico pede ao vento que leve a sua mensagem, pois ele se sente sozinho sem sua senhora, como se observa na linha 3 “Stá deserto o mundo inteiro”. Ele diz que está em busca de sua amada, dona de seu coração. O eu-lírico chama sua amada de “senhora” fazendo referência a ele como vassallo do amor, tal como estudamos no Trovadorismo. O coro “Chora, chora na viola, Violeiro do sertão” mostra o lamento do poeta com a perda de sua amada.

Na segunda estrofe, há a tristeza do eu-lírico no momento da partida de sua amada. Ele fala do momento em que ela se foi, “ao pôr da tarde\como as gai-votas do rio” e ele chegou a noite como um beijo frio. Nesse momento, o cauan⁵,

⁴ 7bro (encontrado no documento)

⁵ Grafado conforme o poema



ECOS DA ESCRAVIDÃO

que estava fazendo referência aos pássaros nesta estrofe, toca uma música triste mas “Mas triste é meu coração”.

Já a terceira estrofe mostra a esperança e a fé do eu-lírico de que sua senhora voltaria junto com as flores da primavera, porém o tempo passou, a primavera veio e se foi e, o vento levou as flores. Então o eu-lírico pergunta à colheira das flores, “Onde está o meu coração?”.

A quarta e última estrofe demonstra quando o eu-lírico se decide que não quer mais essa vida de espera e decide ir para outra terra procurar uma nova vida além da serra, mas ainda assim, se lamenta por sua senhora se dizendo ainda escravo e pergunta “Que vale ter coração?”, e novamente o coro demonstra seu lamento “Chora, chora na viola, Violeiro do sertão”.

AS VARIAÇÕES GRAFEMÁTICAS EM CANÇÃO DO VIOLEIRO

A grafia de um lugar mostra muito de sua cultura e história e, tal grafia vem sofrendo alterações ao longo dos anos de acordo com novos conhecimentos, com as noções de grafia de um povo, seus costumes e influências. Ao editar os poemas de Castro Alves notamos algumas variações grafemáticas quando, principalmente, comparamos com a escrita hoje. Deste modo, seguindo os critérios de Silva e Queiroz (2011), leituras de Telles (2002), Queiroz (2007) e outros, organizamos as variações grafemáticas em quadros separadas em 4 grupos, como se vê nas tabelas a seguir - destacamos que levamos em consideração até mesmo a licença poética.

Grupo 1: das vogais orais

Palavras	Ocorrências	Análises	Contexto
Veiu	f.1v linha 21	Substituição do grafema <o> pelo grafema <u>, pois os dois representam o fonema /u/ por interferência da oralidade, esse fenômeno é chamado variação grafofonética.	“Com as flores de sapucaia. Veiu o tempo, trouxe as flores [...]”
Vôas	f.1v linha 23	Uso da vogal sem acento circunflexo <o> no lugar de <ô> por conta das regras de acentuação das palavras da época, atualmente usamos <ô>	“Colheira que alem vôas [...]”

Grupo 2: das vogais nasais

Palavras	Ocorrências	Análises	Contexto
Cauan	f.1v linha 13	Uso de <an> no lugar de <ã>.	“O cauan canta bem triste [...]”

Grupo 3: das variações gráficas numa mesma palavra

Palavras	Ocorrências	Análises	Contextos
’Sta	f.1 r linha 23	Alternância entre as formas gráficas <’s> pelo <es>.	“Leva a canção do tropeiro. Meu coração está deserto / ’Sta ’ deserto o mundo enterro [...]”
Está	f.1 r linha 22		

Grupo 4: De adições, exclusões, substituições de grafemas por razões literárias

Palavras	Ocorrências	Análises	Contexto
n’um	f. 1v linha 12	Uso da locução prepositiva <num> - contração de “em um” - com apóstrofo e separada, por razão literária, a fim de fortalecer a prosódia e sonoridade no poema	“Da noite n’um beijo frio [...]”
procural-a	f. 2r linha 8	Adição do grafema <->, depois do < > em razão a grafia da época e em razão literária a fim de fortalecer a prosódia e sonoridade no poema	“Vou procural-a bem longe [...]”



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Castro Alves ficou conhecido principalmente por seus poemas de apoio à causa abolicionista, porém seus poemas amorosos tiveram igual destaque em seu tempo e ainda hoje. No poema “Canção do Violeiro” é mostrado, através do eu-lírico, o sofrimento de um homem que se considera vassalo do amor e de como suas esperanças morrem com o passar do tempo, quando ele percebe que sua amada não irá voltar junto com a primavera. O poeta traz questões do dia a dia, conflitos internos (dor de amor, por exemplo), conflitos externos (como a escravidão), entre outros de uma forma bela e mais simples.

REFERÊNCIAS

CAMBRAIA, C. N. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CARVALHO, R. B. S. A filologia e seu objetivo diferentes perspectivas de estudo. **Revista Philologus**, ano 9, n. 26. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/revista/artigo/9\(26\)03.htm](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/9(26)03.htm)>. Acesso em: 16 jun. 2016.

CANDIDO, A. **O Romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas, 2004.

FORESTI DE ÁVILA, D. O moderno reescreve o romântico: diálogo entre Castro Alves e Manuel Bandeira. **Revista Eletrônica de Crítica e Teoria de Literaturas**. Porto Alegre, v. 3 n. 02, jul/dez. 2007. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/view/5074>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

PEREIRA A. L. R. **Relação entre filologia e linguística**: semelhanças e diferenças. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/relacao-entre-filologia-e-linguistica-semelhancas-e-diferencas/66692/>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

QUEIROZ, R. C. R. (Org.). **Documentos do acervo de Monsenhor Galvão**: edição semidiplomática. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2007.

SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. Para que filologia/crítica textual? **Revista Acta**, Assis, v. 1, 2001. Disponível em: <[http://www.assis.unesp.br/Home/SitesInternos/RevistaActa/PARAQUEFILOLOGIACRITICATEXTUAL\(revistoISSN\).PDF](http://www.assis.unesp.br/Home/SitesInternos/RevistaActa/PARAQUEFILOLOGIACRITICATEXTUAL(revistoISSN).PDF)>. p. 1-12 Acesso em: 12 abr. 2016



O CHORO NA VISÃO DE CASTRO ALVES: EDIÇÃO FILOLÓGICA E ESTUDO DO POEMA “CANÇÃO VIOLEIRO”

SILVA, D. Q. S. S.; QUEIROZ, R. C. R. Annos ou anos: estudo das variações grafemáticas em documentos manuscritos do acervo de Monsenhor Galvão. **Cadernos do CNLF**, v. XV, n. 5, t. 1, p. 298-308, 2011. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/26.pdf. Acesso em: 12 maio 2016

TELES, C. M. Relação grafemático-fonética em textos não literários do século XVI. **Revista da ANPOLL**, São Paulo, n. 12, p. 37-64, jan./jun. 2002.







EDIÇÃO FILOLÓGICA E VARIAÇÕES GRAFEMÁTICAS EM “FÉ, ESPERANÇA E CARIDADE” DE CASTRO ALVES¹

Tássia Camile de Matos Barbosa²

O Clube de Iniciação Científica em Estudos da Linguagem - CLICEL - tem como *corpus* de um de seus projetos, os poemas manuscritos cuja autoria é do poeta Castro Alves. Estes manuscritos foram digitalizados e disponibilizados pelo Parque Histórico Castro Alves, situado em Cabaceiras do Paraguaçu- BA. Assim, o Colégio Adventista da Bahia vem proporcionar aos estudantes a oportunidade de produzir trabalhos científicos, com vistas à publicação de um livro com estes resultados. Dentro do Clube, temos duas linhas de pesquisas em andamento, ambas coordenadas pelos professores Daianna Quelle da Silva Santos da Silva e Gilmar Souza Costa e nelas se encaixa o *Projeto estudos filológicos e discursivos na obra do poeta Castro Alves*.

.....
¹ Capítulo desenvolvido sob a orientação dos professores coordenadores do CLICEL, Daianna Quelle da Silva Santos da Silva e Gilmar Souza Costa.

² Estudante do 1º Ano do Ensino Médio do Colégio Adventista da Bahia e integrante do CLICEL.



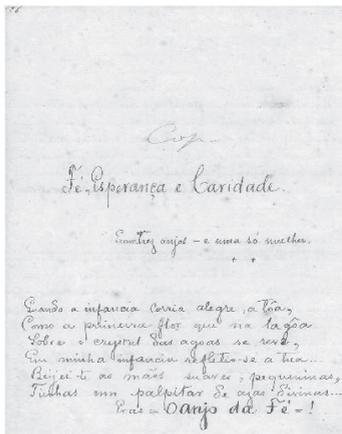
Durante o desenvolvimento do projeto, a equipe foi orientada, através de encontros, leituras de textos, discussões e tiradas de dúvidas a realizar análises e estudos dos poemas através, principalmente, da Filologia. Nesse texto, apresentaremos a edição semidiplomática do poema *Fé, Esperança e Caridade* e, através do cotejo entre a edição executada e edição da versão do livro *Os Escravos* organizado por Ilba Mendes³, apresentaremos uma análise das variações grafemáticas.

SOBRE A FILOLOGIA

A filologia em uma de suas definições é considerada “[...] o estudo rigoroso dos documentos escritos antigos e de sua transmissão, para estabelecer, interpretar e editar esses textos” (HOUAISS; VILLAR, 2001, p.1344). Desde muito tempo ela é utilizada para o estudo e análise de sociedades ou assunto específicos. Dessa forma, o papel que desempenha é de grande importância para diversas áreas (como a história ou a matemática), já que a partir dos resultados adquiridos é possível organizar os fatos.

SOBRE AS EDIÇÕES EM “FÉ, ESPERANÇA E CARIDADE”

Disponibilizamos as edições fac-similada e semidiplomática do poema *Fé, Esperança e Caridade*.



126

f.1 v.

5

[+]

10

FÉ, ESPERANÇA E CARIDADE

Eram trez anjos - e uma só mulher

15

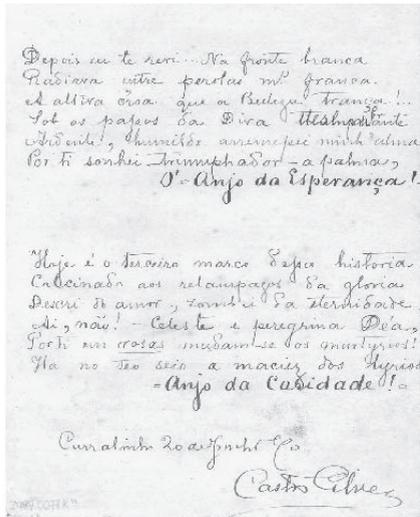
+ +

20

Quando a infancia corria alegre, a tóa,
Como a primeira flor que na lagôa
Sobre o crystal das agoas se revê,
Em minha infancia refletio-se a tua...
Beijei-te as mãos suaves, pequeninas,
Tinhas um palpitao de azas divinas...
Eras = O Anjo da Fé =!

25

³ Disponível em: <<http://www.projetolivrolivre.com/Castro%20Alves%20-%20Os%20Escravos%20-%20Ilba%20Mendes.pdf>>



5 Depois eu te servi... Na fronte branca
Radiava entre perolas mais franca
A altiva c'roa que a Beleza trança!..
Sob os passos da Diva deslumbrante⁴
Ardente, humilde arremessei minh'alma
Por ti sonhei – triumphador- a palma
O' = Anjo da Esperança!

10 Hoje é o terceiro marco dessa historia.
Calcinado aos relampagos da gloria
Descri do amor, zombei da eternidade.
15 Ai, não! – Celeste e peregrina Déa,
Por ti em rosas mudam-se os martyrios!
Há no teo seio a maciez dos lyrios
=Anjo da Caridade! =

20 Curralinho 20 de junho [+]
Castro Alves

SOBRE OS “VALORES DE ANJO”: PONTOS LITERÁRIOS NO CORPUS

Sabemos que no Brasil, no século XIX, a literatura ainda não era uma fonte de conhecimento acessível a toda sociedade, já que nem toda a população tinha contato com a educação formal. Em um momento em que a escravização ainda existia no país, nomes como o de Castro Alves se destacam por levar para a literatura da época questões sociais, por ser um dos maiores representantes do Romantismo no Brasil, através da poesia abolicionista.

Fé, esperança e caridade, como um tripé do Cristianismo, é um exemplo de poesia lírica, que em seus versos e metáforas expressa os sentimentos do autor. Através dos três anjos, Castro Alves revela seus sentimentos por uma de suas musas, Leonídia, por quem se apaixonou ao voltar à sua terra para descanso. Em sua primeira estrofe, com o Anjo da Fé, o poeta parece nostálgico, relembra a alegria que a infância nos traz, a brincadeira, a felicidade e outros, (“em minha infância refletiu-se a tua”) ao referir-se à sua amada. Na segunda estrofe, o Anjo da Esperança, em um passado não tão distante (“Depois te servi [...] Na fronte branca”), outro estágio de sua paixão, no qual está esperançoso (“Por ti sonhei – triumphador- a palma”). Já em seu presente, terceira estrofe, (“Hoje é o terceiro marco dessa história”) o Anjo

⁴ Palavra triunfante, sobrescrita no poema.



da Caridade, tem em seus versos o sofrimento do poeta (“Descri do amor, zombei da eternidade. Por ti em rosas mudam-se os martirios!”)

A ORTOGRAFIA E AS VARIAÇÕES GRAFEMÁTICAS

Há milênios a escrita se mostra presente nas civilizações como importante meio de comunicação. A partir dela são feitos registros de variadas atividades, seja para a produção de documentos ou questões econômicas, territoriais, religiosas, entre outros. Essencial para a literatura, a escrita desempenha papel fundamental na arte, como forma de expressão e Castro Alves, como um brilhante poeta brasileiro, em seu curto período de vida dedicou-se ao ato de escrever, e procurou abordar o amor e também as injustiças de sua época. Nas três estrofes do poema “Fé, esperança e caridade” ele retrata para além das histórias de amor, o vocabulário e a ortografia da época e, vemos tudo isso ao comparar a edição semidiplomática com a edição atualizada do poema em estudo. Assim vemos variações grafemáticas, de vocabulário, etc. Vale destacar que o poema “Fé, esperança e caridade”, não consta no livro *Os escravos* e foi agrupado posteriormente e publicado em *Espumas flutuantes*, edição 1917. Assim, vemos, neste caso, questão lírica do poeta.

SOBRE A CATEGORIZAÇÃO GRAFEMÁTICA DO CORPUS

Grupo 1: Vogais orais

Palavra	Ocorrência	Análises	Contexto
Tôa	f. 1r – linha 20	Uso da vogal com acento circunflexo <ô> no lugar de <o> por conta das regras de acentuação das palavras da época, atualmente usamos <o>	“quando a infância corria alegre, a tôa [...]”
Lagôa	f. 1r – linha 21		“como a primeira flor na lagôa [...]”
Crystal	f. 1r – linha 22	Substituição do grafema <i> pelo grafema <y>, porque ambos representam o mesmo fonema /i/, indicando uma variação grafofonética.	“sobre o crystal das agoas revê [...]”
Martyrios	f. 2r – linha 17		“por ti em rosas mudam-se os martyrios [...]”
Lyrios	f. 2r – linha 18		“há em teo seio a macies dos lyrios [...]”

Agoas	f. 1r – linha 22	Substituição do grafema <u> pelo grafema <o>, porque representam o mesmo fonema /u/, indicando uma variação grafofonética.	“sobre o crystal das agoas revê [...]”
Teo	f. 2r – linha 18		“[...] há em teo seio a macies dos lyrios [...]”

Grupo 2: vogais nasais

Palavra	Ocorrência	Análises	Contexto
Infancia	f. 1r – linha 20	Uso da vogal sem acento circunflexo <a> no lugar de <â> por conta das regras de acentuação das palavras da época, atualmente usamos <â>	“ quando a infancia corria alegre, a tóa [...]”
Relampagos	f. 2r – linha 14	Uso da vogal sem acento circunflexo <a> no lugar de <â> porque no século XIX as palavras proparoxítonas não eram acentuadas.	“calcinado aos relampagos de gloria [...]”

Grupo 3: Consoantes simples

Palavra	Ocorrência	Análises	Contexto
Azas	f. 1r – linha 25	Substituição do grafema <s> pelo grafema <z> em posição intervocálica. Tal variação se dava por conta da confusão estabelecida em relação às regras ortográficas, a este fenômeno denomina-se: exemplos de variação gráfica livre.	“tinha um palpar das azas divinas [...]”

Grupo 4: Consonantais gregos e latinos.

Palavra	Ocorrência	Análises	Contexto
Triumphador	f. 2r – linha 8	Substituição do grafema <f> pelo grafema <ph> porque ambos representam o mesmo fonema /f/ por influência etimologizante.	“por ti sonhei – triumphador – a alma [...]”



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *corpus* estudado nos auxilia a entender um dos momentos de mudança da ortografia brasileira em que existia variação na grafia, além de nos permitir a melhor compreensão de um período literário. O estudo de documentos como este é de grande valor e proporciona melhor conhecimento histórico, já que a partir deles é possível a análise da língua, da literatura, da religião, entre outros.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, A. **Romantismo no Brasil**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002.

CAMBRAIA, C. N. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

QUEIROZ, R. C. R. (Org.). **Documentos do acervo de Monsenhor Galvão**: edição semidiplomática. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2007.

SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. Para que filologia/crítica textual? **Revista Acta**, Assis, v. 1, p. 1-12, 2001. Disponível em < [http://www.assis.unesp.br/Home/SitesInternos/RevistaActa/PARAQUEFILOLOGIACRITICATEXTUAL\(revistoISSN\).PDF](http://www.assis.unesp.br/Home/SitesInternos/RevistaActa/PARAQUEFILOLOGIACRITICATEXTUAL(revistoISSN).PDF)>. Acesso em: 12 abr. 2016

SILVA, D. Q. S. S.; QUEIROZ, R. C. R. Anos ou anos: estudo das variações grafemáticas em documentos manuscritos do acervo de Monsenhor Galvão. **Cadernos do CNLF**, v. XV, n. 5, t. 1, p. 298-308, 2011. Disponível em: < http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/26.pdf> Acesso em: 12 maio 2016

TELLES, C. M. Relação grafemático-fonética em textos não literários do século XVI. **Revista da ANPOLL**, São Paulo, n. 12, p. 37-64, jan./jun. 2002.

ALMEIDA, M. M. S. Para que filologia/crítica textual? **Revista Acta**, Assis, v. 1, 2011.



A ESCRAVIDÃO QUE MANCHOU A “AMERICA”: UMA ANÁLISE FILOLÓGICA DO POEMA DE CASTRO ALVES¹

Anne Carol Abreu Céó²

O Clube de Iniciação Científica em Estudos de Linguagem, de agora em diante CLICEL, pertencente ao Colégio Adventista da Bahia e tem como objetivo formar jovens com perfil de estudante-pesquisador. No CLICEL, os coordenadores Gilmar Souza Costa e Daianna Quelle da Silva Santos da Silva, para iniciar a atividade acadêmica para os estudantes, promoveram a execução do Projeto *Estudos filológicos e discursivos na obra do poeta Castro Alves*. Assim, fizemos, a princípio, a edição filológica e estudo do poema “America³” que pertence ao livro *Os Escravos*, obra do poeta Castro Alves e, em seguida, através do cotejo da edição feita e da versão disponibilizada

.....
¹ Capítulo desenvolvido sob a orientação dos professores coordenadores do CLICEL, Daianna Quelle da Silva Santos da Silva e Gilmar Souza Costa.

² Estudante do 2º Ano do Ensino Médio do Colégio Adventista da Bahia, integrante do CLICEL.

³ Preferimos adotar a grafia original do manuscrito.



no livro *Os Escravos*, organizado por Ilba Mendes⁴, destacamos as variações grafemáticas do poema.

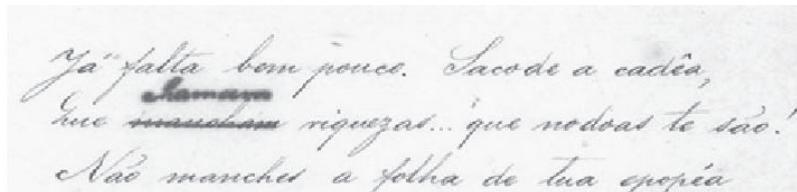
A FILOLOGIA NO POEMA “AMERICA”

A filologia é o estudo de documentos pretéritos e, por meio de sua edição filológica, é possível estudar os costumes, a cultura, a língua, o modo de se expressar e viver de um povo. Sabemos que existem, segundo Cambraia (2005), cinco tipos de edição: fac-similar, a diplomática, a semidiplomática, a modernizada e a crítica. Para o poema “America”, escolhemos realizar as edições fac-similar e a semidiplomática.

ASPECTOS EXTERNOS DO POEMA

Nas observações iniciais dos fólhos do poema, identificamos que as dimensões do papel são 198 mm x 126 mm. No total, são dois fólhos escritos em recto e verso. Vale destacar que na linha 18 do fólho 2r. (edição semidiplomática) percebemos uma palavra sobreposta a outra no próprio fac-símile. Assim, de acordo com a escrita do poema, vimos que a palavra “mancham” foi riscada/alterada para “chamam”. Comprovamos esta análise através da versão de *Os Escravos* organizado por Ilba Mendes.

Figura 1: Destaque para alteração de palavra no fólho 2r do poema “America”



Fonte: Poema “América” de Castro Alves, 1895

⁴ Disponível <<http://www.projetolivrolivre.com/Castro%20Alves%20-%20Os%20Escravos%20-%20Ilba%20Mendes.pdf>> Acesso em 16 de junho de 2016.



Figura 2: Destaque para alteração de palavra poema “America”

Já falta bem pouco. Sacode a cadeia
Que chamam riquezas... que nódoas te são!
Não manches a folha de tua epopéia

Fonte: Livro *Os Escravos*, edição de 2014.

Através de análises como essas, constatamos a importância da edição filológica, pois ela nos ajuda a restituir o *corpus* e salvá-lo da possível destruição com o passar do tempo.

AS EDIÇÕES DO POEMA

Organizamos nesta parte as edições fac-similada e semidiplomática do poema “America”.

f. 1r

83

59

5

AMERICA

10

Acorda à patria e vê que pesadelo
O sonho de ignominia que ella sonha!
Thomas Ribeiro

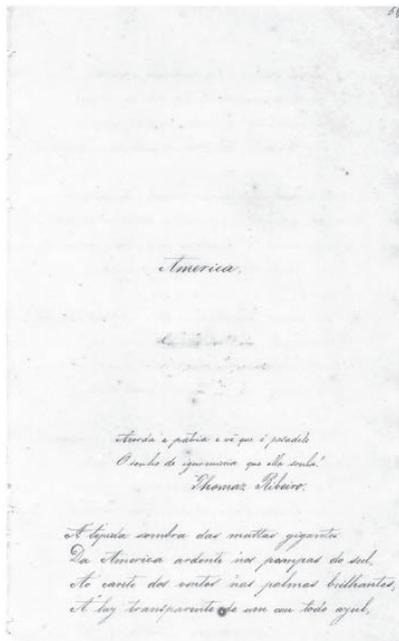
15

20

Á tépida sombra das mattas gigantes
Da America ardente nos pampas do sul,
Ao canto dos ventos nas palmas brilhantes,
Á luz transparente de um ceu todo azul,

25

1994.007f*





ECOS DA ESCRAVIDÃO

60

A filha das matas _ cabocla morena -
 Te inclina indolente sonhando talvez!
 A fronte nos Andes reclina serena,
 E o Atlantico humilde se estende a seus pés.

A brisa dos serros ainda lhe ondulam
 Nas plumas vermelhas do arco de avós,
 Lembrando e passando seus seios pullulam,
 Se a onça ligeira boliu nos sipós.

São vagas lembranças de um tempo que teve!
 Palpita-lhe o seio por sob uma cruz
 E em scisma doirada- qual garça de neve -
 Tua alma revolve-se em ondas de luz.

Embalam-lhe os sonhos 'na tarde saudosa
 Os cheiros agrestes do vasto sertão,
 E a triste araponga que geme chorosa
 E a voz dos tropeiros em terna canção.

Se o genio da noite no espaço fluctua
 Que vagos mysterios a selva contém!
 Se a ilha de prata, se a pallida lua
 Clarêa o levante, que amores não tem!

60

f. 1v

5

A filha das matas _ cabocla morena-
 Te inclina indolente sonhando talvez!
 A fronte nos Andes reclina serena,
 E o Atlantico humilde se estende a seus pés.

10

A brisa dos serros ainda lhe ondulam
 Nas plumas vermelhas do arco de avós,
 Lembrando o passado seus seios pullulam,
 Se a onça ligeira boliu nos sipós.

15

São vagas lembranças de um tempo que teve!..
 Palpita-lhe o seio por sob uma cruz.
 E em scisma doirada- qual garça de neve -
 Tua alma revolve-se em ondas de luz.

20

Embalam-lhe os sonhos 'na tarde saudosa
 Os cheiros agrestes do vasto sertão,
 E a triste araponga que geme chorosa
 E a voz dos tropeiros em terna canção.

25

Se o genio 'no espaço fluctua
 Que vagos mysterios a selva contém,
 Se a ilha de prata, se a pallida lua
 Clarêa o levante, que amores não tem!

84

61

Parece que os astros são anjos pendidos
 Das frouxas neblinas da abobada azul,
 Que miram, que adoram ardentes, perdidos,
 A filha morena dos pampas do sul.

Se aponta a alvorada por entre as cascatas,
 Que estrellas no orvalho que a noite verteu!
 As flores são aves que posam nas mattas,
 A aves são flores que voam no céu!

.....

Ó patria, desperta... Não curves a fronte
 Que enxuga-te os prantos o sol do Equador?
 Não miras na fimbria do vasto horizonte
 A luz da alvorada de um dia melhor?

Já falta bem pouco. Sacode a cadêa,
 chamam
 Que mancham riquezas... Que nodos te são!
 Não manches a folha de tua epopéa
 No sangue do escravo, no immundo balcão.

Sê pobre, que importa? Sê livre... és gigante,
 Bem como os condores dos pincaros teus!

5

Parece que os astros são anjos pendidos
 Das frouxas neblinas da abobada azul,
 Que miram, que adoram ardentes, perdidos,
 A filha morena dos pampas do sul.

10

Se aponta a alvorada por entre as cascatas
 Que estrellas no orvalho que a noite verteu!
 As flores são aves que posam nas mattas,
 A aves são flores que voam no céu!

15

Ó patria, desperta... Não curves a fronte
 Que enxuga-te os prantos o sol do Equador?
 Não miras na fimbria do vasto horizonte
 A luz da alvorada de um dia melhor?

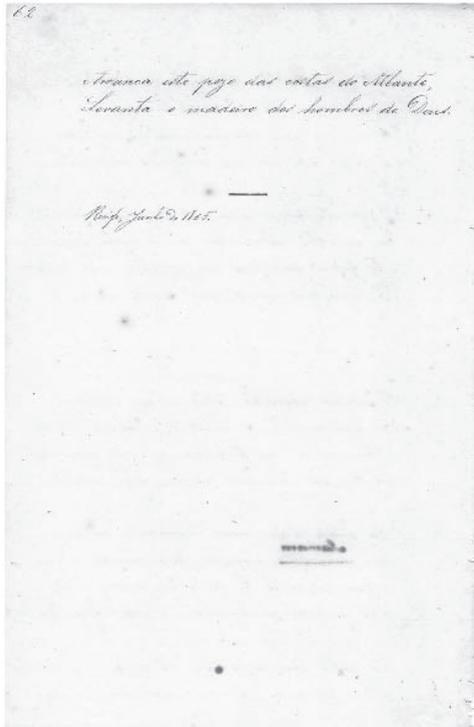
20

Já falta bem pouco. Sacode a cadêa,
 chamam
 Que mancham riquezas... Que nodos te são!
 Não manches a folha de tua epopéa
 No sangue do escravo, no immundo balcão.
 Sê pobre, que importa? Sê livre... és gigante,
 Bem como os condores dos pincaros teus!

f. 2r

61

1994.0077g'



Arranca este pezo das costas do Atlante,
Levanta o madeiro dos ombros de Deus.

5

Recife, Junho de 1865

QUESTÕES DE ORTOGRAFIA NO POEMA

Não é novidade dizermos que a ortografia é regida por um conjunto de regras da gramática, cujo objetivo é orientar a maneira adequada em relação ao padrão de uma língua. O estudo da ortografia é muito importante, pois registra a identidade de um povo, já que é através dela que, muitas vezes, ele é reconhecido.

Ao se estudar o poema, notamos que as variações grafemáticas ocorrem quando o poeta escrevia de acordo com a sua própria percepção ortográfica, ou segundo as regras ortográficas vigentes na época.

ANÁLISE DAS VARIAÇÕES GRAFEMÁTICAS

Com base no modelo e critérios utilizados por Silva e Queiroz (2011), catalogamos as seguintes variações nos grupos: vogais orais, vogais nasais, consoantes simples e consoantes germinadas.

Grupo 1: das vogais orais

Palavras	Ocorrências	Análises	Contexto
Mysterios	f.1v – linha 24	Substituição do grafema <i. pelo grafema <y> pois ambos representam o mesmo fonema /i/	que vagos mysterios a selva contém [...]
Hombros	f. 2v – linha 3	Uso do grafema <h> representando uma grafia pseudoetimológica.	[...] levanta o madeiro dos hombros de Deus[...]

Grupo 2: das vogais nasais

Palavras	Ocorrências	Análises	Contexto
Cadêa	f.2 r – linha 17	Substituição do ditongo <ei> pelo grafema <ê> por interferência da oralidade, esse fenômeno é chamado variação gráfica livre.	Já falta bem pouco. Sacode a cadêa [...]

Grupo 3: Consoantes simples

Palavras	Ocorrências	Análises	Contexto
Pezo	f.2r – linha 2	Substituição do grafema <s> pelo grafema <z> intervocálica porque ambos têm o mesmo fonema. Tal variação se dava por conta da confusão estabelecida em relação às regras ortográficas, a este fenômeno denomina-se: exemplos de variação gráfica livre.	Arranca este pezo das costas do Atlante [...]



Grupo 4: das consoantes geminadas

Palavras	Ocorrências	Análises	Contexto
Ella	f.1r – linha 14	Presença de consoante <l> geminada, por conta da influência pseudoetimologizante.	O sonho de ignominia que ella sonha[...]
Pullulam	f.1v – linha 10		Lembrando o passado seus seios pullulam .
Pollida	f.1v – linha 25		Se a ilha de prata se a pallida lua[...]
Estrellas	f.2r – linha 8		Que estrellas no orvalho que a noite verteu[...]
Mattas	f.1r – linha 17	Presença de consoante <t> geminada, por conta da influência pseudoetimologizante	A tépida sombra das mattas gigantes.

QUESTÕES LITERÁRIAS NA “AMERICA”

O poema “America” é voltado para a escravidão ocorrida nesta terra (Brasil) e na América. Moraes (2011) salienta que o Brasil quando “descoberto” por Portugal logo se tornou uma colônia de exploração, que foi desenvolvida através da monocultura, agroexportação, latifúndio e o a escravatura. E assim começou-se o processo de escravidão nas terras brasileiras.

Ainda segundo Moraes (2011), a exploração começou com o Pau-Brasil, que servia para fabricação de tinturas para tecidos e a exploração da mata foi nômade e predatória, resultando em incursões estrangeiras da Espanha e França, que desbravaram mais mata a dentro, a fim de encontrar metais preciosos que até então não tinham sido encontrados.

“A escravidão pode ser definida como o sistema de trabalho no qual o indivíduo é propriedade de outro”. Nesse processo ele era tratado como se fosse apenas uma mercadoria até conquistar sua liberdade através da carta de alforria⁵.

.....
5 Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/historia-da-escravidao-negra-brasil/>>. Acesso em: 5 jul. 2016



ECOS DA ESCRAVIDÃO

Foi com a escravidão, o preconceito e a desigualdade que o Brasil foi formado, condições que perduram até hoje na sociedade brasileira.

Na epígrafe do poema “America”, Thomas Ribeiro ressalta o momento em que a pátria acorda e vê o berço de pecado em que foi formada e este pecado pode ter como maior título a escravidão. Abaixo, procuramos analisar as questões contextuais e literárias do poema.

ESTROFES	ANÁLISES
----------	----------

1ª estrofe

Á tépida sombra das mattas gigantes	Exalta a América ardente, de um céu brilhante e azul, sua inda natureza.
Da America ardente nos pampas do sul,	
Ao canto dos ventos nas palmas brilhantes,	
Á luz transparente de um ceu todo azul,	

2ª estrofe

A filha das matas _ cabocla morena-	Indica grandeza da terra, de seus habitantes. Indica também o Oceano Atlântico como um bem que possui e complementa sua beleza. .
Te inclina indolente sonhando talvez!	
A frente nos Andes reclina serena,	
E o Atlantico humilde se estende a seus pés.	



A ESCRAVIDÃO QUE MANCHOU A "AMERICA": UMA ANÁLISE FILOLÓGICA DO POEMA DE CASTRO ALVES

3ª estrofe

A brisa dos serros ainda lhe ondulam	Faz referência ao passado desta terra, como ela se construiu e fala de sua fauna- onça e flora-cipós.
Nas plumas vermelhas do arco de avós,	
Lembrando o passado seus seios pullulam,	
Se a onça ligeira boliu nos sipós.	

4ª estrofe

São vagas lembranças de um tempo que teve!..	Relata as lembranças dos índios e da "terra" sobre como foram separados e escravizados e catequizados.
Palpita-lhe o seio por sob uma cruz.	
E em scisma doirada- qual garça de neve_	
Tua alma revolve-se em ondas de luz.	

5ª estrofe

Embalam-lhe os sonhos 'na tarde saudosa	Podemos refletir acerca excursões de bandeirantes sertão a dentro em busca de riquezas e a exploração da fauna brasileira.
Os cheiros agrestes do vasto sertão,	
E a triste araponga que geme chorosa	
E a voz dos tropeiros em terna canção.	



ECOS DA ESCRAVIDÃO

6ª estrofe

Se o genio 'no espaço fluctua	A grandeza das matas das florestas de tudo que existe nesse país que um dia foram ainda mais grandiosas e os vastos segredos que elas ainda contêm
Que vagos mysterios a selva contém,	
Se a ilha de prata, se a pallida lua	
Clarêa o levante, que amores não tem!	

7ª estrofe

Parece que os astros são anjos perdidos	Exaltação da natureza, sendo comparada aos valores angelicais.
Das frouxas neblinas da abobada azul,	
Que miram, que adoram ardentes, perdidos,	
A filha morena dos pampas do sul.	

8ª estrofe

Se aponta a alvorada por entre as cascatas	Novamente faz alusão perfeição da natureza, flora e fauna, usando a figura das flores, do céu e das aves.
Que estrelas no orvalho que a noite verteu!	
As flores são aves que posam nas mattas,	
A aves são flores que voam no céu!	



A ESCRAVIDÃO QUE MANCHOU A "AMÉRICA": UMA ANÁLISE FILOLÓGICA DO POEMA DE CASTRO ALVES

9ª estrofe

Ó patria desperta... Não curves a fronte	Crítica a Pátria, pois questiona o fato de ela não despertar para um dia melhor, porque está curvada para a escravidão.
Que enxuga-te os prantos o sol do Equador?	
Não miras na fimbria do vasto horizonte	
A luz da alvorada de um dia melhor?	

10ª estrofe

Já falta bem pouco. Sacode a cadêa,	Há uma exaltação da natureza, porém se fala em riquezas que são conquistadas em cima do sangue de escravos, como "núduas", ou seja, manchas na história.
Que chamam riquezas... Que nodoas te são!	
Não manches a folha de tua epopéia	
No sangue do escravo, no immundo balcão.	

11ª estrofe

Sê pobre, que importa? Sê livre... és gigante,	Liberdade é o que importa. Só assim poderá ser esquecido o caminho percorrido pelo mar e a suposta vontade de Deus, porque a escravidão é uma vergonha e diminui a grandeza desta pátria.
Bem como os condores dos píncaros teus!	
Arranca este pezo das costas do Atlante,	
Levanta o madeiro dos ombros de Deus.	



CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o documento estudado, podemos perceber com clareza as variações grafemáticas existentes no período em que o documento foi escrito. Através deste estudo, é permitido saber um pouco da escrita nos séculos passados, visualizar o traçado do *scriptor* e as palavras de alguns textos que representavam o cotidiano daquela época, podendo assim conhecer mais da língua por um processo acadêmico. Entendemos que os poemas de Castro Alves, no momento histórico em que vivia, foram de extrema importância para a literatura, pois a partir daqueles podemos compreender a realidade dos escravos naquela época.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, A. **Romantismo no Brasil**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002.

CAMBRAIA, C. N. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MORAES, C. E. M. A importância dos documentos literários e não literários nos estudos do grupo de pesquisa a escrita colonial e suas relações. **Revista Acta**, Assis, v. 1, p. 1-7, 2011.

PEIXOTO, A. (Org.). [1868] Os escravos. **Obras completas de Castro Alves**. São Paulo: Nacional, 1944. v. 2.

QUEIROZ, R. C. R. (Org.). **Documentos do acervo de Monsenhor Galvão**: edição semidiplomática. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2007.

SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. Para que filologia/crítica textual? **Revista Acta**, Assis, v. 1, p. 1-12, 2001. Disponível em < [http://www.assis.unesp.br/Home/SitesInternos/RevistaActa/PARAQUEFILOLOGIACRITICATEXTUAL\(revistoISSN\).PDF](http://www.assis.unesp.br/Home/SitesInternos/RevistaActa/PARAQUEFILOLOGIACRITICATEXTUAL(revistoISSN).PDF)>. Acesso em: 12 abr. 2016



A ESCRAVIDÃO QUE MANCHOU A "AMERICA": UMA ANÁLISE FILOLÓGICA DO POEMA DE CASTRO ALVES

SILVA, D. Q. S.; QUEIROZ, R. R. Annos ou anos: estudo das variações grafemáticas em documentos manuscritos do acervo de Monsenhor Galvão. **Cadernos do CNLF**, v. XV, n. 5, t. 1, p. 298-308, 2011. Disponível em: < http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/26.pdf>. Acesso em: 12 maio 2016

TELLES, C. M. Relação grafemático-fonética em textos não literários do século XVI. **Revista da ANPOLL**, São Paulo, n. 12, p. 37-64, jan./jun. 2002.







“MEO E TEO”: VARIAÇÕES GRAFEMÁTICAS E DO CONTEXTO SOCIAL EM “MANUELA” DE CASTRO ALVES¹

Emerson Henrique Leite da Rocha²

O Clube de Iniciação Científica em Estudos da Linguagem (CLICEL) tem como suas prioridades o desenvolvimento do *Projeto estudos filológicos e discursivos na obra do poeta Castro Alves*. Assim, para compor o *corpus* deste projeto reunimos os registros fotográficos dos manuscritos de alguns poemas de Castro Alves disponibilizados pelo Parque Histórico Castro Alves, situado em Cabaças do Paraguaçu, na Bahia. A partir destes poemas, o CLICEL, coordenado pelos professores Gilmar Souza Costa e Daianna Quelle da Silva Santos da Silva nos deu suporte para a iniciação do trabalho científico conosco - estudantes do Colégio Adventista da Bahia.

Durante o desenvolvimento do projeto, a orientação inicial para realização dos trabalhos foi a leitura de artigos científicos que tratam da Filologia e das

.....
¹ Capítulo desenvolvido sob a orientação dos professores coordenadores do CLICEL, Daianna Quelle da Silva Santos da Silva e Gilmar Souza Costa.

² Estudante do 1º Ano do Ensino Médio do Colégio Adventista da Bahia, e integrante do CLICEL.



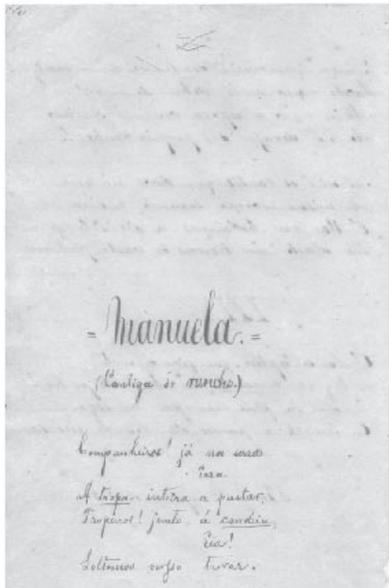
variações grafemáticas. Posteriormente, sob a orientação dos coordenadores do CLICEL, foi desenvolvida a edição semidiplomática do poema “Manuela”, de Castro Alves e, em seguida, através do cotejo da edição efetuada e da versão disponibilizada no livro *Os Escravos* organizado por Ilba Mendes³, catalogamos as variações grafemáticas do poema.

A FILOGIA EM “MANUELA” E AS QUESTÕES LITERÁRIAS

A filologia é uma ciência que estuda registros, literários ou não e que permite, por meio da edição destes registros, desvendar partes de qualquer época da sociedade. Assim, para preservarmos o poema “Manuela”, fizemos a edição semidiplomática e, em seguida, a análise literária através dos contextos compreendidos com a leitura do poema e do conhecimento da época.

AS EDIÇÕES DO CORPUS

Assim, efetuamos as edições fac-similada e semidiplomática, seguindo os critérios adotados pelo CLICEL.



[†]

5

10

15

20

= MANUELA. =

(Cantiga do rancho)

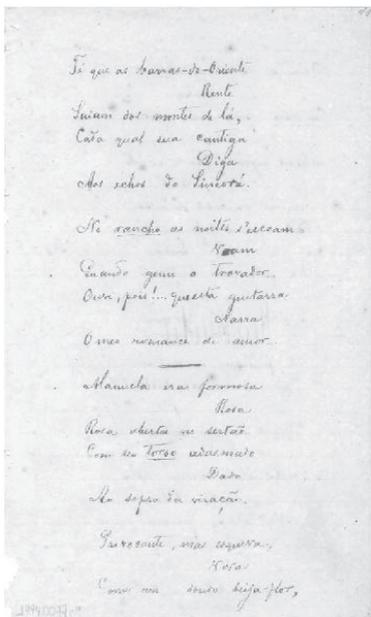
Companheiros! já na serra
- Erra

A tropa teira a pastar
Tropeiros! Junto á candeia
Eia!

Soltamos nosso trovar.

³ Disponível em: < <http://www.projetolivrolivre.com/Castro%20Alves%20-%20Os%20Escravos%20-%20Iba%20Mendes.pdf> > Acesso em: 16 de junho de 2016.

“MEO E TEO”: VARIAÇÕES GRAFEMÁTICAS E DO CONTEXTO SOCIAL EM “MANUELA” DE CASTRO ALVES



f. 2r
111

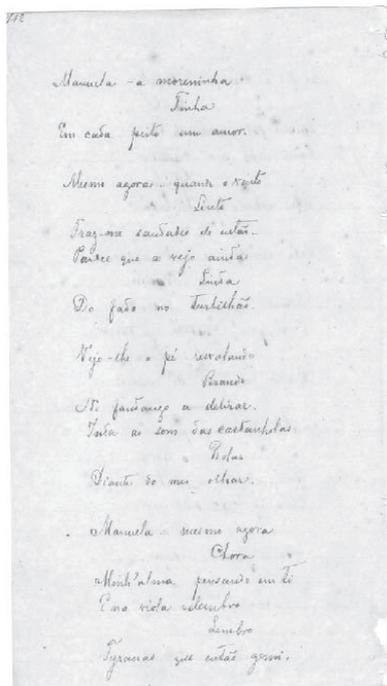
5 Té que as barras-do-Oriente
Rente
Saíam dos montes de lá,
Cada qual sua cantiga
Diga
Aos echos do Sincorá

10 No rancho as noites sêsoam
Voam
Quando geme o trovador...
Ouvi, pois!... que está guitarra
15 Narra
O meo romance de amor...

20 Manuela era formosa
Rosa
Rosa aberta no sertão
Com seu torço amarrado
Dado
Ao sopro da viração:

25 Provocante, mas esquiva,
Viva
Como um doudo beija-flor,

*1994.0077c**



97
f. 2v

112

5 Manuela -a moreninha
Tinha
Em cada peito um amor.

10 Numa agora... quando o vento
Lento
Traz-me saudades de então
Parece que a vejo ainda
Linda
Do fado no turbilhão.

15 Vejo-lhe o pé resvalando
Brando
No fandango a delirar.
20 Inda ao som das castanholas
Rolas
Diante do meu olhar.

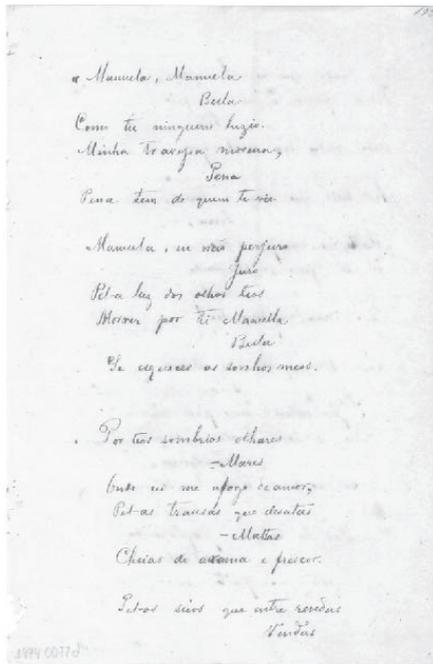
25 Manuela ... mesmo agora
Chora
Minh'alma pensando em ti
E na viola relembro
Lembro
30 Tyranas que então gemi



ECOS DA ESCRAVIDÃO

f. 3 r

113



5 Manuela, Manuela
Bela
Como tu ninguém luzio.
Minha travessa morena,
Pena
10 Pena tem de quem vio.

Manuela, eu não perjuro
Juro
15 Pel-a luz dos olhos teos
Morrer por ti Manuela
Bela
Se esqueces os sonhos meos
20 Por teos sombrios olhares
- Mares
Onde eu me afogo de amor,
25 Pel-as transas que desatas
- Mattas
Cheias de aroma e frescor.

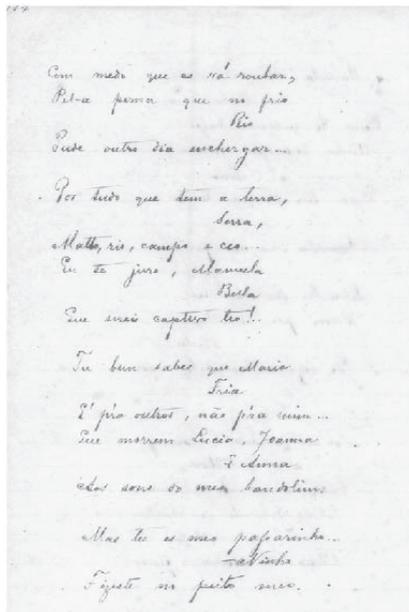
Pel-os seios que entre rendas
30 Vendas

*1994.0077d**

98

f. 3v

114



5 Com medo que as vá roubar,
Pel-a perna que no rio
Rio
Pude outro dia enchergar...

10 Por tudo que tem a terra,
Serra,
Matto, rio, campo e ceo...
Eu te juro, Manuela
Bela
15 Que serei captivo teo!..

Tu bem sabes que Maria
Fria
20 E' p'ra outros, não p'ra mim...
Que morrem Lucia, Joanna
E Anna
Aos sons do meo bandolim.
25 Mas tu és meo passarinho...
-Ninho
Fizeste no peito meo.





“MEO E TEO”: VARIAÇÕES GRAFEMÁTICAS E DO CONTEXTO SOCIAL EM “MANUELA” DE CASTRO ALVES

f. 4r

115

Eu sou a boca – es o canto...
 Tanto
 Que sem tí não canto eu.
 Vamos, pois... A noite cresce
 Desce
 A lua a beijar a flor...
 Á sombra dos arvoredos
 Ledos
 Os ventos choram de amor.
 Vamos, pois... ó moreninha.
 Minha...
 Minh'esposa ali serás
 Ao vale a relva tapisa
 Pisa
 Que são teos Paços-reaes
 Por padre – uma árvore vasta
 Basta!
 Por egreja – o azul do ceo.
 Serão da noite as estrelas
 -Velas
 Acesas p'ra o hymeneo

5
 10
 15
 20

25
 *1994.0077c**

99

f.4v

Assim nos tempos perdidos,
 Eu cantava... mas em vão.
 Manuela, que me ouvia,
 Ria...
 Casta flor de solidão...
 Companheiros! se ainda agora
 Chora
 Minha viola a gemer,
 É porque um dia... Escutae-me...
 Dae-me
 Sim! Dae-me antes que beber!...
 E' que um dia... Mas bebamos...
 Vamos..
 No vinho afogue-se a dor!...
 ... Manuela, Manuela
 Bella
 Faz-se amante do Senhor!...
 São Paulo 25 de Junho
 1868.

116
 5
 10
 15
 20
 25

São Paulo 25 de Junho
 1868



SOBRE A LITERATURA, A FILOLOGIA E ALGUMAS IMPRESSÕES EM “MANUELA”

Tendo a Filologia como ferramenta basilar para se entender manuscritos pré-territos, como no caso do poema em estudo, torna-se possível analisar o contexto de vida das pessoas da época, como sua maneira de escrever e, principalmente como se comportavam na sociedade. O eu-lírico, nesse sentido, escreve abertamente sobre sensualidade, com ternura, porém, ainda como uma figura porque se dirige à Manuela como moreninha, entre outros qualificadores que se referem ao vocabulário utilizado para caracterizar o povo negro, neste caso, a mulher negra. Sabe-se que a literatura da época, muitas vezes, era acessível apenas para os intelectuais e os em situação de privilégio social. Ramos (2013) destaca que:

[s]ervia como uma crítica ao sistema da sociedade e a desigualdade, porém, contraditoriamente, era feita para os que tinham acesso, ou seja, os nobres, e servia de entretenimento, sem grande impacto social na época.

Uma das críticas presentes em “Manuela” é a maneira como a idealização social do amor e o preconceito privavam muitos casais apaixonados. Há registros de relações entre senhores e escravizados e o poema “Manuela” aborda de uma maneira lírica a visão de um homem apaixonado durante toda a leitura do poema, evidenciando-se especialmente nos trechos: “Manuela, eu não perjuro / Juro Pela luz dos olhos teos / Morrer por ti Manuela / Bela” (fólio 3.r, linha 14)

ENTRE A FILOLOGIA, A ORTOGRAFIA E O CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL DE “MANUELA”

A ortografia portuguesa aqui no Brasil passou por várias mudanças ao longo dos séculos. As diversas situações em que a linguagem é manifestada, escrita ou oralmente, gravam a história de toda uma sociedade, bem como sua maneira de escrever. Nesse sentido, a análise de questões ortográficas, bem como histórica, nos permite idealizar as sociedades e as pessoas de uma época. O poema em estudo apresenta-se em um contexto de paixão proibida socialmente. Há um homem, que evidencia ser um senhor, afirmativa justificada pela maneira de tratamento do eu-lírico em relação à Manuela, e uma mulher, que no poema evidencia-se no trecho “Manuela – a moreninha” no fólio 2.v, por exemplo. Diversas vezes são explicitadas no texto situações



de admiração do homem em relação à mulher, bem como a paixão inalcançável, irregular para os padrões da sociedade da época, como mostram os trechos “Manuela era formosa” (fólio 2.r, linha 19) e “Minh’alma pensando em ti” (fólio 2.v, linha 27). O poema declara um amor, uma admiração à beleza e graça de Manuela, seu jeito e a dor que é carregada no peito do eu-lírico por viver tal amor. Este amor verdadeiro, não poderia ser vivido, porém estudando a literatura, vê-se que era comum o “uso” da mulher escravizada pelo seu senhor, perante a ideia de servidão herdada do escravismo do negro, que era omitida socialmente.

Assim, Almeida (2013) destaca que:

[é] certo que as relações entre escravos e senhores incluíam a afetividade e a intimidade, e muitas vezes resultavam em sexo. Mais fortes do que essas “fraquezas” humanas, porém, eram as hierarquias sociais. Em resposta a tais comportamentos desviantes, prevalecia a busca pela conservação dos padrões da moral cristã e da honra. Quanto maior a ameaça à norma vigente, pior o castigo.

Desta forma, vê-se o quanto “Manuela” nos diz sobre o contexto social da época. Em relação a grafia do poema, percebe-se algumas variações grafemáticas, as quais foram listadas abaixo. Deste modo, as variações também “dizem” sobre a maneira de escrita da época, e como a relação de grafema e fonema era estreita e diferente do padrão que temos na atualidade.

Categorização grafemática do corpus

Grupo 1: De adições, exclusões e substituições de grafemas em razões literárias

Palavras	Ocorrências	Análises	Contexto
Té	f.1.r linha 1	Omissão do grafema <a>,afim de fortalecer a prosódia e sonoridade.	“[...] Té que as barras-do-Oriente [...]”
S’escoam	f.1.r linha 7	Omissão do grafema <e> e acréscimo do acento <’>, a fim de fortalecer a prosódia e sonoridade.	“[...] No rancho as noites s’escoam [...]”
Minh’alma	f.1.v linha 27		“[...] Minh’alma pensando em ti [...]”



ECOS DA ESCRAVIDÃO

Pel-a	f.2.r linha 10 f.2.r linha 17 f.2.v linha 2	Uso do <-> depois do < > por questão gráfica da época.	"[...] Pel -a luz dos olhos teos [...]" "[...] Pel-os seios que entre fendas [...]"
Pel-os	f.2.r linha 20		
P'ra	f.2.r linha 14	Uso do apóstrofo <'>, e supressão da vogal <a> em razão literária a fim de fortalecer a prosódia e sonoridade.	"[...] É p'ra outros, não p'ra mim... [...]"

Grupo 2: Das vogais orais

Palavras	Ocorrências	Análises	Contexto
Meo	f.4.v linha 25 e 28 f.3.r linha 9	Substituição do grafema <u> pelo grafema <o>, porque ambos representam o mesmo fonema /u/ indicando uma variação grafofónica.	"[...] Mas tu és meo passarinho [...]" "[...] Pena de quem te vio [...]"
Vio	f.3.r linha 14 e 21		"[...] Pel-a luz dos olhos teos [...]"
Teos	f.3.r linha 18		"[...] Te esquecer os sonhos meos " [...]"
Meos	f.3.v linha 12		"[...] Malto, rio, campo e céo ... [...]"
Céo	f.3.r linha 6		"[...] Como tu ninguém luzio . [...]"
Luzio	f.3.v linha 15		"[...] Que serei captivo teo! [...]"
Teo			



“MEO E TEO”: VARIAÇÕES GRAFEMÁTICAS E DO CONTEXTO SOCIAL EM “MANUELA” DE CASTRO ALVES

Dae-me	f.6.v linha 17 e 18	Substituição do grafema <i> pelo grafema <e>, porque ambos representam o mesmo fonema /i/ indicando uma variação grafofônica.	“[...] E p’que um dia... Escute-me... Dae-me ... [...]”
Tyranas	f.2.v linha 30	Substituição do grafema <i> pelo grafema <y>, porque ambos representam o mesmo fonema /i/	“[...] Tyranas que então gemi [...]” “[...] Acesas para o hymeneo [...]”
Hymeneo	f.5.v linha 29		

Grupo 3: Das Consoantes Simples

Palavras	Ocorrências	Análises	Contexto
Echos	f.1.v linha 9	O uso do dígrafo <ch> representava na época o grafema q, sendo um fenômeno pseudoetimologizante.	“[...] Aos echos do Sincorá [...]”
Paços	f.5.v linha 21	Substituição do grafema <ss> pelo grafema <ç>, porque ambos representam o mesmo fonema <s>. Tal variação se dava por conta da confusão estabelecida em relação às regras ortográficas, a este fenômeno denomina-se: exemplos de variação gráfica livre.	“[...] são teos paços -reais[...]”

Grupo 4: Das palavras gregas ou latinas

Palavras	Ocorrências	Análises	Contexto
Captivo	f.4.v linha 15	Uso do grupo consonântico <pt> no lugar do grafema <t> por influência etimologizante.	“[...] serei captivo teo! [...]”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O poema estudado nos leva a ressaltar as variações grafemáticas no período em que foi escrito, sua prosódia e sonoridade em contexto lírico. Portanto,



ECOS DA ESCRAVIDÃO

compreende-se que o estudo do poema e de todo o acervo disponibilizado permite ao leitor ou qualquer estudioso/curioso a entender todo um contexto linguístico de uma sociedade, bem como a maneira como vivia, e é através de estudos filológicos que entendemos o nosso passado escrito e oral, bem como social e o modo de vida.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. C. C. Quarto Grande e Senzala. **Revista de História**, 2013 Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/quatro-grande-senzala>> Acesso em: 11 jun. 2016.

CAMBRAIA, C. N. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

QUEIROZ, R. C. R. (Org.). **Documentos do acervo de Monsenhor Galvão**: edição semidiplomática. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2007.

SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. Para que filologia/crítica textual? **Revista Acta**, Assis, v. 1, 2001. Disponível em: <[http://www.assis.unesp.br/Home/SitesInternos/RevistaActa/PARAQUEFILOLOGIACRITICATEXTUAL\(revistoISSN\).PDF](http://www.assis.unesp.br/Home/SitesInternos/RevistaActa/PARAQUEFILOLOGIACRITICATEXTUAL(revistoISSN).PDF)> p. 1-12. Acesso em: 12 abr. 2016

SILVA, D. Q. S. S.; QUEIROZ, R. C. R. Annos ou anos: estudo das variações grafemáticas em documentos manuscritos do acervo de Monsenhor Galvão. **Cadernos do CNLF**, v. XV, n. 5, t. 1, p. 298-308, 2011. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/26.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2016

TELLES, C. M. Relação grafemático-fonética em textos não literários do século XVI. **Revista da ANPOLL**, São Paulo, n. 12, p. 37-64, jan./jun. 2002.



EDIÇÃO FILOLÓGICA E VARIAÇÕES GRAFEMÁTICAS EM “FABULA - O PASSARO E A FLOR” DE CASTRO ALVES¹

Liz Daiane dos Santos Teixeira²

O Clube de Iniciação Científica em Estudos de Linguagens – CLICEL – é uma iniciativa do Colégio Adventista da Bahia, sob a coordenação dos professores Daianna Quelle e Gilmar Souza Costa. Dentre as linhas de pesquisas, uma está voltada para estudos de textos pretéritos, a partir de manuscritos. Em primeiro momento, os estudos foram realizados com os manuscritos de alguns poemas de Castro Alves. Esses manuscritos foram digitalizados e disponibilizados pelo Parque Histórico Castro Alves, situado em Cabaceiras do Paraguaçu-BA. Os estudantes integrantes desse projeto têm a oportunidade de desenvolver trabalhos científicos que agrupam este livro.

Para desenvolvimento do projeto, fez-se necessário a realização de reuniões para esclarecimento e direcionamento dos objetivos, assim como

.....
¹ Capítulo orientado pelos professores coordenadores do CLICEL Daianna Quelle da Silva Santos da Silva e Gilmar Souza Costa.

² Estudante do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Adventista da Bahia, integrante do CLICEL.



revisões e diretrizes de como desenrolar o projeto, através da leitura de textos e a retirada de dúvidas.

Neste capítulo, trazemos a edição do poema manuscrito “Fabula – o passarinho e a flor” de Castro Alves. Como este poema integra a obra póstuma *Os Escravos*, fizemos o cotejo entre a edição semidiplomática feita e a versão da edição disponível na mesma obra, organizada por Ilba Mendes³ para demonstrar as variações grafemáticas existentes.

SOBRE A FILOLOGIA

Filologia é a ciência que tem como objetivo estudar uma língua através, principalmente, de textos antigos escritos. Em um contexto mais amplo, a filologia também se ocupa da literatura e da cultura de um determinado povo porque a partir da língua isso tudo pode ser estudado e isso abriu o caminho para começo do interesse pela história, instituições e manifestações culturais. Esse interesse surgiu com o objetivo de obter um conhecimento mais amplo da vida dos povos antigos através do estudo de textos literários (SILVA, 2012).

Vasconcellos (1966), considerando a filologia em seu aspecto cotidiano e simples, para exemplificar seu uso de maneira direta e fácil ensina: “Faz-se aplicação prática da filologia, quando se edita criticamente, e se comenta, um texto [...]” (VASCONCELLOS, 1966, p. 8). Tratando da edição de textos, Auerbach (1972, p. 11) escreve que:

A necessidade de constituir textos autênticos se faz sentir quando um povo de alta civilização toma consciência dessa civilização e deseja preservar dos estragos do tempo as obras que lhe constituem o patrimônio espiritual; salvá-las não somente do olvido como também das alterações, mutilações e adições que o uso popular ou o desleixo dos copistas nelas introduzem necessariamente.

Neste pensamento, resolvemos editar o *corpus* para que trouxéssemos à tona o texto original, fiel, por meio da edição semidiplomática.

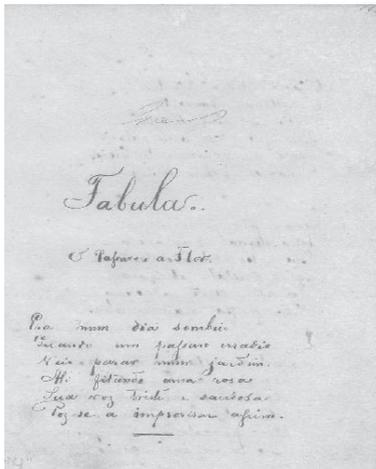
.....
³ Disponível em: <<http://www.projetolivrolivre.com/Castro%20Alves%20-%20Os%20Escravos%20-%20Ilba%20Mendes.pdf>>



AS EDIÇÕES EM “FABULA- O PASSARO E A FLOR”

Seguem as edições fac-similada e semidiplomática do poema escolhido:
 Fabula – o passaro e a flor⁴.

f. 1r



5

117

10

FABULA ..

15

O Passaro e a Flor

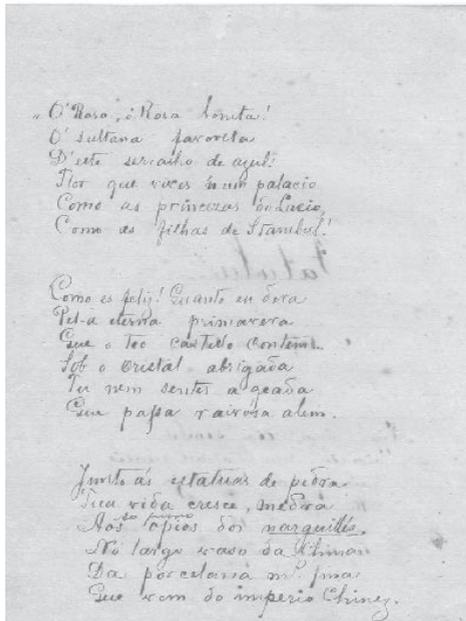
20

Era num dia sombrio
 Suando um passaro erradio
 Veio para num jardim.
 Ai fitando uma rosa
 Tua voz triste e saudosa
 Poz-se a improvisar assim.

1994.0077f

f. 2r.

107



118

5

O' Rosa, ó Rosa bonita!
 O' sultana favorita
 D'este serralho de azul!
 Flor que vives 'n um palacio
 Como as princezas do Lacio,
 Como as filhas de Stambul!

10

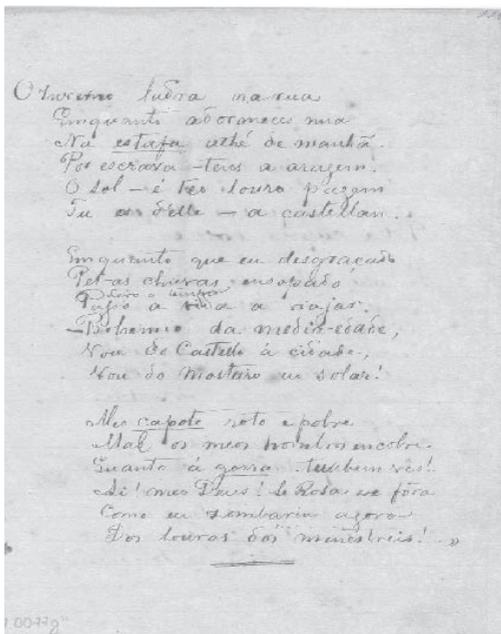
Como es feliz! Quanto eu dera
 Pel-a eterna primavera
 Que o teu castelo contem...
 Sob o cristal abrigada
 Tu nem sentes a geada
 Que passa raivosa alem.

15

20

Junto ás estatuas de pedra.
 Tua vida cresce, medra
 Ao fumo
 Aos opios dos narguillés,
 No largo vaso da China
 Da porcelana mais fina
 Que vem do império Chinez.

⁴ Grafia preservada no poema manuscrito.

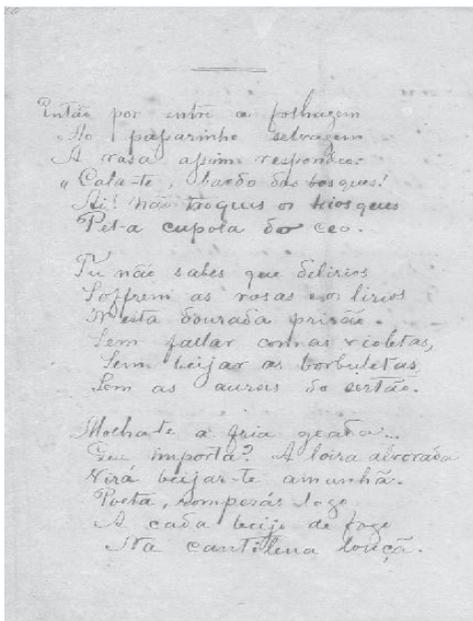


5 O inverno ladra na rua
 Enquanto adormeces nua
 Na estufa athé de manhã.
 Por escrava tens a aragem.
 O sol - é teu louro pajem
 Tu es d'elle- a castellan.

10 Enquanto que eu desgraçado
 Pel-as chuvas ensojado
 Levo o tempo
 Pageo a sua a viajar.
 - Bohemio da media-idade
 15 Vou do castelo á cidade,
 Vou do mosteiro ao solar!

Meu capote roto e pobre
 Mal os meos hombros encobre.
 20 Quanto á garra ... teu bem vê!..
 Si! Meo Deus! Se Rosa eu fôra
 Como eu zombaria agora
 Dos louros dos menestreis!..»

1994.0077g

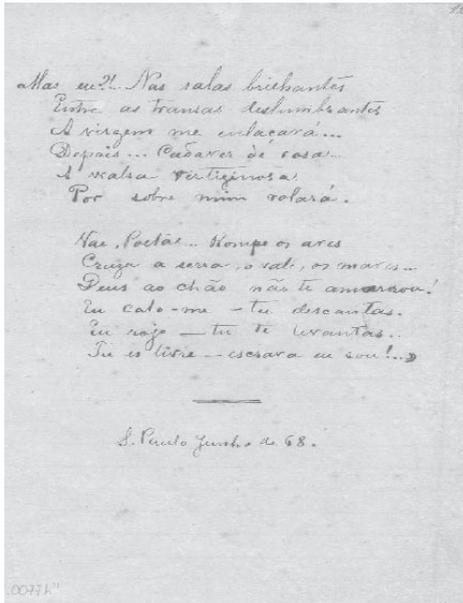


120

5 Então por entre a folhagem
 Ao passarinho selvagem
 A rosa assim respondeo:
 Cala-te, bando dos bosques!
 “Ai! não troques os hiosques
 10 Pel-a cupola do ceo

Tu não sabes que delirios
 Soffrem as rosas e os lirios
 Nesta dourada prisão.
 15 Tem fallar com as violetas,
 Tem beijar as borbuletas,
 Tem as auras do sertão.

Molha-te a fria geada ...
 20 Que importa? A loira alvorada
 Virá beijar-te amanhã.
 Poeta, romperás logo
 A cada beijo de fogo
 Na cantilena louçã.



f. 5r.
121

- 5 Mas eu?!.. Nas salas brilhantes
Entre as tranças deslumbrantes
A virgem me enlaçará...
Depois ... cadáver de rosa...
A valsa vertiginosa
Por sobre mim rolará.
- 10 Vou, Poeta... Rompe as aves
Cruza a serra, o vale, os mares..
Deus ao chão não te amarrou!
Eu calo-me – tu descantas.
Eu rogo – tu te levantas..
- 15 Tu es livre – escrava eu sou!...,

S. Paulo Junho, de 68.

QUESTÕES LITERÁRIAS: SOBRE O “TU ES LIVRE – ESCRAVA EU SOU”

O Condoreirismo, importante corrente literária que fez parte da terceira geração da poesia Romântica no Brasil, teve como principal representante o poeta Castro Alves, cujo engajamento na poesia social lhe rendeu a fama de “poeta dos escravos”. Essa manifestação literária ficou marcada pelo envolvimento com o interesse pelos problemas sociais brasileiros, sobretudo com a questão da escravidão dos negros. Ela assumiu feições abolicionistas e republicanas, mostrando na literatura o lado abandonado da sociedade brasileira, em contraste com o ufanismo representado pela primeira geração romântica que procurava elevar a imagem de perfeição do país, colocando de lado os problemas sociais. A poesia de Castro Alves foi denominada Condoreira, por apresentar como símbolo, em seus textos, os pássaros e, em especial, o Condor, ave que normalmente tem visão ampla sobre as coisas. Foi também chamada de Hugoana, por ter representações clara de influências das ideias do poeta francês Vitor Hugo e, ainda, Pré-Realista, por apresentar em suas obras de seus anos finais, características da corrente literária Realismo, que era a priorização das representações da realidade da sociedade ao invés das imagens mitológicas e de perfeição tão buscadas.



ECOS DA ESCRAVIDÃO

Fabula – O passaro e a flor - é um exemplo de poesia lírica, pois expressa os sentimentos com características marcantes como o drama e a construção em forma de diálogo. Nele encontra-se também o uso de antíteses para fazer referência a escravidão, como é o caso da palavra *sombrio* (que nesse caso se refere a escravidão e a luz a liberdade) que está presente na primeira estrofe. Nesse poema, Castro Alves demonstra seus ideais de liberdade, tendo pássaro como metáfora, uma vez que ele é um símbolo de liberdade devido as suas características, como a de voar, a de não ter morada fixa e ser um explorador de novos horizontes.

Era num dia *sombrio*
Suando um passaro *erradio*
Veio para num jardim.
Ai fitando uma rosa
Tua voz triste e saudosa
Poz-se a improvisar assim.

110

Na segunda, terceira e quarta estrofes podemos identificar a aférese - que é a supressão que ocorre de fonemas ou letras no início de uma palavra (D' este), além do uso de sinestesia, por meio da relação de visão, por meio da cor (azul), lugares e o tato por meio da geada. Aqui, o pássaro, apesar de erradio, questiona a felicidade e a projeta na Rosa, destacando sua beleza, o local em que vive, a percepção desta diante a sociedade e lugares (palácio, castelo, o Lacio entre outros). Vale destacar que, o lugar "Lacio" faz referência uma região histórica da Itália Central na qual a cidade de Roma foi fundada e cresceu até tornar-se capital do Império Romano e, no poema, vemos a escravização associada e existente ainda no Brasil, país que fala a língua portuguesa, considerada a última flor do Lácio.

O' Rosa, ó Rosa bonita!
O' sultana favorita
D' este serralho de **azul!**
Flor que vives 'n um **palácio**
Como as princesas do **Lacio**,
Como as filhas de **Stambul!**

Como es feliz! Quanto eu dera
Pel-a eterna primavera



Que o teo castelo contem...
Sob o cristal abrigada
Tu nem sentes a **geada**
Que passa raivosa alem.

Junto ás estatuas de pedra.
Tua vida cresce, medra
Ao fumo
Aos opios dos narguillés,
No largo vaso da **China**
Da porcelana mais fina
Que vem do império Chinez.

Em continuidade do pensamento marcante no poema, cujo tema é a liberdade, vemos nas duas últimas estrofes que tal tema fica mais. A figura da rosa se refere à do pássaro como se ele fosse o elemento da felicidade por ser livre, não sendo preso a nada. Com isso, ela remete aos ideais que a liberdade podia sim ser alcançada, não só a da Monarquia, mas também a da escravidão, quando fala “Cruza a serra, os vales, os mares”, pois muitos escravizados cruzaram esses caminhos para chegar ao Brasil, então o pássaro, referência de liberdade, é motivado e convidado a cruzar esse caminho, para livrar os que já passaram por ele e evitar que outros o cruzem.

Vou, Poeta... Rompe as aves
Cruza a serra, o vale, os mares..
Deus ao chão não te amarou!
Eu calo-me – tu descantas.
Eu rogo – tu te levantas..
Tu es livre – escrava eu sou!..

SOBRE ASPECTOS DA ESCRITA NO POEMA

Podemos dizer que uma das grandes “invenções” da humanidade até hoje foi a escrita, que surge a partir da necessidade dos seres humanos de criar registros, armazenar dados, enfim, de preservar sua história. Na primeira fase, a escrita era formada por ideogramas que representavam uma palavra. Assim sendo, eram



ECOS DA ESCRAVIDÃO

necessários diversos signos pictóricos para representar tantos quantos objetos ou ideais fossem necessários. Numa segunda fase, a escrita passa a adquirir valores fonéticos e menos signos são necessários para exprimir as ideais de um idioma.

De acordo com o pensamento do escritor José Saramago a escrita é uma forma de eternizar as pessoas, pois quando é deixado algo e isso é valorizado independente do tempo sempre irá ser lembrado, resinificado. Assim, Saramago (*online*⁵) destaca que “No fundo, todos temos necessidade de dizer quem somos e o que é que estamos a fazer e a necessidade de deixar algo feito, porque esta vida não é eterna e deixar coisas feitas pode ser uma forma de eternidade”. Por isso, o poeta Castro Alves conseguiu, através dos seus poemas, eternizar suas ideias por se utilizar de uma “arma” que é tão poderosa como a escrita, pois mesmo depois de mais de um século, a sua “voz” ainda consegue ser ouvida. Assim, em “Fabula – O pássaro e a flor” não se aprende apenas sobre o ideal de liberdade, mas também como era a escrita, o vocabulário, a letra do autor (*scripta* para a Filologia) e, através da edição semidiplomática perceber as mudanças, principalmente, em nível grafemático, ocorridas para o contexto atual.

SOBRE A CATEGORIZAÇÃO GRAFEMÁTICA DO CORPUS

112

Grupo 1: vogais orais

Palavra	Ocorrência	Análises	Contextos
teo	f. 2v- linha 14 f. 3v- linha 21	Substituição do grafema <u>, pelo grafema <o>, por terem o mesmo fonema /u/, assim havendo uma variação grafofonética.	“Que o teo castelo contem... [...]”
Meo	f. 4v – linha 7		“Si! Meo Deus! Se Rosa eu Fôra. [...]”
Respondeo	f. 4v – linha 10		“A rosa assim respondeo : [...]”
			“Pel-a cupola do Ceo . [...]”
Ceo			

⁵ Disponível em: <<http://www.citador.pt/frases/no-fundo-todos-temos-necessidade-de-dizer-quem-s-jose-de-sousa-saramago-20379>>



Athé	f. 3v – linha 6	Uso do grafema <h> representando uma grafia pseudoetimológica	“Na estufa athé de manhã. [...]” “ bohemio da media-edade[...].”
Bohemio	f. 3v- linha 14		“Mal os meos hombros encobre.[...]”
Hombro	f. 3v- linha 19		
Fôra	f. 3v – linha 21	Substituição do grafema <o>, pelo grafema <ô>, devido a ortografia da época.	“[...] Si! Meo Deus! Se Rosa eu fôra . [...]”
Cupola	f. 4v – linha 10	Substituição do grafema <u>, pelo grafema <o>, pois possuem o mesmo fonema /u/, assim havendo uma variação grafonética motivada pela interferência da oralidade	“[...]Pel-a cupola do Ceo. [...]”
Borbuleta	f. 4v – linha 16	Substituição do grafema <o>, pelo grafema <u>, indicando uma variação grafonética motivada pela interferência da oralidade	“[...] Tem beijar as borbuletas , [...]”

Grupo 2: consoantes simples

Palavra	Ocorrência	Análises	Contextos
Poz-se	f.1v- linha 19	Substituição do grafema <s>, pelo grafema <z>, em posição final, isso acontece pela confusão estabelecida em relação as regras ortográficas.	“[...] Poz-se a improvisar assim.[...]”
Chinez	f. 2v – linha 25	Substituição do grafema <s>, pelo grafema <z>, em posição final, isso acontece pela confusão estabelecida em relação as regras ortográficas.	“[...] Que vem do império Chinez . [...]”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É de extrema valia para a expansão do nosso conhecimento a análise realizada, pois conseguimos aprender um pouco mais sobre as mudanças sofridas



ECOS DA ESCRAVIDÃO

na nossa ortografia, bem como na oralidade, mas não só isso: através dessa escrita, o momento literário daquele período e, assim, através da análise do *corpus* podemos obter conhecimento histórico, literário, ortográfico e sociológico e restituir um poema tão valioso.

REFERÊNCIAS

CAMBRAIA, C. N. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FREYRE, G. **Casa-grande & senzala**. 48. ed. Recife: Global Editora, 2003.

OLIVEIRA, J. C. A. Navio negreiro: idealização, liberdade e identidade. **Cadernos de Pós-graduação**, v. 10, n. 2, p.1-12, 2010. Disponível em <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Pos_Graduacao/Mestrado/Letras/Artigo_Julia_Oliveira.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2016

QUEIROZ, R. C. R. (Org.). **Documentos do acervo de Monsenhor Galvão**: edição semidiplomática. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2007.

SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. Para que filologia/crítica textual? **Revista Acta**, Assis, v. 1, p. 1-12, 2001. Disponível em: <[http://www.assis.unesp.br/Home/SitesInternos/RevistaActa/PARA_QUEFILOLOGIACRITICATEXTUAL\(revistoISSN\).PDF](http://www.assis.unesp.br/Home/SitesInternos/RevistaActa/PARA_QUEFILOLOGIACRITICATEXTUAL(revistoISSN).PDF)>. Acesso em: 12 abr. 2016

SILVA, D. Q. S. S.; QUEIROZ, R. C. R. Anos ou anos: estudo das variações grafemáticas em documentos manuscritos do acervo de Monsenhor Galvão. **Cadernos do CNLF**, v. XV, n. 5, t. 1, p. 298-308, 2011. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/26.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2016

SILVA, J. P. O método em filologia. **Soletras Revista**, n. 23, p.249-269, 2012. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/viewFile/3883/2712>> Acesso em: 08 jul. 2016

TELLES, C. M. Relação grafemático-fonética em textos não literários do século XVI. **Revista da ANPOLL**, São Paulo, n. 12, p. 37-64, jan./jun. 2002.



EDIÇÃO FILOLÓGICA E VARIAÇÕES GRAFEMÁTICAS EM “FABULA - O PASSARO E A FLOR” DE CASTROALVES

TRINDADE, A. P. P. **O processo histórico da escrita e sua importância na formação do sujeito**, 2007. Disponível em: <http://www.planetaeducacao.com.br/portal/gepi/processo_historico_da_escrita.pdf> Acesso em: 08 jul. 2016







Parte 3

Filologia
história
e lutas
abolicionistas





LABOR FILOLÓGICO EM CARTAS DE ALFORRIA

Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz¹

Vida toda linguagem

[...]
Vida toda linguagem,
bem o conhecem velhos que repetem,
contra negras janelas, cintilantes imagens
que lhes estrelam turvas trajetórias.

[...]
(FAUSTINO, 2009, p. 70-71)

A Filologia é uma das mais antigas ciências que se tem notícia. Surgiu quando a escrita se fez necessária para a recuperação das obras de Homero, pois estas

.....
¹ Graduada em Letras Vernáculas e Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo – USP. Professora Pleno da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Coordenadora dos grupos de pesquisa: Núcleo de Estudos do Manuscrito (NEMa) e Grupo de Edição de Texto (GET). Pós-doutorado em andamento pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB.



foram transmitidas oralmente e, como ocorre com toda transmissão, seja oral ou escrita, com bastante interferências. Os primórdios datam do século III a.C., nas dependências da monumental Biblioteca de Alexandria, onde Zenódoto, Aristarco e Aristófanos de Bizâncio se reuniram para estabelecer criticamente os textos da *Iliada* e da *Odisséia*. Deste modo, ao longo dos séculos, a Filologia se impôs como a ciência do texto, para o qual se voltam as devidas análises, sejam estas com foco na língua, na literatura ou na cultura de um povo ou grupo de povos.

Desde que a humanidade passou a registrar todos os seus feitos por escrito, o acúmulo de documentação se tornou um problema. Por quê? Faltam locais apropriados para a guarda de tantos documentos, escritos ao longo da história da civilização. Escrever, copiar e guardar são atividades inerentes ao ser humano, pois se há o registro, este é para ser eternizado. Como diz o poeta Mário Faustino, escritas que revelem as turvas trajetórias pelas quais se passa, e que só são estreladas pela linguagem e deixadas para a posteridade pela escrita.

De que forma a Filologia e seu labor mais autêntico, segundo Auerbach (1971), a edição de textos, podem contribuir para a perpetuação do legado escrito? A isto se dedicam filólogos em todo o mundo, os quais veem na edição de textos, sejam este literários ou não, a forma de preservá-los, apresentando-os na íntegra em edições, que se diferenciam de acordo com o tipo textual que se apresenta.

Em se tratando de textos literários, os quais são de uso repetido, ou seja, são reproduzidos, seja manualmente (manuscritos até a criação da imprensa), seja mecanicamente (impresso a partir do uso dos tipos móveis e, contemporaneamente, pelos computadores), podendo ser polítestemunhais e, em algumas situações, monotestemunhais, as edições que se mostram mais eficientes são: a edição crítica, a qual consiste na análise de todos os testemunhos existentes, com estabelecimento de um texto de base, do qual serão vistas as diferenças entre os testemunhos; edição diplomático-interpretativa, em que se pode fazer interferências conjecturais, desde que explicitadas previamente através de critérios estabelecidos, os quais podem variar entre uma atualização ortográfica até o estabelecimento de um trecho do texto por conjectura; a edição genética, que consiste na análise da gênese da obra, como se deu o processo criativo do(a) autor(a), sem estabelecimento de um texto de base, mas da apresentação de como o texto foi concebido; a edição crítico-genética, na qual são estabelecidos critérios e são utilizados operadores para serem aplicados ao texto editado, consistindo em sua apresentação junto ao texto de base; a edição sinóptica, na qual são apresentados todos os testemunhos, sinópticamente, a fim de que o leitor conheça todos os textos produzidos antes daquele que seguiu para a publicação.



Em se tratando de textos não literários, considerados de uso único, dos quais não são feitas cópias *ad infinitum*, pois os mesmos são, geralmente, documentos oficiais, sendo as cópias solicitados em casos eventuais. Enquadram-se nesta situação certidões de nascimento, certidões de compra e venda de terras, cartas de alforria, etc., sendo classificados como monotestemunhais. Para estes, as edições que se aplicam são: fac-similar, feita através do uso de equipamentos como uma câmera fotográfica, um escâner, etc.; edição paleográfica ou diplomática, na qual o texto é transcrito *ipsis literis*, ou seja, são mantidas todas as suas características intrínsecas; edição semidiplomática, na qual são estabelecidos critérios, os quais facultam ao editor uma interferência moderada, a qual se traduz no desenvolvimento de abreviaturas, união de palavras separadas e separação de palavras unidas, não cabendo, por exemplo, atualização ortográfica; edição diplomático-interpretativa, a qual prevê uma interferência que vai além da estabelecida na edição semidiplomática, ou seja, pode haver uma atualização ortográfica e estabelecimento de determinados trechos do texto por conjectura.

Para o labor filológico que se pretende apresentar aqui, foram tomadas como *corpus* duas cartas de alforria, lavradas no século XIX, na região de Feira de Santana, as quais foram editados semidiplomaticamente.

AS CARTAS DE ALFORRIA

Antítese

O seu prêmio? — O desprezo e
uma carta de alforria quando tens
gastas as forças e não pode mais
ganhar a subsistência.

[...]

É ele o escravo maldito,
O velho desamparado,
Bem como o cedro lascado,
Bem como o cedro no chão.
Tem por leito de agonias
As lájeas do pavimento,
E como único lamento
Passa rugindo o tufão.



(Castro Alves, **Os Escravos**, 1972)²

As cartas de alforria são classificadas como documentos jurídicos para o registro da liberdade das pessoas que vieram da África e foram escravizadas no Brasil. No ato de alforriar, o senhor transferia a sua posse e o seu título de propriedade, oficializando desse modo a liberdade daquele que mantinha cativo. As cartas, para serem reconhecidas, deveriam ser registradas em cartório, onde o senhor ou o seu procurador ditavam os termos para o escrivão. Poderia ser também através de uma cópia, a fim de que fossem registradas no livro de notas, contendo a data e as assinaturas das testemunhas e do tabelião. O senhor arcava com o pagamento dos selos, a fim de legitimar o ato.

A prática de alforriar se fazia em todo o Brasil, efetivada sob as mesmas condições, fosse em áreas urbanas ou rurais. A alforria se constituía como um direito entre senhores e escravos, o qual não sofria interferências do Estado, a não ser em casos excepcionais, como em guerras, por exemplo, gerando um direito para o escravo ser alforriado, independente de quaisquer condições.

As cartas de alforria podiam ser de dois tipos: onerosas ou gratuitas, acrescidas de condições impostas pelos senhores. A seguir, um caso de alforria gratuita que, no entanto, não deixa de ser dada em uma situação em que a escrava já se encontrava em idade avançada.

Digo eu à baixo assignado, que entre os mais bens que possu[o] / de mansa e pacífica posse ha hua Escrava mulata de nome A[n] / gela, que houve por herança de meos Pais, a qual pelos / bons servissos que me tem prestado desde que estive estudan- / do em Pernambuco, e servindo-me sempre sem interrup- / ção desde que heramos mossos athe hoje que ambos so- / mos maiores de 60 annos, / e como hoje fasso annos/ forro / como de facto forrado a tenho de hoje **para** sempre afim / de gozar de sua liberdade como se fora nascida livre, pas- / sando-lhe esta Carta de Alforria, que tera todo o vigor / ainda **que** algua formalidade lhe falte; pois he minha / livre, e espontanea vontade forrar esta Escrava gra- / tuitamente, pelo amor de Deus em attenção aos longos / annos de sirvisso, que della tenho recebido, como à cima / disse, podendo ser esta registada nos Livros das Notas d[e] / qualquer Tabelião **para**

.....
² Disponível em: <<http://pensador.uol.com.br/frase/NTI0MDQy/>>. Acesso em: 19 jun. 2016.



ter todo o Vigor. Rio de Janeiro / na chacara de minha residencia na Rua do Maruhy / em São Christovão aos 16 de Outubro de 1855 / José Martiniano d'Alencar.³

Neste caso, pode-se correlacionar os versos do poeta Castro Alves com a ação do escritor José de Alencar, que alforria sua escrava porque esta já está em idade avançada, para que mais serviria?

O seu prêmio? — O desprezo e
uma carta de alforria quando tens
gastas as forças e não pode mais
ganhar a subsistência.
(Castro Alves, 1972)⁴

No *corpus* sob análise, encontra-se também a condição imposta para a alforria da escrava Martina: a morte do senhor.

Digo eu José D'Anunciação e *Silva* legiti / mo Senhor da Escrava Martina de cor / parda a qual **depois de meo faulecimento / gosará de sua liberdade, como se de / ventre livre nacesse** e isso o faço em / compensação aos bons serviços que da mes / ma escrava tenho recebido [...].⁵

123

Nos casos de alforria onerosa, o valor estipulado dependia da situação física do escravo e das condições do mercado.

Digo eu José João Alves, que entre os mais / bens de que sou Senhor e legitimo possuidor, e bem assim, / uma escrava de nome Sabina, de nassão parda, de idade / de **cincoenta annos**, mais ou menos, a qual escrava, forro, e / alforriado tenho, pelo preço e quantia de **cento e vinte e sin / co mil reis**, cuja quantia recebi ao passar desta em muda / corrente, podendo a dita escrava, de hoje em diante, gosar de / sua liberdade, como se ventre livre tivesse nascido [...].⁶

.....

³ Documento pertencente à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

⁴ Disponível em: <<http://pensador.uol.com.br/frase/NTI0MDQy/>>. Acesso em: 19 jun. 2016.

⁵ Documento pertencente à Biblioteca Setorial Monsenhor Renato de Andrade Galvão, sediada no Museu Casa do Sertão, órgão da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, sob a cota: M – CA – 02.

⁶ Carta de liberdade integrante do acervo do Arquivo Público Municipal de Feira de Santana, editada por Liliane Lemos Santana, constando do livro de Queiroz, (2007. p. 78).



A compra da liberdade era feita através de um pecúlio, ou como se conhece atualmente, uma poupança. Era obtido com as atividades que os escravos podiam exercer com o consentimento do senhor e das quais eles conseguiam juntar um dinheiro a fim de pagar pela alforria.

O LABOR FILOLÓGICO EM CARTAS DE ALFORRIA

Para o tratamento das cartas de alforria que são aqui apresentadas, optou-se pela edição semidiplomática, a qual tem como objetivo preservar as características intrínsecas do texto, ou seja, sua grafia, sua estrutura, etc. Para tal labor, alguns critérios devem ser seguidos, a saber:

Para a descrição, deve-se:

- » Indicar o número de colunas
- » Apresentar o número de linhas da mancha escrita
- » Explicitar a existência de ornamentos
- » Apresentar as maiúsculas mais interessantes
- » Explicitar a existência de sinais especiais
- » Apresentar o número de abreviaturas
- » Descrever o tipo de escrita
- » Descrever o tipo de papel
- » Apresentar a data do manuscrito
- » Para a transcrição, deve-se:
 - » Respeitar fielmente o texto: grafia (letras e algarismos), linha, fólio, etc;
 - » Indicar o número do fólio, à margem direita;
 - » Numerar o texto linha por linha, indicando a numeração de cinco em cinco, desde a primeira linha do fólio;
 - » Separar as palavras unidas e unir as separadas;
 - » Desdobrar as abreviaturas, apresentando-as em itálico e negrito;



- » Utilizar colchetes para as interpolações;
- » Indicar as rasuras ilegíveis com o auxílio de colchetes e reticências.

A EDIÇÃO DAS CARTAS DE ALFORRIA

Apresenta-se a seguir a edição de duas cartas de alforria, constantes do Acervo de Monsenhor Galvão, localizado na Biblioteca Setorial Monsenhor Renato de Andrade Galvão – Museu Casa do Sertão, órgão da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Monsenhor Galvão foi um dos fundadores da universidade, deixando para a instituição todo o seu espólio, acumulado ao longo de sua vida religiosa. Em seu acervo encontram-se documentos vários, manuscritos e impressos, dos séculos XVIII ao XX: certidões de compra e venda de terras, certidões de nascimento, cartas pessoais, cartas imperiais, escrituras públicas, coleções de periódicos, dentre outros. As cartas aqui editadas acham-se no referido acervo sob as cotas: M-CA-01 e M-CA-02.

DESCRIÇÃO DA CARTA M-CA-01

Registro de Carta de Alforria datado de 22 de abril de 1882, escrito em tinta preta, somente no recto, em um único fólio, uma coluna contendo 31 linhas e nove abreviaturas, mancha escrita com as seguintes dimensões: 285mm X 170mm. Papel de linho verde claro, com as seguintes dimensões: 333mm X 210mm, rasgado ao meio por conta da dobradura do papel, tanto em sentido horizontal quanto vertical. Furos. Catalogado na Biblioteca Setorial Monsenhor Galvão com a cota: M-CA-01.

DESCRIÇÃO DA CARTA M-CA-02

Carta de Alforria datada de 24 de outubro de 1881, escrita em tinta preta, somente no recto, em um único fólio, uma coluna contendo 32 linhas e vinte e sete abreviaturas, mancha escrita com as seguintes dimensões: 168mm X 295mm. Papel almaço verde, medindo 210mm X 300mm, com linhas de marca d'água verticais e a identificação do tipo de papel: "AL MASSO". Marcas de dobra tanto no sentido vertical quanto no horizontal, furos: no centro, à margem esquerda – superior e inferior. Margens superior e inferior rasgadas. Parte central da margem inferior: desenho e furos. Catalogado na Biblioteca Setorial Monsenhor Galvão com a cota: M-CA-02.

EDIÇÃO FAC-SIMILAR DA CARTA M-CA-01

Fig. 1: Edição fac-similar

Outubro de 1885 de 7.ª da Província de Bahia
 De obediência e foyza (repedente) a v.ª
 eminência declaro a Collectoria Geral que no dia
 24 de Outubro de 1881 passou Carta de liberdade
 a sua escrava e a sua filha por v.ª soltura em
 11 annos q.ª matriculada em 29 de Abril de 1872
 sob n.º 545 da matrícula geral e 3 da relação;
 declaro mais que presente dos direitos que tem
 nos seus foyzados seguintes filhos da referida
 escrava Diana, q.ª matriculada sob n.º 26
 da matrícula geral e 26 da nota, obtendo v.ª
 soltura sob n.º 1213 e 1211 da nota, e a
 filha sob n.º 1474 e 1471 da nota e a filha
 sob n.º 2628 e 2627 da nota.

Província da Bahia
 Obediência da C.ª da Feira
 Parochia de São José de 2.ª de
 Abril de 1885

Off.º do Reclamante
 Simão de Aguiar de Figueiredo
 Com Testamentos e Mandat.º Homologat.º da S.ª
 Ant.ª de 1885

Off.º 159 de 2.ª C.ª p.ª de feitos de pro-
 prias de claragem. Com 24 de Abril 1885
 O Collect.º O Collect.º
 M.ª de S.ª M.ª de S.ª



EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA DA CARTA M-CA-02

Lançada a *folha* 69 do *livro* 18 de Notas *Cidade*
da Feira 24 de 8^{bro1} de 1881

O Tenente Francisco Gonçalves Pedreira França

5 Digo eu José D'Anunciação e *Souza* legiti
mo Senhor da Escrava Martina de cor
parda a qual depois de meo faulecimento
10 gosará de sua liberdade, como se de
ventre livre nacesse e isso o faço em
compensação aos bons serviços que da mes
ma escrava tenho recebido; assim como
desta mesma dacta em diante prescin
15 do dos serviços dos ingenuos os seus filhos
Ignez de cor parda, Antonio, Maria e An
gelo, todos de cor parda *para* que todos
fiquem isentos das obrigações que *por* ley
20 lhe são impostos, e ficarem gosando
assim de ampla liberdade; sem que
nem mesmo meus herdeiros em tempo algum
possão se oppôr a presente *por* ser feito
de *minha* livre vontade, em prezença
de duas testemunhas; E *por* não saber escrever
25 pedi a meu irmão Manoel Herme
negildo da *Silva* que esta a meo rogo
assignasse, com as duas testemunhas.
Cidade da Feira 24 de 8^{bro} de 1881
A rogo de meo irmão José da Anunciação e *Souza*
30 Manoel Hermenegildo da Silva
Como testemunha Manoel Hermogenes dos Santos
Cypriano de oliveira [...]npo
Reconheço como proprias as firmas supra por saber
assignar *Cidade* da Feira 24 de 8^{bro} de 1881
Em testemunho de verdade
X
[Tenente] Francisco Gonçalves Pedreira França

129

.....
¹ 8^{bro} = outubro. Esta abreviatura foi mantida com o intuito de mostrar o registro da época em relação à grafia do nome dos meses.



O ESTUDO LINGUÍSTICO

A partir das edições realizadas com as cartas de alforria, foram realizados estudos linguísticos, a saber: das variações grafemáticas e do vocabulário. Quanto às questões relativas às variações grafemáticas, foram encontradas no *corpus* as seguintes:

Quadro 1: As variações grafemáticas constantes nas cartas de alforria

Índices grafo-fonéticos	Variações etimologizantes	Variações gráficas livres
mascolino	Collectoria	rezidente
ficão	annos	precinde
meo	Ley	faulecimento
seos	lgnez	gosará
meos	fulla / fullo	nacesse
posção	Parochia	prezente
mêo	pello	prezensa
testimunha	Collector	
	Barretto	
	dacta	
	oppôr	
	assignasse	
	jrmão	
	Cypriano	
	assignar	

Observando-se os exemplos colhidos da escrita das cartas de alforria, constata-se que há uma ocorrência maior na coluna das variações etimologizantes. Esse resultado, bastante significativo, ocorre provavelmente em virtude do grau de instrução do escrivão ou tabelião, o que reflete o conservadorismo da língua presente em sua ortografia. Os casos de variações etimologizantes confirmam o padrão que predominou na ortografia portuguesa até o início do século XX. No



entanto, nota-se também que já há alguma variação motivada pela interferência da oralidade, em exemplos como: possão, masculino, testemunha, etc. Quanto à confusão estabelecida em relação às regras ortográficas, temos os exemplos que constam da coluna “variações gráficas livres”, com os exemplos: rezidente, gosará, prezensa, etc. Constata-se também a falta de acentuação, em exemplos como: ingenuos, municipio, parochia, legitimo, proprias, dentre outros.

Quanto ao vocabulário, chamaram à atenção os qualificadores distintivos para a cor da pele da escrava alforriada e de seus filhos: parda, fullo e fulla, os quais podem ser definidos como:

PARDA – adj. ‘De cor escura, entre o branco e o preto.’

FULLO/FULLA – adj. ‘De cor parda, tendendo para marrom ou amarelado, mulato.’

Outro ponto no qual se pode dar ênfase quanto ao vocabulário é o referente aos antropônimos. Podem ser destacados aqui os seguintes: Francisco; José; Martina; Ignez; Antonio; Maria; Angelo; Manoel; Hermenegildo; Hermogenes; Cypriano; Viriato, correspondendo aos nomes do tabelião, do senhor, da escrava e de seus filhos, e das testemunhas.

Fazendo-se uma incursão em dicionários de antropônimos, foram encontrados os seguintes resultados, apresentados em ordem alfabética:

ANGELO – De acordo com Machado (2003, p. 136), origina-se do latim *angĕlu-*, vindo do grego *ángelos*, passando para as línguas românicas pelo italiano *Angelo*. Segundo Azevedo (1993, p. 56), significa “mensageiro”.

ANTONIO – Segundo Machado (2003, p. 144), o antropônimo “Antonio” já se usava na Itália, sendo pertencente a uma *gens* de que Marco Antonio era um dos representantes mais famosos. A forma italiana provem do latim *Antōnĭus*, embora sua origem seja mal elucidada. Azevedo (1993, p. 61) traz a seguinte significação: “o que está na vanguarda”.

CYPRIANO – Machado (2003, p. 419) traz a seguinte definição: origem latina, *Cypriānu-*, derivado de *Cyprius* (Chipre). É o nome de São Cipriano (*Thascius Caecilius Cyprianus*), bispo de Cartago, que foi decapitado em 258.

FRANCISCO – De acordo com Machado (2003, p. 666), o antropônimo português é uma adaptação do antropônimo italiano *Francesco*, difundido por



ser o nome de São Francisco de Assis, e popularizado através de outros santos: São Francisco de Paula, São Francisco de Sales, São Francisco de Borja, São Francisco Xavier. “Francisco” é uma latinização de *Franco* ou *Franko*, nome étnico, com o sufixo germânico *-isk-*, ou seja, *Fränkisch*. Azevedo (1993, p. 244) diz que significa “francês”, pois os francos conquistaram a Gália, dando o topônimo atual: “França”.

HERMENEGILDO – Machado (2003, p. 775) traz a seguinte informação: nome visigótico, mas de composição controversa – *Hermingilt*, *Hermengilt*, sendo latinizado nos hagiológicos como *Hermenegildus*, em decorrência do nome do santo, festejado pelos latinos em 13 de abril; pelos gregos em 30 de outubro; e pelos armênios em 29 de março. Azevedo (1993, p. 290) diz que a combinação “*ermans*” – forte + “*gild*” – sacrifício, resultou no significado “o que oferece grande sacrifício”.

HERMOGENES – Machado (2003, p. 776) explica que a etimologia é grega, *Hermogénēs*, ou seja, da geração de Hermes, passando para o latim como *Hermōgēnēs*. Azevedo (1993, p. 291) diz que significa “da raça ou geração de Hermes”. Hermes, na mitologia grega, é um dos deuses do Olimpo, filho de Zeus e Maia, possuindo vários atributos: deus da fertilidade, dos rebanhos, da magia, da divinação, das estradas e viagens, dentre outros. Ao longo do tempo, tornou-se o mensageiro dos deuses e patrono: da ginástica, dos ladrões, dos diplomatas, dos comerciantes, da astronomia, da eloquência, de algumas formas de iniciação, bem como é o guia das almas dos mortos para o reino de Hades.

IGNEZ – Segundo Machado (2003, p. 801), de origem grega, *Hagnēs*, significando “pura, santa, casta”, passando para o latim como *Agnēs*. O nome se popularizou devido ao culto à Santa Inês, virgem romana martirizada em 303, cuja data celebrativa pela igreja católica é 21 de janeiro. No universo da antropônimo portuguesa, este nome se popularizou por causa de Inês de Castro, morta em 7 de janeiro de 1355. De acordo com Machado (2003, p. 801), as grafias “Ignês” e “Ignez” podem ocorrer.

JOSÉ – Machado (2003, p. 832) traz a seguinte informação acerca deste antropônimo: origem hebraica, *Iosef*, significando “Deus acrescenta bens”,



passando para o grego como *Ioseph*, deste para o latim *Ioseph* e depois *Joseph*, chegando ao francês antigo como José.

MANOEL – De acordo com Machado (2003, p. 939), os Bizantinos já usavam a forma *Manouel* para o imperador *Manuel I Comneno* (1122?-1180). Seria a forma aferética de *Emanuel*, sendo popularmente o nome que se atribui a Jesus Cristo. Segundo Azevedo (1993, p. 194), “Emanuel” tem origem no hebraico *Immanu-el*, significando “Deus está conosco”.

MARIA – Para Machado (2003, p. 947), as formas latina – *Maria* e grega – *María* são originadas do hebraico *Miriam*. Nome da Virgem, mãe de Jesus Cristo, sendo atualmente o nome de mulher mais usado no mundo. Segundo Azevedo (1993, p. 395) há uma centena de étimos propostos: do egípcio, “predileta de Javé”; de uma língua semítica, “senhora”; de uma antiga fala hebraica, “excelsa, sublime”; do siríaco, “que é elevada” / “princesa do mar”; mas, no apêndice da Vulgata (tradução da bíblia feita por São Jerônimo para o latim a partir do grego) aparece como “exaltada” e “mar de amargura”; no Antigo Testamento é o nome da irmã de Aarão (Ex 15, 20).

MARTINA – Machado (2003, p. 956) remete este antropônimo para outro, Martinha, sendo este feminino de Martinho que, por sua vez, deriva do latim *Martinu-*. Azevedo (1993, p. 401) diz que o latim *Martinus* deriva de *Mars*, “dedicado a Marte”, o qual também pode ser interpretado como “belicoso”, por ser Marte o deus da guerra.

VIRIATO – Este antropônimo, de acordo com Machado (2003, p. 1482), é de origem latina, *Viriātu-*, ao lado de *Viriathu-*, nome atribuído ao chefe dos Lusitanos. Azevedo (1993, p. 608), seguindo a informação de Nascentes (1952), diz que a origem é céltica - *viria*, significando “bracelete”.

A partir do que foi apresentado em relação aos antropônimos, pode-se concluir que as origens são diversas, havendo três hebraicos: José, Manoel e Maria; três gregos: Angelo, Hermogenes e Ignez; quatro latinos: Antonio, Cypriano, Martina e Viriato (este dividindo opiniões, constando também como céltico); e dois germânicos: Francisco e Hermenegildo.



FINALIZANDO O LABOR, MAS NÃO DEFINITIVAMENTE...

O trabalho filológico não se encerra por completo, sempre há outros olhares sobre os textos, sejam estes literários ou não. Uma edição nunca é definitiva, haja vista as inúmeras possibilidades de se editar um texto. Toda edição é passível de apresentar equívocos pois, o traçado de uma letra pode confundir o editor e, neste caso, o induz a uma leitura que não equivale ao que realmente foi escrito. Por isso, a Filologia se renova e os filólogos estão sempre buscando o aperfeiçoamento de suas técnicas, as quais hoje encontram respaldo nas novas tecnologias, as quais vieram a somar, trazendo novas luzes à prática iniciada há milênios.

O texto que por ora se apresenta, é um pequeno estudo acerca de duas cartas de alforria, o qual será ampliado quando forem concluídas as edições de outras cartas, as quais virão confirmar o quanto se faz de suma importância o labor filológico. Através deste, outros estudos se fazem pertinentes, tais como os apresentados aqui: das variações grafemáticas e do vocabulário, este acerca dos qualificadores referentes aos escravos e dos antropônimos dos envolvidos nas cartas de alforria. Isto valida a definição de que a Filologia é o estudo da língua, da literatura e da cultura de um povo ou grupo de povos através de suas produções escritas.

Deste modo, o labor filológico ultrapassa fronteiras, pois para o amplo entendimento do texto não basta apenas transcrevê-lo, decodificá-lo em seus caracteres gráficos, é preciso mergulhar em suas entrelinhas e conhecer o que delas emerge.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, K. L. N. **Alforria em Rio de Contas-Bahia, século XIX**. Dissertação. (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

AUERBACH, E. **Introdução aos estudos literários**. São Paulo: Cultrix, 1972.

AZEVEDO, S. L. **Dicionário de nomes de pessoas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

CAMBRAIA, C. N. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FAUSTINO, M. Vida toda linguagem. In: FAUSTINO, M. **O homem e sua hora e outros poemas**. Pesquisa



e organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 70-71.

HOUAISS, A; VILLAR, M. S.; MELLO FRANCO, F. M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Elaborado no Instituto Houaiss de Lexicografia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MACHADO, J. P. **Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa**. 3. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2003. 3 vol.

MATTOSO, K. A propósito de cartas de alforria – Bahia 1779-1850. **Anais de História**, n. 4, p. 23-50, 1972.

QUEIROZ, R. C. R. (Org.). **Documentos do acervo de Monsenhor Galvão**: edição semidiplomática. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2007.

_____. **Manuscritos baianos dos séculos XVIII ao XX**: livro de notas e escrituras. Salvador: Quarteto, 2007.

_____. **A Escrita autobiográfica de Doutor Remédios Monteiro**: edição de suas memórias. Salvador: Quarteto, 2006.





GAZETAS, MEETINGS E ALFORRIA: ABOLICIONISMO NO RECÔNCAVO BAIANO (CACHOEIRA, 1880-1888)¹

Jacó dos Santos Souza²

Era 15 de abril de 1888... Na freguesia de Nossa Senhora do Bom Sucesso da Cruz das Almas, Recôncavo baiano, o comendador Temístocles da Rocha Passos libertou todos os seus escravizados, num total de 54 pessoas. Dias depois, a gazeta abolicionista *O Asteróide* tornava pública a “esplendida festa da liberdade” ocorrida na referida freguesia. As palavras utilizadas pelo articulista, ao narrar o evento, procuravam destacar os “virtuosos sentimentos” do comendador ao adotar aquela medida, ao tempo em que buscavam convencer os proprietários ainda resistentes a seguirem o mesmo exemplo (BARICKMAN, 1998-1999).³ A descrição

.....
¹ Este texto é parte da dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local da Universidade do Estado da Bahia, intitulada **Vozes da abolição**: escravidão e liberdade na imprensa abolicionista cachoeirana (1887-1889), sob a orientação do Prof^o. Dr. Walter Fraga Filho.

² Doutorando em História Social na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor da Faculdade Adventista da Bahia (FADBA). Email: jacocachoeira@hotmail.com

³ Este pesquisador notou que os senhores de engenhos das zonas açucareiras do Recôncavo baiano empregaram números significativos de escravos nos trabalhos da lavoura, perto da abolição, apesar do constante declínio da população escrava verificado na segunda metade do século XIX.



ECOS DA ESCRAVIDÃO

da cerimônia nos oferece uma compreensão de como muitos senhores realizaram essas libertações de última hora. Vejamos a seguir alguns trechos da matéria.

o sr. Temístocles da Rocha Passos, em frases repassadas de sentimento, proferiu um discurso tocante, nem só declarando que de modo próprio e por livre espontaneidade alforriava todos os escravos que possuía em número de 54 e que estavam todos presentes, declarando que fizera com eles contrato de serviços, [...] e agradecendo a seus libertando a boa vontade com que sempre o serviram, *esperava que continuassem a ser seus amigos*. [...] ao entregar as cartas de liberdade aos seus ex-escravizados tanto chorava o escravo, como o coronel Temístocles e sua senhora, dando lugar a que diversos assistentes também derramassem lágrimas. [...] o coronel Temístocles ofereceu um lauto jantar a seus escravizados, no qual houve muitos brindes, notando-se três dos libertos, que pronunciaram frases de gratidão ao seu benfeitor, *prometendo em nome de seus companheiros nunca abandonar aquela casa*.⁴ (*Grifos nosso*).

138 A solenidade de entrega das alforrias foi cuidadosamente planejada. Uma missa, depois o jantar. Aquele ato foi testemunhado por diversas pessoas da região. O articulista noticiou que estavam presentes naquela cerimônia tanto “pessoas gradas” da sociedade, numa referência aos homens e mulheres de elite, como “muito povo”, provavelmente numa alusão a libertos e livres. A imprensa da capital baiana também ocupou suas páginas com notícias daquela festa, dando relevo às declarações de lealdade dos libertos aos seus antigos senhores (FRAGA FILHO, 2006, p. 116).

A declaração “esperava que continuassem a ser seus amigos” é bastante sintomática para o momento histórico em questão. O esvaziamento das fazendas era o grande temor que perturbava os proprietários de escravos brasileiros na iminência da abolição. A preocupação com a permanência dos trabalhadores nas propriedades para tocar os serviços nos campos e nas cidades estava presente nos discursos de diversos senhores e também de parte dos abolicionistas. Para o comendador Temístocles Passos, e para muitos senhores locais não se tratava mais de defender a escravidão, mas de salvar pelo menos a autoridade senhorial mediante novos contratos de trabalho.

A descrição daquele episódio, estampada nas páginas da imprensa, revela muito mais que um gesto “bondoso” do comendador Temístocles Passos. Na

.....
⁴ O *Asteróide*, 18 de abril de 1888, p. 1.



realidade, a atitude do cruzalmense estava em sintonia com o que acontecia em outras localidades do país. Nos instantes finais da década de 1880, muitos senhores promoveram libertações em massa na tentativa de minimizar o impacto político que poderia resultar uma possível abolição da escravatura que se discutia no parlamento e que se reivindicava nas ruas. O comendador Temístocles Passos, certamente, conhecia de perto a discussão que se travava no parlamento sobre a “solução do elemento servil” e sabia que o fim da escravidão se avizinhava.

Durante a década de 1880, o sentimento antiescravista encontrou ampla adesão dos setores médios urbanos e das camadas populares brasileiras. Fatores diversos, como a legislação emancipacionista, a luta dos escravos pela liberdade, a pressão internacional, entre outros, contribuíram para solapar as bases do escravismo no Brasil. Nesse momento, ampliaram-se as perspectivas de liberdade para o cativo, uma vez que se podia contar com maior apoio populacional. Este poderia vir tanto por meio da legalidade – através das ações de liberdade, contando com a ajuda de advogados e juristas simpatizantes do abolicionismo – quanto mediante a colaboração de populares que se engajaram no movimento antiescravista.

Naquela década, houve um crescimento no número de escravos que conquistaram a liberdade mediante a compra de alforrias, das fugas ou através de ações de liberdade, movidas na arena judicial (SILVA, 2000). No entanto, embora as libertações tenham se tornado frequentes, nem todos eram partidários da emancipação escrava. No Recôncavo baiano, onde havia grande concentração de mão-de-obra escrava (BARICKMAN, 2003, p. 39), a lavoura açucareira mostrou-se mais resistente à abolição, gerando conflitos acirrados num momento em que grande parte da opinião pública havia aderido a propaganda abolicionista (FRAGA FILHO, 2006, p. 36).

Os movimentos abolicionistas se expandiram ao longo da década de 1880. Sociedades, clubes, *meetings* e gazetas de inspiração abolicionista congregavam pessoas de diferentes camadas sociais e com propósitos diversos na forma como encaminhar a abolição da escravatura. Alguns adotaram uma postura mais moderada, visando manter a integridade física e moral dos senhores, outros agiram incitando as fugas e rebeldias escravas. Porém, muitos senhores não assistiram inerte ao avanço da propaganda abolicionista. Articularam-se na criação de organizações ou concedendo alforrias na tentativa de preservar seus trabalhadores.

Os anos que antecederam a Lei Áurea foram marcados por embates e tensões, envolvendo escravos, senhores, abolicionistas e a população livre. O sinal



ECOS DA ESCRAVIDÃO

dos tempos mostrava para os proprietários ainda resistentes que o controle sobre os cativos estava cada dia mais impraticável. Na Comarca de Cachoeira, os confrontos radicalizaram-se ao longo de 1887, ocorrendo instantes de apreensão nas fazendas e na cidade.

Nas ruas e na justiça, a autoridade senhorial era questionada, dando lugar a uma crescente perda de legitimidade do escravismo. Os cativos contaram com um movimento abolicionista que atuava através de sociedades, da imprensa, examinando matrículas de escravos, realizando acoitamentos (dando refúgio a escravizados em fuga), entre outras ações. Os horrores da escravidão ganhavam publicidade nas páginas da imprensa que buscava formar opinião pública contrária ao escravismo.

Um importante recurso utilizado pelos escravos nos últimos anos da escravidão foi a fuga do cativo (FRAGA FILHO, 2006, p. 48-56; SILVA, 1989).⁵ No final da década de 1870, vários escravos, ao tomarem a iniciativa de escapar dos locais de trabalho, buscaram ajuda em centros urbanos, por vezes recorrendo às autoridades policiais que, em alguns casos, tendiam para uma postura antiescravista (FRAGA FILHO, 2006, p. 51-53). Muitos escravizados migraram para a cidade de Cachoeira a fim de “tratar de suas liberdades”.

Possivelmente, a atuação do movimento abolicionista, através do agenciamento de escravos na justiça, acoitando cativos fugidos, examinando listas de matrículas ou complementando o pecúlio do escravo, imprimia força na decisão de muitos cativos que resolviam migrar de localidades próximas para o perímetro urbano, à procura da custosa liberdade. O desenhista Ângelo Agostini retratou, como se vê abaixo, cena de fuga mostrando as dificuldades de fazendeiros do sudeste em manter sob controle a população cativa, algo que se tornou cada vez mais comum no final dos oitocentos.

Fonte: MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. Cenas da abolição: escravos e senhores no parlamento e na justiça. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001, p. 54.

Passar despercebido entre a multidão foi o que muitos escravos em fuga conseguiram nas cidades. A experiência da fuga causava receios, mas, ao mesmo tempo, gerava expectativas de desfrutar da liberdade. O cenário urbano

.....
⁵ Para João José Reis as fugas foram a principal forma de resistência ou enfrentamento do regime escravista.



possuía características ideais para livre mobilidade daqueles que transitavam pelas ruas. Na década da abolição, grande contingente negro ocupava as ruas e praças de cidades do Recôncavo, causando temor em setores das elites, que reclamavam medidas das autoridades para por fim às frequentes “desordens” praticadas por escravos e libertos. Mas, se por um lado esse quadro favorecia o escravo fugido que decidia rumar para as cidades, por outro nem sempre a estratégia de misturar-se entre os cidadãos tinha sucesso, especialmente nos centros urbanos menores, onde a possibilidade do anonimato era quase nula. Quando ela fracassava, o retorno para o cativeiro poderia ser mais dramático e doloroso. Talvez fosse esse o caso experimentado por Antônio, estabelecido na freguesia de Nossa Senhora do Bom Sucesso da Cruz das Almas. Segundo nota publicada no periódico **O Asteróide**, ele era um exímio negociante, destacando-se naquela localidade pelo seu bom procedimento. Certo dia,

apareceu o sr. capitão Pedro Celestino da Rocha ‘dizendo-se senhor’ de Antônio, e bruscamente, ajudado de ‘capitães do mato’ prenderam-no violentamente e levaram o infeliz amarrado em cordas para o engenho do sr. Umbelino, onde dizem mete-lo no tronco.⁶

Mais adiante o jornalista registra que Antônio era filho de africana importada após 1831. O que surpreende na nota é o modo como o suposto fugitivo conseguiu se estabelecer naquela freguesia, “negociando com molhados, comprando e vendendo”, ou seja, articulando-se de forma a ocultar sua condição escrava. Ademais, a história de Antônio poderia ser perfeitamente uma invenção de alguém intencionado em “manchar” a reputação do capitão Pedro Celestino

⁶ **O Asteróide**, 28 de dezembro de 1887, p. 2. Esse mesmo episódio foi noticiado no jornal **O Americano** que circulou em 1 de janeiro de 1888.



ECOS DA ESCRAVIDÃO

da Rocha, ou mesmo do articulista intencionado em “informar” aos leitores os males da escravidão, gerados na vizinha freguesia de Cruz das Almas. Seja como for, a história de Antônio demonstra muito mais a fragilidade da condição de liberdade dos que um dia viveram a experiência da escravidão.

O envolvimento de parte da sociedade cachoeirana com o abolicionismo, entre eles comerciantes, advogados, médicos e professores, despertou a atenção de abolicionistas da capital baiana, a exemplo de Luís Anselmo da Fonseca que identificou aquela população como a primeira do interior baiano a ingressar no movimento antiescravista (FONSECA, 1988, p. 331-337).⁷ Para ele, o pioneirismo que recaía sobre Cachoeira decorria da criação de várias instituições de caráter abolicionistas, além do envolvimento de “cidadãos distintos” no movimento. A julgar pelas informações contidas na documentação da época, a cidade foi um importante centro de convergência de cativos fugidos e de luta pela libertação escrava.

Foi da cidade de Cachoeira e da vizinha freguesia de São Félix que, em abril de 1888, segundo o senhor de escravos Egas Moniz Barreto de Aragão, estabelecido em São Francisco do Conde, partiram panfletos que foram distribuídos nas senzalas de seus engenhos Cassarangongo e Maracangalha, afirmando que a escravidão era um roubo e incitando os escravos às fugas.⁸ A declaração desse senhor revela que abolicionistas daquelas localidades foram audaciosos, deixando atemorizados diversos proprietários que viam a possibilidade de perderem seus trabalhadores a qualquer instante. As ações dos envolvidos na campanha pela abolição sugerem que legalidade e ilegalidade andavam unidas, sob o propósito de definir a débil força do escravismo. Por conta disso, as denúncias de acoitamento escravo foram comuns entre fazendeiros dali, que acusavam os abolicionistas de causar graves distúrbios sociais, nos campos e nas cidades.

Acontece que o inconformismo de muitos senhores, manifestado numa linguagem que apontava os abolicionistas como perturbadores da tranquilidade pública, da ordem social, da segurança individual e da propriedade, era resultado da crescente perda de legitimidade que sofria o cativo, durante a década de 1880. Nesse momento, muitos proprietários do sudeste

.....
⁷ De acordo com este pesquisador, entre os noventa e seis municípios da província no período, em apenas seis era possível encontrar algum tipo de envolvimento da sociedade com a causa abolicionista.

⁸ Sobre isso ver Brito (2003, p. 154); ver também Fraga Filho (2006, p. 114); Azevedo (1987, p. 201), notou que, com a proximidade da abolição, as fazendas cafeeiras do Sudeste foram “atacadas” pelo discurso abolicionista, provocando o incitamento escravo.



buscaram controlar a onda antiescravista por meio da “concessão” de alforrias condicionais, visando assegurar a organização das atividades produtivas e afastar o “fantasma da desordem” (CASTRO, 1998, p. 210). O gradualismo do processo emancipacionista era apontado como o meio mais acertado de se resolver a “questão servil”. Para tanto, procuravam acionar a autoridade senhorial, através das alforrias, ao tempo em que visavam manter relações de dependência com o ex-escravo.⁹ Além disso, defendiam a indenização dos proprietários como reconhecimento do “direito de propriedade”.

É possível perceber as preocupações dos senhores de escravos, nas inúmeras reuniões ocorridas na década de 1880, nas quais discutiam soluções para a lavoura. Além do desejo de evitar as deserções que aconteciam naqueles difíceis dias, a “disciplinarização do mercado de trabalho” estava no centro dos debates (CASTRO, 1998, p. 243). Senhores paulistas se convenceram de que não podiam mais protelar a extinção do trabalho escravo. Diante da crescente agitação escrava, do abandono das fazendas, dos prejuízos econômicos, eles resolveram adotar mudanças na forma de trabalho, visando manter os ex-cativos nas fazendas. Foi a pressão escrava, sobretudo através das fugas, a principal responsável pela “conversão” dos paulistas ao movimento emancipador, e não a “generosidade senhorial”, como muitos fizeram questão de sugerir nas cerimônias de entrega de alforrias, exaustivamente registradas em folhas noticiosas (CONRAD, 1978, p. 307-313; ver CASTRO, 1998, p. 229).

Na Bahia, ao longo da década de 1880, a indisciplina provocada pela propaganda abolicionista (FRAGA FILHO, 2006, p. 108), aliada à certeza de que a escravidão não teria longevidade, levou muitos escravocratas, à semelhança de seus pares do sudeste, a empenharem-se na busca de soluções para a lavoura. Grandes proprietários de Santo Amaro e Cachoeira promoveram reuniões nos anos de 1884 e 1885 com a intenção de “combater o abolicionismo, defender o trabalho escravo e a abolição gradual e indenizada” (BRITO, 2003, p. 217-219). Essas assembleias revelavam que o escravismo estava enfrentando uma progressiva desintegração e que os senhores procuraram, a todo custo, controlar o processo tentando estabelecer formas próprias para abolir o trabalho servil.

Diferentes discursos e comportamentos abolicionistas marcaram a campanha antiescravista no Recôncavo baiano, na década de 1880. Alguns indivíduos

.....
⁹ Sobre essa questão ver, Mendonça (1999, p. 103). Segundo esta autora, a lei de 1885 foi favorável ao proprietário em diversos pontos, pois “várias de suas medidas determinavam e previam a continuidade das relações de atrelamento pessoal entre ex-senhores e libertos”.



se envolveram numa vertente moderada do movimento, adotando medidas legalmente aceitas quando, por exemplo, se apresentavam para advogar causas de liberdade em ações cíveis promovidas por escravos contra seus senhores.¹⁰ Outros, abraçaram métodos mais arrojados, incitando e acoitando cativos fugidos, despertando indignação em senhores de engenho que se mobilizavam no sentido de conter o crescimento do sentimento abolicionista, sobretudo através da criação de associações que visava garantir interesses da lavoura.

Significativas transformações ocorreram na década de 1880, operadas no campo das relações senhoriais. Parte da sociedade engajou-se no movimento emancipador, utilizando-se de argumentos econômicos e humanitários para defender seu antiescravismo. A imprensa foi largamente utilizada pelos abolicionistas para registrar conferências, noticiar libertações, denunciar maus-tratos aos escravos, entre outras coisas. Em 26 de abril de 1884, o advogado José Joaquim Villas-boas, Cesário Ribeiro Mendes e José Correia da Silveira e Souza emitiram uma nota no jornal *O Guarany*, no qual convidavam “representantes do clero, do comércio, das artes da lavoura e da justiça, bem como todo o povo cachoeirano” para a festa de instalação da *Sociedade Libertadora Cachoeirana*, marcada para o dia 1º de maio daquele mesmo ano.¹¹

Aproximadamente dois meses mais tarde, José Joaquim Villas-boas, então presidente da referida sociedade, utilizou-se da imprensa para publicar mais um convite, dessa vez dirigindo-se aos escravos. O conteúdo do texto demonstra que a *Sociedade Libertadora Cachoeirana* pretendia participar da campanha antiescravista adotando medidas legalmente permitidas. Na seção de noticiários, deixou o seguinte registro:

Às 3 horas da tarde de 24 do corrente recebe, em casa do sr. adv. Villas-boas, o conselho diretor da Sociedade Libertadora Cachoeirana, petições dos escravos que tendo parte do valor de sua liberdade, contratando com seus senhores, quiserem gozar dos favores que concede esta sociedade.¹²

.....
¹⁰ Sobre a atuação de advogados e juizes simpáticos ao abolicionismo, ver Azevedo, (2006). Essa pesquisadora fez uma crítica à interpretação historiográfica, segundo a qual as lutas dos abolicionistas “moderados” não “levaram a um questionamento efetivo das bases legais sobre as quais se sustentava o regime escravista”.

¹¹ *O Guarany*, 26 de abril de 1884, p. 3.

¹² *O Guarany*, 20 de junho de 1884, p. 1. Uma outra nota, publicada em 24 de junho de 1884, declarava: “A superioridade do pecúlio prefere em primeiro lugar [o cativo que seria alforriado]; e, em igualdade, a mulher ao homem. Em igualdade de sexo, o mais velho ao mais novo”.



Provavelmente foi por ouvir comentários sobre anúncios desse tipo, veiculado na imprensa local, que a escrava Margarida, parda, de 30 anos de idade, pertencente ao negociante João Pacheco de Miranda ficou sabendo que podia contar com a *Sociedade Libertadora Cachoeirana* na conquista da liberdade. Em 24 de junho, conforme o anúncio publicado na imprensa, a escrava solicitou da sociedade a quantia de 250\$000 [duzentos e cinquenta mil réis] para completar seu pecúlio, uma vez que havia contratado o valor de sua liberdade com o senhor em 500\$000 [quinhentos mil réis]. Após discutirem o caso, os sócios da referida instituição decidiram que o presidente e o primeiro secretário negociariam com o senhor de Margarida a redução do valor para 400\$000 [quatrocentos mil réis]. Tudo indica que o negociante aceitou a valor sugerido pela sociedade, pois dois dias depois, em 26 de junho, numa reunião extraordinária promovida pela Libertadora Cachoeirana, no paço da municipalidade, Margarida recebeu sua carta de alforria.¹³

Às iniciativas de abolicionistas, os grandes proprietários respondiam com ataques na imprensa, qualificando-os de “especuladores” e “desordeiros». A reação senhorial assumiu várias feições, desde aqueles que moveram ações judiciais contra abolicionistas até a criação de associações que visavam contrapor-se aos “males” da propaganda abolicionista. Em agosto de 1884, senhores de engenho e negociantes fundaram a *União Agrícola e Comercial dos Emancipadores de Cachoeira* (BRITO, 2003, p. 218; ver FRAGA FILHO, 2006, p. 108-109), defendendo a abolição gradual e com indenização para os proprietários. Os membros dessa organização atacavam as ações antiescravistas, considerando a “propaganda abolicionista transloucada”.¹⁴ Além de demonstrar o temor dos proprietários de verem seus trabalhadores abandonarem a lavoura, as declarações dos senhores evidenciavam a atuação cada vez maior e mais arrojada de pessoas nas lutas pelo fim do trabalho escravo.

Apesar da reação senhorial, o sentimento antiescravista, na década da abolição, havia se espalhado entre vários segmentos da sociedade. Citando Teodoro Sampaio, o pesquisador Walter Fraga mostrou que canoieiros que trabalhavam realizando travessias no rio Paraguaçu, entre a cidade de Cachoeira e povoação de São Félix, recusaram-se a transportar “escravos a serviço de senhores e prontificaram-se a transportar gratuitamente os que estavam em fuga” (FRAGA

¹³ APB, Atas da Sociedade Abolicionista Libertadora (Cachoeira) (1884-1887), maço: 2878.

¹⁴ O Guarany, 31 de março de 1885, p. 2.



FILHO, 2006, p. 103). Essa determinação dos canoeiros demonstra que os cativos puderam contar com um apoio crescente de populares.

Em relação à participação das mulheres no movimento antiescravista, embora os registros sejam ainda fragmentados, nota-se que se processou de formas diferenciadas, participando elas de conferências, libertando seus escravos ou mesmo fundando entidades abolicionistas.¹⁵ Na solenidade ocorrida em 26 de junho de 1884, quando a *Sociedade Libertadora Cachoeirana* conferiu cartas de liberdade a cinco escravos, o orador Joaquim Manuel de Santana dedicou boa parte do seu discurso ao “belo sexo” presente na reunião. Falando às senhoras, o orador declarou ter “convicção que não sois indiferentes aos grandes acontecimentos que se sucedem em benefício da pátria”.¹⁶ Essa postura do orador demonstra que nas solenidades abolicionistas havia grande participação feminina. Era também uma forma de ganhar o apoio feminino nos lares que ainda mantinham a escravidão de domésticos.

Muito embora não houvesse mulheres entre os membros da *Sociedade Libertadora Cachoeirana*, seus estatutos não impediam que elas se associassem, pois admitiam pessoas de “ambos os sexos”.¹⁷ Uma nota publicada em janeiro de 1885, no periódico *O Guarany*, ainda mais reveladora sobre a participação feminina nas lutas pela abolição. Além de marcar presença em cerimônias abolicionistas, alforriar escravos, recebendo muitos elogios nas folhas noticiosas, algumas mulheres alimentaram o desejo de criar uma instituição abolicionista. Vejamos a nota:

Vai se instalar nesta cidade uma sociedade de senhoras para libertar escravas e educar ingênuas. Promoverá os meios de levar a efeito tão útil ideia algumas senhoras cujos nomes publicaremos, acompanhadas dos srs. revd. vigário padre Guilherme

¹⁵ Analisando os caminhos percorridos por abolicionistas sergipanos, Meirevandra Figueirôa notou uma expressiva participação feminina no desmonte do escravismo na província de Sergipe. Analisando a lista de sócios da *Sociedade Libertadora Aracajuana Cabana do Pai Thomaz*, a autora constatou que entre os 44 sócios, 28 eram homens, 14 eram mulheres e 1 apareceu anônimo. Segundo ela, “as mulheres tornavam-se sócias por meio de ajuda pecuniária, doações de jóias e objetos para sorteios e leilões. [...] Algumas delas realizavam conferência pública e participavam ativamente das atividades internas da ‘Sociedade’” (Ver FIGUEIRÔA, 2007, especialmente o 3º capítulo).

¹⁶ *O Guarany*, 27 de junho de 1884, p. 3.

¹⁷ APB, Estatuto da Sociedade Libertadora Cachoeirana, maço: 2879 (ver também BRITO, 2003, p. 97-98). De acordo com o pesquisador, quinze mulheres integraram a Sociedade Libertadora Sete de Setembro, criada na capital baiana. Além dessas, ele identificou um grupo de mulheres que, às vésperas da abolição, em maio de 1888, criou uma sociedade abolicionista com o objetivo de promover a educação de ingênuos.



Salles, dr. Henrique Santos, farmacêutico João Vaz, comendador Albino Milhazes, tenente Antonio Azeredo e Francisco Mendes.¹⁸

Infelizmente, não sabemos se a pretensão das senhoras foi concretizada. No entanto, a nota transcrita demonstra, sem meio termo, a mobilização de mulheres em torno da emancipação escrava naquela localidade. Além disso, revela que elas possuíam propósitos definidos, pois pretendiam “libertar escravas e educar ingênuas”. Esse comportamento é revelador, lavando em conta que muitas delas tinham participação ativa na vida pública como professoras de primeiras letras. Alguns dos homens que têm seus nomes grafados ao final do texto estavam envolvidos com o abolicionismo desde os primeiros anos da década de 1880. Sendo assim, não seria demais supor que as mulheres, que tiveram seus nomes omitidos, fossem esposas e/ou filhas desses indivíduos. Ademais, apesar das limitações da documentação da época, podemos concluir que o movimento abolicionista não foi exclusivamente masculino.

Enquanto se manteve vigente, a escravidão despertou sentimentos diversos entre a população brasileira. Os discursos ficaram mais dissonantes quando, em fins da década de 1880, as ações escravas, articuladas com a campanha abolicionista, assumiram atitudes mais arrojadas. Conflitos envolvendo escravos, libertos, abolicionistas, escravocratas e polícia tornaram-se comuns em diversas partes do país. Onde havia concentração de mão-de-obra escrava, os embates mostraram-se bastante acirrados, como aconteceu na região do Recôncavo baiano. Açucareira e escravocrata, essa região foi palco de intensos conflitos, uma vez que a propaganda antiescravista colocava em “risco” as relações sociais engendradas na escravidão, o futuro e a riqueza de muitas famílias abastadas que, durante tempos, lucraram com a exploração humana.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, C. M. M. **Onda negra, medo branco**: o negro no imaginário das elites – século XIX. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

¹⁸ O Guarany, 3 de janeiro de 1885, pp. 1 e 2.



ECOS DA ESCRAVIDÃO

AZEVEDO, E. Para além dos tribunais: advogados e escravos no movimento abolicionista em São Paulo. In: LARA, S. H.; MENDONÇA, J. M. N. (Orgs.). **Direitos e justiças no Brasil: ensaios de história social**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

BARICKMAN, B. J. **Um contraponto baiano: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo, 1780-1860**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2003.

_____. “Até às vésperas: o trabalho escravo e a produção de açúcar nos engenhos do Recôncavo Baiano (1850-1881)”, **Afro - Ásia**, 21-22. Bahia, s.ed., 1998-1999.

BRITO, J. L. **A abolição na Bahia: uma história política, 1870-1888**. Salvador: CEB, 2003.

CASTRO, H. M. M. **Das cores do silêncio: os significados da liberdade no sudeste escravista - Brasil século XIX**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CONRAD, R. **Os últimos anos da escravatura no Brasil: 1850-1888**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; 2ª ed., 1978.

FIGUEIRÓA, M. S. **Matéria livre... espírito livre para pensar: um estudo das práticas abolicionistas em prol da instrução e educação de ingênuos na capital da província sergipana (1881-1884)**. Dissertação. (Mestrado em História). São Cristóvão, UFS, 2007.

FONSECA, L. A. **A escravidão, o clero e o abolicionismo**. Recife: FUNDAJ; Ed. Massangana, 1988.

FRAGA FILHO, W. **Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKI, C. B. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

MENDONÇA, J. M. N. **Entre as mãos e os anéis: a lei dos Sexagenários e os caminhos da abolição no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp; Cecult, 1999.

_____. **Cenas da abolição: escravos e senhores no parlamento e na justiça**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.



NASCIMENTO, L. C. D. **Terra de macumbeiros: redes de sociabilidades africanas na formação do candomblé jeje-nagô em Cachoeira e São Félix – Bahia.** Dissertação. (Mestrado em História). Salvador, UFBA/CEAO, 2007.

REIS, J. J.; SILVA, E. **Negociação e conflito:** a resistência negra no Brasil escravista. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SANTOS, E. F. **O poder dos candomblés:** perseguição e resistência no Recôncavo da Bahia. Salvador, EDUFBA, 2009.

SILVA, R. T. C. **Os escravos vão à justiça:** a resistência escrava através das ações de liberdade, Bahia, século XIX. Dissertação. (Mestrado em História). Salvador, UFBA, 2000.

SCHWARTZ, S. B. **Segredos internos:** engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.







BIOGRAFIAS



LARISSA MENEGAZZO NUNES

Meu nome é Larissa Nunes. Eu tenho 15 anos e estou cursando o segundo ano do ensino médio no Colégio Adventista da Bahia. Estudei do primeiro ao quarto ano do ensino fundamental nesse colégio e então me mudei para os Estados Unidos, onde fiquei por 6 anos. Durante esse tempo aprendi inglês e espanhol.

Minha preferência de leitura é romance. Também gosto de mistério, mas evito tal leitura porque fico muito impressionada. Quando eu tenho tempo livre, geralmente passo o tempo lendo ou desenhando e, de vez em quando, escrevo. Entre as minhas comidas preferidas estão uva, tomate, azeitona, pizza e pipoca.

Família, para mim, é algo muito importante, porque todos os meus amigos podem me deixar, mas ela sempre estará presente. Eu posso sempre depender



ECOS DA ESCRAVIDÃO

deles e confiar no seu exemplo. Porém, os amigos também são necessários e têm um papel importante na minha vida. Dentro da minha família eu admiro muito minha avó paterna, porque mesmo passando por tantas dificuldades na vida ela é sempre perseverante com uma atitude positiva. Mesmo não sendo uma pessoa ambiciosa, procurando viver um dia de cada vez, meu sonho é morar no Japão e aprender mais dessa cultura milenar. Eu gosto de aprender sobre outras culturas e tradições, pois dessa forma posso valorizar melhor as diferenças.

O CLICEL ajudou a aumentar o meu interesse por literatura. Os professores foram muito generosos em nos ajudar com nosso aprendizado e eu sou muito grata por eles. Com o CLICEL, eu pude “transpor” o manuscrito original e analisar sua importância, o que é bem divertido. Poder tentar decifrar a escrita e ver o progresso é muito gratificante. Eu acho que mais pessoas deveriam ter esse aprendizado mais cedo para poder avançar mais rápido nessa área muito importante para a sociedade.

REBECA MONTEIRO DE MORAES

152



Nasci no dia 15 de Março de 2001 e sou natural de Nova Xavantina, MT e durante 12 anos da minha vida morei nessa cidade com minha mãe, padrasto e irmã mais velha. Tenho uma irmã mais nova porém ela mora com a mãe dela também no Mato Grosso e meu pai mora em São Paulo. Enquanto morava em Nova Xavantina estudei em várias escolas por um curto período de tempo porém, sempre voltava para a mesma escola, Geração 2000. Em 2014 me mudei para a Bolívia com minha mãe e padrasto e passei um ano lá até percebemos que eu estava melhor aqui no Brasil, por isso em 2015 me mudei para o Paraná, em um colégio interno chamado IEMS-Instituto Educacional Manoel Soares que fica em Braganey e esse foi o melhor ano da minha vida.

A área de linguagens sempre foi a minha favorita e é um dos motivos pelo qual quero fazer faculdade nessa área com o curso de Tradutora Interprete de Línguas, o que também está ligado com meu sonho de fazer um intercâmbio. O CLICEL está tendo um

papel muito importante na minha vida, porque desde o Ensino Médio estou desenvolvendo habilidade como uma pesquisadora da área de linguagens e assim eu me preparo melhor para o meu futuro e também me preparo melhor para as responsabilidades que estão por vir. Desde sempre gosto de viajar, de conhecer lugares novos, fazer trilhas e acampar. No meu tempo livre eu geralmente leio. Atualmente estou lendo mais livros de suspense policial e meu autor favorito desse gênero é Harlan Coben, porém eu leio de tudo. Acredito que a leitura é como um portal mágico que leva exatamente para onde uma pessoa precisa ir naquele momento. De forma semelhante é o meu sentimento pela música, por isso ambos são uma grande parte da minha vida.

Meus amigos e família são tudo pra mim, pois sem eles eu não seria metade do que sou hoje. Em cada momento da minha vida pude perceber o quanto sou abençoada por ter algumas dessas pessoas em minha vida. Ao passar pelas dificuldades e decepções, eles estavam do meu lado sem julgar ou questionar. Apenas me apoiaram e ainda me apoiam em minhas decisões em meus piores e melhores momentos e nunca me abandonaram e sabem que eu faço o mesmo para eles. Eles são os melhores do mundo. Para mim, ter o apoio de seus amigos e família é uma das coisas que mais faz uma pessoa feliz. Por isso me inspiro em minha mãe, pois é uma das pessoas mais fortes que conheço, independente e que sabe lidar com problemas com a cabeça erguida e ao mesmo tempo amorosa e dedicada a sua família. A cada dia a admiro mais.



TÁSSIA CAMILE MATOS BARBOSA

E u me chamo Tássia Camile, nasci em 18 de novembro de 2000, na cidade de Cachoeira e tenho 16 anos. Curso o 1º Ano do Ensino Médio no Colégio Adventista da Bahia. Após 08 anos no CAB, tenho como amigos as pessoas mais interessantes e diversas e com elas aprendi que amizade é baseada em confiança e lealdade. Em meu tempo livre gosto de ouvir música ler, assistir filmes, séries e tocar. Gosto de ler

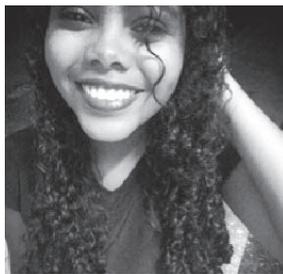


ECOS DA ESCRAVIDÃO

romances, poesia e biografias. Um dos meus maiores sonhos é, depois de concluir o Ensino Médio, estudar o que realmente aprecio. Penso que a família desempenha papel muito importante na formação das pessoas. Sinto que não são apenas as coisas que podem nos causar felicidade, e quando penso em algo ou um momento feliz, imagino quando estou com as pessoas que amo. Minha comida favorita é pizza.

Vejo no CLICEL a junção daquilo que é útil para minha vida acadêmica e algo agradável para minha vida pessoal. A partir dele descobri algo que gosto de fazer. Ao desenvolver um trabalho de pesquisa nessa etapa dos estudos senti o meu crescimento, já que decidi me comprometer com Clube. Eu me sinto muito beneficiada com tudo isso. Sinto que não é possível ter apenas uma pessoa com modelo, já que tenho em casa, no meu grupo de amigos, com os meus professores e também nos livros, nas músicas e em outros artistas um pouco do que quero ser. Ter todas essas pessoas me influenciando é algo que me faz agradecer todos os dias e meu pedido ou desejo é que todas as pessoas pudessem ter uma chance de ter uma vida feliz fazendo aquilo que gostam.

ANNE CAROL ABREU CÉO



Meu nome é Anne Carol Abreu Céu, tenho 16 anos, moro em Lauro de Freitas. Fiz meus estudos de educação infantil no Colégio Adventista de Salvador, o fundamental II no Colégio Mendel Vilas e agora curso o 2º ano do Ensino Médio no Colégio Adventista da Bahia. Nas horas vagas gosto de ouvir música ir à praia (quando estou em casa), ler e escrever. Gosto muito de ler ficção, fantasia, romances crônicas e poesias. Sou fã da série Para gostar de ler, e de Pedro Bandeira, Sr. Arthur Conan Doyle e recentemente descobri que gosto de José de Alencar.

Minha comida preferida é strogonoff de frango e de carne e o que me deixa muito feliz é viajar com a minha família ou simplesmente passar um tempo com

eles fazendo uma coisa que agrada a todos. Estou certa de que minha família estará sempre ao meu lado, amando incondicionalmente. A família é o mais próximo que podemos chegar do amor de Deus aqui na terra. Logo depois da família vem a amizade, que com toda a certeza, traz conforto, alegria e incentivo quando precisamos para sermos o que quisermos. É a nossa segunda família. O meu maior sonho é encontrar o meu propósito nesta terra, estar fazendo o que eu amo, com quem eu amo. As pessoas a quem eu admiro muito são meus pais, pois são determinados, persistentes inteligentes e assim alcançam seus objetivos na vida. Eles, mais do que ninguém, me incentivam a estudar e por isso entrei no CLICEL que me ensinou a pensar e agir como uma pesquisadora, me fez ver o país em que vivo e a língua que falo de um jeito diferente. Para alguém da minha idade sei que esse grupo de pesquisa vai me ajudar muito não só na minha vida acadêmica, mas em todos os outros aspectos da minha vida, pois depois dessa experiência como pesquisadora tenho certeza de que estou um pouco mais preparada para a vida.

Quando imagino o mundo daqui 15 anos, o mundo em que meus filhos vão viver, desejo que seja um lugar de pessoas mais humanas e menos ignorantes, onde a vida, os sonhos a harmonia sejam uma realidade e não uma mera frase. Quero um mundo sem preconceitos, onde se entenda que somos todos iguais, independente de qualquer coisa. Por fim quero agradecer a Deus pelo dom da vida e por ter me dado a oportunidade de entrar para o CLICEL. Agradecer aos professores Daiana Quelle Silva e Gilmar Costa, por terem se empenhado nos orientado e por fazerem um ótimo trabalho e aos meus pais, por terem me incentivado a estudar e aos meus amigos pelo incentivo.



EMERSON HENRIQUE LEITE DA ROCHA

Eu me chamo Emerson Rocha, tenho 14 anos, sou vegetariano, gosto de jogos online e tecnologia em geral. Gosto de diversos gêneros musicais



como pop, rock, indie e mpb e os meus artistas favoritos são Marina And The Diamonds, Miley Cyrus, Taylor Swift e Rae Morris. Minha comida preferida no momento é pizza cone de brigadeiro. Eu adoro tirar fotos do ambiente e de coisas especiais e gosto de atualizar sempre a minha galeria virtual. Tenho três irmãos humanos e três irmãos felinos. Carrego comigo princípios de honestidade, sinceridade – em diversos aspectos -, amor ao próximo, felicidade, liberdade. Gosto de ler livros que despertam a imaginação e criam ambientes na minha mente. Dependendo do livro, eu consigo imaginar os ambientes e diálogos dos personagens e isso me cativa. Meu livro favorito é O Assassinato de Roger Ackroyd, de Agatha Christie, pois de todos os livros que li, este é o que mais conseguiu cativar minha imaginação.

Estou cursando o primeiro ano do Ensino Médio no Colégio Adventista da Bahia, na cidade de Cachoeira. Antes de me mudar para cá, eu vivia em Recife e estudava no Colégio Adventista do Recife. Eu morava com a minha mãe e o meu irmão, porém estava sempre em contato com os meus avós e meu pai, que moram em cidades vizinhas. Eu nunca tive muitos amigos em Recife, apenas uns três até a terceira série e me lembro de todos os bons momentos de infância que tive com eles e os guardo no coração. Em casa, eu estava sempre sozinho, brincando, e acho que isso me levou a desenvolver uma imaginação e criatividade imensa. Isso pode parecer um transtorno – eu passava horas desligado do ambiente ao meu redor para me concentrar no que estava na minha imaginação. Eu passei a desenhar carros futurísticos e lhes dava nomes e antes mesmo de saber o que era um carro autônomo eu fiz um conceito muito parecido com os carros autônomos atuais.

Ao mesmo tempo, eu criava modelos para as bonecas da minha prima. Todos os fatos e coisas que ocorreram na minha vida contribuíram para eu me tornar quem eu sou – e vivo extremamente feliz com isso. Em todos os dias e momentos eu estou refletindo e aprendendo alguma coisa sobre mim, sobre alguém, sobre o universo onde vivo e me sinto muito humano por isso. Tenho como missão: alegrar o dia de todas as pessoas ao meu redor, com abraços e elogios, demonstrações de liberdade e amor. A escola é o lugar perfeito pra eu ser quem eu sou: posso abraçar todos os meus colegas e elogiar todos os meus professores e, talvez, fazer alguma diferença. Isso é pregar o amor na minha concepção.

E eu não poderia deixar de falar dos meus familiares e amigos, as pessoas mais próximas de mim. Eu sou extremamente grato pelos anos que venho passando na Bahia, no IAENE, onde aprendi valores de amizade que levarei pra toda a minha vida. Amo imensamente os amigos que fiz aqui, amo os momentos que temos juntos e amo o sentimento de ser abraçado e de contar sempre com pessoas ao meu lado.

Por anos eu não sabia o que era o amor, amar e ser amado por minha família no amor puro. Eu não entendia que as pessoas tem maneiras diferentes de demonstrar amor. Um dos momentos mais felizes da minha vida foi numa manhã de 11 de julho – meu aniversário. Eu estava em Pernambuco, na casa do meu pai, passando as férias. Eu saí do meu quarto a procura do meu pai com o coração batendo forte. Eu sentia que precisava dizer algo. Acho que ele sentia o mesmo. Eu o vi sentado escrevendo para mim, com lágrimas nos olhos, coisas que ele não se sentia capaz de falar. Eu o chamei e nós nos abraçamos por muito tempo, chorando.

Sem palavra alguma, eu soube o quanto eu era amado e senti o amor verdadeiro e puro como ele é. Desde aquele dia eu aprendi o que significa família, e dei um passo à frente no quesito de relações familiares. Eu me sinto completamente maturo para lidar com problemas familiares e ser carinhoso e compreensivo em todos os momentos, compreender as diferentes maneiras com que as pessoas demonstram amor por mim e também demonstrar amor por elas. Sinto que elas entendem como eu as amo. Isso é tudo pra que eu me sinta feliz! Me inspiro em pessoas como Steve Jobs e Mark Zuckerberg, que mudaram o mundo através da tecnologia. No momento o meu sonho é fazer intercâmbio e começar a minha start-up. Já elaborei diversos projetos mas nenhum deles foi tão inovador quanto o que tenho em mente. Espero que eu seja capaz de simplificar a vida das pessoas e contribuir para o progresso da humanidade. Esse é o meu maior sonho.

Em uma conversa este semestre com a professora Daianna Quelle fui convidado a me juntar ao “clube de literatura”, que posteriormente conheci como Clube de Iniciação Científica em Estudos da Linguagem. Não encontro as palavras para descrever a minha gratidão aos professores que coordenam o projeto – Daianna Quelle e Gilmar Costa, por todo o conhecimento e o valor que nos dão como estudantes e como pessoas. O CLICEL e a oportunidade de ser um pesquisador adolescente me fazem sentir especial e capaz de grandes realizações acadêmicas. Vejo esta oportunidade como um marco em toda a minha vida e sou muito grato por isso.



LIZ DAIANE DOS SANTOS TEIXEIRA

Eu sou Liz Daiane dos Santos Teixeira, tenho 18 anos e curso o 3º ano do Ensino Médio no Colégio Adventista da Bahia. Já fui estudante de outras três escolas. Entre elas a escola Municipal Teotônio Pereira Coimbra, que foi a mais enriquecedora, pois foi onde aprendi a desenvolver o senso crítico, onde houve a base para que eu apreciasse o conhecimento como algo enriquecedor e assim deveria ter como prioridade nas suas diversas formas de agrupamento. As leituras que me agradam vão desde livro religioso devido a minha crença cristã, a outros, como romances, comédia, poesia, ficção científica, Young adult, chick-lit e acadêmica. A leitura é uma das coisas que me trazem prazer. Assim, nas horas vagas ela e outras atividades como jogos que exercitam o cérebro como da memória, raciocínio, jogos de cozinhar, imobiliária entre outros, fazem parte do meu roteiro diário. Além disso, gosto de assistir filmes, nadar, andar de bicicleta e outras atividades físicas.

Em relação a seu estilo de vida, minha alimentação é um reflexo de alguém que procura conservar sua saúde na medida do possível, por isso procuro me abster de carne e tenho preferências por comidas simples, a exemplos de saladas de diversas formas, estrogonofe de soja com arroz branco, assados, cortado de maxixe entre outros pratos. Esses hábitos, assim como outros, foram aprendidos no âmbito familiar, ambiente de suma importância para vida de qualquer cidadã. Creio que é nele que, desde os hábitos alimentares, até comportamentos para com seus semelhantes são construídos, por isso a seriedade que se deve ter ao construir esse tipo de instituição, pois ela é à base de qualquer sociedade. A valorização da amizade é algo que também é aprendido no lar, pois é onde se

entende que todos são sociáveis e necessitam uns dos outros, por isso eu aprendi que ter verdadeiros amigos é melhor que ter uma carteira cheia de dinheiro, pois com minhas experiências, posso fazer amigos e me sentir amada por eles vale muito mais do que bens materiais.

Por ser cristã, eu confio muito em Deus, por isso estudar no colégio Adventista foi algo que eu encaro como um presente divino. Devido a minha condição financeira, isso seria totalmente impossível, mas eu pude ver na minha trajetória que não estava só, mas a mão divina me guiava por onde eu andava. Apesar das muitas situações de desânimo, não desisto: sigo segura e confiante de que posso realizar meus sonhos, inclusive o de ser médica e sei que posso contar com a ajuda desse colégio, através da qualidade existente nos docentes que nele atuam. Além disso, sonho em ter uma família estabilizada financeiramente também se realize.

Além da qualidade dos docentes outros aspectos que merecem parabéns no meu colégio são os projetos realizados para crescimento acadêmico dos alunos. Como por exemplo, os clubes de pesquisa, que procuram desenvolver assim na matéria escolhida uma interação maior do aluno com a prática da matéria que possui afinidade. Entre esses está o Clube de Iniciação Científica em Estudos de Linguagens - do qual faço parte e que se tornou de suma importância para mim. Através dele, percebo quão importante é a oportunidade que tenho de me tornar uma pesquisadora adolescente, para que possa estar tendo um conhecimento mais profundo sobre uns assuntos que só seriam vistos anos à frente.

Desejo que muitos outros obtenham essa mesma oportunidade de poder está além em conhecimento e qualidade da educação.

Assim, agradeço por Deus me conceder a oportunidade de poder ver a Sua bondade e amor através das bênçãos que ele realiza em minha vida, pelo estudo que eu nunca pensei que teria, pela escola e por perceber que meus maiores sonhos são os menores dEle para minha vida. Por isso a professora Rafaela é muito admirada, por ter essa atmosfera celeste em sua vida e compartilha com as pessoas quem ela entra em contato. A sabedoria do homem se não tiver de acordo com a de Deus é vã e passageira. É com isso que me preocupe tanto: que minha vida esteja ligada à vontade divina, para que todas as outras coisas sejam acrescentadas.





SOBRE OS AUTORES

DAIANNA QUELLE DA SILVA SANTOS DA SILVA

É Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Especialista em Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura pela Faculdade Internacional de Curitiba - FACINTER / IBPEX e Licenciada em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Atualmente participa do grupo de pesquisa de Edição de Textos, desenvolvendo trabalhos nas áreas de Crítica Textual e Estudos do Léxico sob a coordenação da Profa. Dra. Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz. Possui trabalhos publicados na área de Filologia e Léxico; Realiza edições e análises várias em documentos (manuscritos). É professora da Faculdade Adventista da Bahia e do Colégio Adventista da Bahia, líder do Clube de Iniciação Científica em Estudos de Linguagens – CLICEL atuando na área de ensino em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, respectivamente.

EXPEDITO ELOÍSIO XIMENES

Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (1997), mestrado em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (2004), doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (2009), com quatro meses de estágio na Universidade de Lisboa e especialização em Filologia pela Pontifícia Universidade



ECOS DA ESCRAVIDÃO

Católica de Minas Gerais (2011). Atualmente é professor adjunto nível I da Universidade Estadual do Ceará, campus de Quixadá, atuando principalmente nos seguintes temas: Língua Latina, Língua Portuguesa, Linguística Histórica, Filologia Românica, Edição e análise de textos manuscritos. É vice-líder do grupo de pesquisa TRADICE e do grupo de Crítica Textual. É líder do grupo de pesquisa PRAETECE.

GILMAR SOUZA COSTA

Possui graduação em Licenciatura em Letras com Francês pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2001). É especialista em Metodologia e Gestão da Educação Básica pela Universidade do Estado da Bahia (2003) e mestrando em Estudos de Linguagens, também pela Universidade do Estado da Bahia - Uneb. Atuou como professor de Língua Portuguesa e coordenador da Área de Linguagens do Sistema Adventista de Educação. Atuou como professor de Língua Latina, Língua Portuguesa, Interdisciplinaridade e foi Supervisor de Estágio (Licenciatura) na Faculdade Regional de Ribeira do Pombal - FARRP. Foi também Coordenador do Ensino Fundamental II no município de Elísio Medrado/BA, Supervisor Geral de Ensino no município de Santa Teresinha/BA e professor-pesquisador da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, na modalidade da Plataforma Freire. Lecionou Comunicação Empresarial no Instituto Baiano de Ensino Superior - IBES, em Salvador/BA e foi professor de redação do Ensino Médio no SESI - unidade Piatã. Atualmente é professor de Redação e Atualidades no Colégio Adventista da Bahia, além de coordenador de área na mesma instituição. É líder do Clube de Iniciação Científica em Estudos de Linguagens - CLICEL e tem experiência na área de Educação com ênfase em docência, atuando principalmente no seguinte tema: Literatura / Gramática / Leitura / Produção de texto / Educação/ Argumentação.

JACÓ DOS SANTOS SOUZA

Doutorando em História Social pela Universidade Federal da Bahia (PPGH-UFBA). Mestre em História Regional e Local pela Universidade do Estado da Bahia (2010). Graduado em História pela Universidade do Estado da Bahia/UNEB - Campus V (2007). Professor na Faculdade Adventista da Bahia, no curso de Pedagogia. Tem experiência na área de História, com ênfase em História da Bahia no século XIX, atuando nos seguintes temas: Recôncavo baiano, escravidão, liberdade, imprensa, abolicionistas e pós-abolição.



RITA DE CÁSSIA RIBEIRO DE QUEIROZ

Graduada em Letras Vernáculas (1989) e mestre em Letras e Lingüística (1995) pela Universidade Federal da Bahia. Doutora em Filologia e Língua Portuguesa (2002) pela Universidade de São Paulo. Professora Pleno da Universidade Estadual de Feira de Santana / UEFS. Nesta instituição, coordenou os projetos de pesquisa: Documentação de Feira de Santana: um trabalho lingüístico-filológico (1996-2013) e Edição crítica de autores baianos [(2005-2013) Financiamento FAPESB (2008/2011)]; coordena os projetos Estudo histórico-filológico e artístico de documentos manuscritos baianos dos séculos XVIII ao XX [(2004-2015) Financiamento FAPESB (2004/2007)]; e Língua e cultura: estudos sobre o léxico (2010-2015); foi editora responsável da Revista A Cor das Letras (2004-2006) e da revista Scripta Philologica (2005-2010); foi professora permanente do Programa de Pós-graduação em Literatura e Diversidade Cultural (2004-2013); é professora permanente do Programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos (2010-); foi colaboradora do Programa de Pós-graduação em Desenho, Cultura e Interatividade de 2006 a 2009. Coordena o Grupo de Edição de Textos e o Núcleo de Estudos do Manuscrito (Diretório dos Grupos de Pesquisa / CNPq); é orientadora de alunos de mestrado e de bolsistas de iniciação científica (PIBIC-CNPq, FAPESB e PROBIC-UEFS). Autora dos seguintes livros: A Escrita autobiográfica de Doutor Remédios Monteiro: edição de suas memórias (2006), Diferentes perspectivas dos estudos filológicos (2006) - em parceria com Rosa Borges dos Santos e Maria da Conceição Reis Teixeira), Documentos do acervo de Monsenhor Galvão: edição semidiplomática (2007), Manuscritos baianos dos séculos XVIII ao XX - vol. 1 (2007), Coletânea de textos românicos (2007), Língua, cultura e sociedade: estudos sobre o léxico (2009), Ensaio de crítica textual acerca de autores baianos (2011) e Designações toponímicas em Terras do sem fim, de Jorge Amado (2015). Tem diversos trabalhos publicados em periódicos e anais de congressos, tanto no Brasil quanto no exterior. Foi professora colaboradora do Programa de Pós-graduação em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional da Universidade do Estado da Bahia - UNEB - Campus V, de 2005 até 2009. Atua na área de Filologia Românica, desenvolvendo trabalhos com os seguintes temas: documentação manuscrita; preservação - memória; história - cultura; crítica textual; estudo do vocabulário.

